Fundamentos da Iniciação Esportiva

Fundamentos da Iniciação Esportiva

Fabiano Marques Camara

© 2018 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente
Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação e de Educação Básica
Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Danielly Nunes Andrade Noé
Grasiele Aparecida Lourenço
Isabel Cristina Chagas Barbin
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica
Ana Cláudia Bensuaski de Paula Zurron
Mateus Betanho Campana

Editorial
Camila Cardoso Rotella (Diretora)
Lidiane Cristina Vivaldini Olo (Gerente)
Elmir Carvalho da Silva (Coordenador)
Letícia Bento Pieroni (Coordenadora)
Renata Jéssica Galdino (Coordenadora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Camara, Fabiano Marques
C172f Fundamentos da iniciação esportiva / Fabiano Marques Camara. – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.
168 p.

ISBN 978-85-522-0551-7

1. Esportes – Estudo e ensino. 2. Educação física – Estudo e ensino. I. Título.

CDD 796.07

Thamiris Mantovani CRB-8/9491

2018
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 — Londrina — PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: http://www.kroton.com.br/

Sumário

Unidade 1 | Os desafios da iniciação esportiva 7

Seção 1.1 - Introdução à iniciação esportiva 8
Seção 1.2 - Relações básicas da iniciação esportiva 21
Seção 1.3 - Tratamentos que complementam 32

Unidade 2 | Atividades pedagógicas para o ensino de esportes 47

Seção 2.1 - Formação esportiva 49
Seção 2.2 - Métodos formativos 60
Seção 2.3 - Aspectos pedagógicos do ensino do esporte 72

Unidade 3 | Concepção de ensino, eixos e procedimentos metodológicos 87

Seção 3.1 - Concepções do ensino esportivo 89
Seção 3.2 - Eixos metodológicos 102
Seção 3.3 - Procedimentos metodológicos 114

Unidade 4 | O sistema complexo no entorno esportivo 129

Seção 4.1 - Especialização precoce 131
Seção 4.2 - Influências ambientais 142
Seção 4.3 - Influências socioculturais 152

Palavras do autor

Caro aluno!

Seja bem-vindo à proposta de estudos sobre o tema Fundamentos da iniciação esportiva!

Sabe-se que a prática esportiva na infância e adolescência é realizada há muito tempo, sob muitas tradições, mas muito se avançou no conhecimento científico da área. Assim, é de grande valia que o professor de Educação Física esteja atento às metodologias de ensino do esporte, para não reproduzir práticas que ainda não estejam fundamentadas em metodologias esportivas, sendo disseminadas por ex-atletas ou leigos, prejudicando o aprendizado.

Dessa forma, o objetivo da disciplina é *discutir* e *apresentar* os fundamentos teóricos que proporcionam uma adequada experiência de aprendizagem do fenômeno esporte e como *aplicar* esses conhecimentos na situação real da área de Educação Física e do Esporte. Ainda visa estimular a autonomia do futuro professor para que ele se sinta preparado para atuar com máxima qualidade no âmbito do esporte.

Para tanto, a disciplina foi dividida em quatro unidades. Na primeira unidade, você aprenderá sobre os processos de crescimento e maturação, e como esses conceitos precisam ser considerados na prática esportiva. Além disso, será construída a base dos processos metodológicos do ensino do esporte, incluindo desde a discussão sobre capacidade física e habilidades técnicas, bem como o fenômeno esporte se manifesta na sociedade.

Em seguida, na segunda unidade, você avançará no conhecimento sobre as abordagens de ensino do esporte. Discutiremos as aplicações, vantagens e desvantagens das abordagens mais clássicas, como o tecnicismo, até a aplicabilidade de propostas de vanguarda como a utilização de jogos pré-desportivos. Finalizando esta unidade, você ampliará seus conhecimentos sobre o papel da cooperação e da competição na iniciação esportiva.

Na unidade três, o desafio estará centrado na aprendizagem dos procedimentos metodológicos do esporte. Nesse contexto, você vivenciará reflexões e aplicações sobre as concepções de ensino, inteligências técnica e tática e as diferenças de aplicação do esporte,

como no contexto da escola e clubes. Por fim, na quarta unidade, a reflexão gira em torno do impacto social do esporte, equipamentos e instalações esportivas, com uma abordagem fundamental sobre a especialização precoce.

Esse mergulho no universo da iniciação esportiva, baseado em evidências científicas e situações aplicadas, será de grande valia para sua diferenciação no mercado de trabalho. No entanto, o destaque na profissão não acontecerá sem dedicação aos estudos!

Os desafios da iniciação esportiva

Convite ao estudo

A iniciação esportiva é um desafio extremamente dinâmico. Muito se evoluiu nas últimas décadas sobre as possibilidades e potencialidades da prática esportiva na infância e adolescência. Dado esse contexto, aprender sobre os fundamentos básicos, sobre o impacto do esporte no desenvolvimento infanto-juvenil, é de grande valia para o professor de Educação Física.

Saber identificar as relações estabelecidas entre a individualidade biológica, os estímulos ambientais, crescimento e maturação é o alicerce de um programa de iniciação esportiva. Nesta unidade, nos debruçaremos sobre esses tópicos para ajudar dois professores de Educação Física a implantar um projeto.

Esses professores são Tiago e Gustavo, recém-formados no curso de bacharelado em Educação Física. Mediante seu bom desempenho na graduação, Timóteo, um ex-professor, os convida para desenvolver um projeto de iniciação esportiva para 300 crianças.

No entanto, o professor alerta que um dos financiadores do projeto teme que as crianças se sintam excluídas ou se machuquem, já que ele teve essa experiência nos anos de 1970. Todavia, a comunidade tem solicitado um projeto de iniciação esportiva, mas esse gestor ainda está relutante para o investimento nessa demanda.

Assim, Timóteo pede que eles se preparem para uma série de reuniões e oficinas, nas quais eles terão que fazer apresentações orais e oficinas aplicadas, com intuito de desconstruir a visão que o esporte pode ser lesivo ou excludente. Desse modo, Tiago e Gustavo precisarão retomar e sistematizar os aspectos biológicos e pedagógicos da iniciação esportiva, desde questões sobre maturação até aquelas sobre as concepções do esporte.

Seção 1.1

Introdução à iniciação esportiva

Diálogo aberto

O gestor do projeto parece estar inclinado a investir no empreendimento. No entanto, ele relata que acha melhor somente focar em atividades individuais, e acredita que isso seria suficiente para o aprendizado do esporte, já que, na sua concepção, as atividades coletivas ficam difíceis para serem desenvolvidas, precisando de mais recursos humanos e materiais, ou seja, ficaria caro. Com essa ideia, ele rebate a pressão da comunidade que quer um projeto específico de futebol. A população diz que quer revelar seus talentos!

Desse modo, Tiago e Gustavo, tem sua última chance de compor um conjunto de argumentos sobre a abrangência do esporte na infância. Quais alternativas, se é que elas existem, poderiam ser apresentadas para esse gestor? Como argumentar e discutir sobre esse assunto, perante as visões da comunidade e do gestor? Novamente, o gestor precisa que os professores vão até ele, mas enfatiza que existe a necessidade de argumentos concretos, pois existe a necessidade de se tomar uma decisão acertada. O gestor pensa em organizar um pequeno evento com a participação de representantes da comunidade e, segundo Timóteo, ele pode agendar a participação dos professores nesse evento. Está lançado o desafio! Como podemos apoiar esses professores?

Não pode faltar

Crescimento, talento, desempenho, resultado. São tantos termos associados à prática esportiva. Em vista disso, o bom professor de Educação Física deve estar atento aos conceitos que permeiam esses termos. Uma interpretação equivocada pode até inviabilizar o desenvolvimento de um projeto esportivo ou qualquer outra atividade relacionada.

Muito se fala em talento esportivo e desenvolvimento pelo esporte. É comum ouvirmos jargões, como: "ele nasceu para isso", indicando que algum atleta ou aluno já nasceu com tudo pronto para o desempenho esportivo. Mas de onde vem essa impressão? Como explicar que alguma habilidade ou capacidade esportiva venha como herança de nossos pais? O próximo tópico nos ajudará a elucidar esse debate!

O inato e o adquirido no esporte

Todos nós carregamos nossa herança genética, ou seja, características biológicas herdadas de nossos pais. Lembra quando aprendemos que um casal com olhos azuis, certamente terá um filho de olhos azuis, já que os pais apresentam apenas genes recessivos? De fato, é um assunto muito interessante e intrigante. A genética ou, dito de outro modo, as características inatas, obviamente influenciam na prática esportiva.

Com isso, podemos entender que alguma parte do desempenho no esporte é inato. Como bem disse Freire (1991), nenhum bebê nasce imóvel e, sim, há um sentido em defender a ideia de que trazemos possibilidades de movimento de nossa herança genética.

Sabemos que a distribuição dos tipos de fibra na composição de um músculo esquelético é determinada pela genética. Assim, uma pessoa que nasceu com uma maior quantidade de fibras musculares do tipo II, aquela mais propensa a atividades de força e potência, pode proporcionar melhor desempenho em atividades e modalidades esportivas que necessitam predominantemente dessas capacidades físicas. Desse modo, essa relação pode se estender para outros sistemas orgânicos, onde a capacidade cardiorrespiratória, por exemplo, que impacta diretamente no desempenho de atividades aeróbias, como as maratonas, também tem forte influência genética. Estudos com gêmeos são clássicos nessa área. Veja esse exemplo de um clássico estudo do pesquisador Bouchard (1986):

Exemplificando

Um estudo clássico com gêmeos demonstrou que nossa capacidade cardiorrespiratória (avaliada pelo VO2máx – Consumo máximo de oxigênio) é determinada 40% pela genética. Já a frequência cardíaca máxima, sofre influência de 50% de nossos genes.

Sabemos, por outro lado, que a estatura sofre importante influência genética. Considerando condições de saúde normais e nutrição adequada, a estatura é fortemente direcionada por fatores genéticos tanto em valores máximos e velocidade de crescimento. Portanto, essa predisposição genética, pode impactar no desempenho esportivo em modalidades diversas, principalmente naquelas em que a estatura seja um fator marcante de desempenho.

Reflita

Assim, o que podemos concluir com esses dados sobre genética e características biológicas? Será que o gestor citado na situação-problema em questão sabe dessa relação?

Percebe, caro aluno, em que ponto chegamos da discussão? Se considerarmos que a genética é preponderante, qual o papel do treinamento esportivo, das aulas de Educação Física ou dos programas de exercícios? Por outro lado, analisando com cuidado o exemplo anterior. Vimos que 40% da nossa capacidade cardiorrespiratória depende de 40% da nossa genética. Então, como influenciar os 60% restantes?

Questões similares a essa intrigaram os pesquisadores e os professores de Educação Física. Assim, precisamos nos debruçar em outro conceito, não oposto, mas complementar à ideia de inatismo (aquilo que é inato, genético): o *adquirido* por meio do esporte.

Dito de outro modo, como as influências externas/ambientais, podem impactar no desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades básicas, fundamentos técnicos e tudo que pode influenciar o desempenho esportivo?

Nesse ponto, a reflexão de Freire (1991) toma corpo nessa discussão. Nascemos, sim, com capacidades inatas de movimento, haja vista como um bebê logo se movimenta mesmo antes de nascer. No entanto, o contato com o exterior, com o ambiente, tende a multiplicar as possibilidades de movimento. Assim, podemos traduzir esse contato inato com os estímulos ambientais, como a *capacidade de aprendizagem* que o ser humano exibe em toda sua existência.

Em síntese, da mesma forma que vimos possibilidades e influência da genética, podemos afirmar com toda a segurança

que o movimento humano e, por assim dizer, o gesto esportivo, é aprendido mediante estímulos ambientais. Aliás, importante tocar nesse assunto, que estímulos estamos nos referindo. Podemos focar por hora nas práticas esportivas, mas outros estímulos ambientais influenciam de maneira significativa o desempenho esportivo.

É manifesto que os sistemas orgânicos alcançam alto desempenho mediante estímulos de exercício. Períodos de treinamento aeróbio aumentam significativamente o débito cardíaco, proveniente de adaptações morfológicas como aumento da cavidade ventricular, impactando no volume sistólico e a função cardiovascular geral. Não estamos aqui para discutir fisiologia cardiovascular, mas veja como esse exemplo complementa a ideia da herança genética.

Conclui-se, portanto, que temos possibilidades de desempenho esportivo para além da genética, com estímulos adequados de treinamento físico.

Estamos ainda, na esfera do treinamento das capacidades físicas, ou seja, como melhorar o desempenho da força muscular, resistência aeróbia ou flexibilidade. Mas há sempre uma preocupação muito forte no contexto da Educação Física: a aprendizagem do movimento, do gesto motor específico.

Freire (1991) defende que os movimentos inatos de um bebê, que até então são constituídos de gestos ainda sem intenção, ordem ou finalidade, são de fato uma vantagem da espécie humana. A superior vantagem da aprendizagem. O ser humano aprende e supera sua incapacidade inata (haja vista que outros animais já praticamente nascem com habilidades muito especializadas) por se deixar influenciar pelo meio e aprender em que vivem com seus estímulos.

Considerações sobre o papel do sistema nervoso na aprendizagem do movimento esportivo, destacam que a dependência dos estímulos ambientais para a aprendizagem do movimento é tão intensa, que a participação dos genes na aprendizagem do movimento é considerada remota.

Vale destacar que estímulos ambientais não são apenas oriundos do treinamento esportivo, mas são provenientes também da cultura na qual o ser humano está inserido. Por meio do movimento, o ser humano constrói sua cultura corporal e é modificado dinamicamente por ela.

Assim, como utilizar essa reflexão? Um caminho é se manter atento ao desempenho dos seus alunos. Eles vão questioná-lo sobre as diferenças. Desse modo, mostre aos alunos, e a qualquer pessoa, que o desempenho esportivo e a aprendizagem do gesto motor, são originários de uma predisposição genética combinada com estímulos ambientais, ou seja, em boa parte esses estímulos são sua aula, futuro professor.

Assim, conclui-se que ainda há muita dificuldade em distinguir o que é inato ou adquirido pelo esporte, ou exercício, ou pelas aulas de Educação Física. Aliás, o texto a seguir persegue essa discussão, e nos mostra que a carga genética parece ter menos influência do que se pensava. Assim, nossa responsabilidade aumenta a cada dia.

Pesquise mais

Nesse texto, você terá acesso a uma interessante discussão do papel da genética e do treinamento na aprendizagem esportiva.

RÉ, Alessandro Nicolai. **Desempenho esportivo**: talento inato ou treinamento. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd149/desempenho-esportivo-talento-inato-ou-treinamento.htm>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Crescimento, maturação e esporte

Há muito tempo, defendeu-se que certas modalidades esportivas poderiam prejudicar o crescimento das crianças. Essa crença foi fortemente influenciada, por exemplo, por observadores leigos que concluíam que a ginástica artística era responsável por impedir o crescimento de seus participantes. Concorda com essa afirmação?

Pois bem, pode-se verificar crianças de estaturas variadas nos centros de formação da modalidade, você já reparou? No entanto, ao direcionar essa prática para o alto rendimento esportivo, ou seja, com foco em desempenho máximo, os praticantes de menor estatura apresentam melhor desempenho. Dito de outra maneira, a modalidade "selecionou" aqueles geneticamente predispostos a ter menor estatura, mas não determinou que o crescimento deles fosse interrompido.

Pesquise mais

Você pode encontrar uma breve e interessante discussão sobre esse assunto numa entrevista concedida pelo professor Alves Ferreira Filho, que realizou uma pesquisa sobre a polêmica entre a ginástica artística e o crescimento. Além disso, ele traz outro fato muito interessante sobre o impacto da maturação no desempenho das atletas de ginástica. Acesse o artigo e aprofunde seus conhecimentos. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=5968>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Nesse ponto, podemos fazer um destaque: o profissional de Educação Física precisa estar preparado parra esclarecer essas questões polêmicas. Portanto, precisamos entender o que é o processo de crescimento e maturação e quais fatores influenciam esses dois aspectos.

Reflita

Assim, imagine quantas crianças e adolescentes foram impedidos pelos pais ou responsáveis de praticar a ginástica artística? Quantas possibilidades de aumento seu reportório motor, desenvolver o equilíbrio, a concentração ou mesmo a interação social foram perdidas?

O fenômeno do crescimento ocorre nas primeiras duas décadas de vida, incluindo, os 9 meses de gestação. O crescimento pode ser definido por um complexo mecanismo que depende dos fenômenos de hiperplasia (aumento da quantidade de células de um tecido), hipertrofia (aumento do volume celular).

Ou seja, esse aumento do tamanho dos tecidos ocasionará um aumento no tamanho e proporção de várias partes do corpo e do próprio corpo como um todo. Dessa forma, no processo de crescimento, a criança ficará mais alta e mais "pesada" (maior massa corporal) devido ao aumento do tamanho dos tecidos ósseo, muscular e outros.

No caso da maturação, esse conceito é mais complexo e de difícil definição, como aponta uma das maiores referências da área (MALINA, 2009). A maturação refere-se ao processo percorrido pelo corpo humano para se tornar adulto (maduro). Isso ocorre de diferentes formas, em diferentes sistemas.

Por exemplo, no que se refere à maturação sexual, essa é definida pela completa funcionalidade do sistema reprodutor. Já no caso da maturação do sistema esquelético, essa é descrita como o momento em que se observa que o osso juvenil passa a apresentar constituição celular de um osso adulto. A maturação de ambos os sistemas citados dependem da maturação dos sistemas nervoso e endócrino. Em suma, é o processo integrado que o organismo apresenta até atingir a fase adulta.

Assimile

A literatura da área preconiza algumas diferenças entre crescimento e maturação. No entanto, vale destacar que ambos os processos ocorrem de maneira integrada, sendo difícil distinguí-los pela observação. O importante é ter em mente que são processos que marcam o desempenho esportivo, principalmente porque não ocorrem de forma homogênea no ser humano. Em síntese, a velocidade dessas alterações pode ser bem distinta para uma mesma idade cronológica. O texto a seguir pode ajudar a compreender melhor essa ideia: RÉ, Alessandro H. Nicolai. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: implicações para o esporte. **Motricidade**, v. 7, n. 3, p. 55-67, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2011000300008>. Acesso em: 19 set. 2017.

Entendendo que tanto o crescimento como a maturação não ocorrem na mesma velocidade para as crianças, esse é um fator crucial para o desenvolvimento da criança e o desempenho nas modalidades esportivas.

Podemos destacar que a organização clássica das aulas de Educação Física pauta-se em dividir as turmas por gênero e faixa etária. E isso pode ter fundamento nas diferenças dos processos de maturação e crescimento observadas até hoje.

No gênero feminino, a puberdade ocorre mais cedo que no masculino e provoca alterações nas proporções corporais e altera o desempenho esportivo.

Exemplificando

Isso pode resultar, por exemplo, na alteração do tamanho da pelve das meninas, influenciando no posicionamento dos membros inferiores, resultando em mudança no padrão da corrida. Assim, as meninas podem perceber dificuldades na técnica de corrida e o professor deve estar atento para adaptar as aulas dentro dessa nova fase na vida da sua aluna.

E a força? Sim, para ambos os gêneros, a força aumenta de forma linear quando comparada com a idade. No entanto, por volta dos 13 anos, a adolescência proporciona um aumento significativo de força nos meninos, todavia, nas meninas o aumento continua sendo linear e mais lento. Ainda assim, as diferenças de força entre meninos e meninas são mais marcantes em membros superiores, do que no tronco e membros inferiores. Assim, veja como é complexo a prescrição de aulas de iniciação esportiva para crianças e adolescentes. Teremos, portanto, que considerar muitos aspectos.

A partir desses dois exemplos, parece ter lógica a separação de turmas por gênero. No entanto, não podemos perder de vista que a aprendizagem conjunta entre meninos e meninas pode, e deve ser estimulada.

O caso da divisão das turmas de Educação Física por faixa etária nos leva a pensar sobre o problema da velocidade do crescimento e maturação. Tendo como referência a idade cronológica, alunos com 10 anos, por exemplo, podem apresentar estágio de maturação distintos.

Podemos ilustrar essa ideia analisando o caso de Arthur e Pedro, alunos de um programa de futebol. Arthur apresenta desenvolvimento muscular similar à de um adolescente. Por outro lado, Pedro ainda não atingiu esse nível de maturação. Portanto, o desempenho na aula será diferente: Arthur poderá levar "vantagem" por ter um desenvolvimento precoce. Assim, na iniciação esportiva, não apenas o aprendizado da técnica e tática vai influenciar o desempenho, mas o estágio de maturação do aluno.

Não raro, nosso aluno Arthur pode estar próximo de seu desempenho máximo e nos próximos anos não evoluir muito.

Por outro lado, Pedro pode atingir seu ápice um pouco depois e ter melhores resultados que Arthur. Concluindo: temos que entender o processo de maneira global. Se não tivéssemos esse conhecimento, poderíamos ter desencorajado Pedro a continuar a atividade esportiva. Cuidado, pois podemos observar crianças com velocidade de maturação mais rápida (precoce) ou com velocidade mais lenta (tardio).

Assimile

Assim, tendo como referência a idade biológica, podemos ter alunos tardios (aqueles que ainda não estão no estágio de maturação/crescimento esperado para a idade) e precoces (aqueles que estão adiantados no processo de maturação). Esse cenário é comum e exigirá do professor adaptação das aulas e treinos para que estimule adequadamente ambos os perfis.

Vale agora nos atermos a famosa polêmica da estatura. O exercício bem prescrito não vai prejudicar o crescimento, nem tampouco fazer com que a criança seja "mais" alta. O exercício regular e nutrição adequada contribuirão para que essa criança atinja seu potencial de crescimento direcionado geneticamente.

Por outro lado, é sabido que a desnutrição afeta consideravelmente o potencial de crescimento das crianças. O que isso significa? Que o ambiente, os padrões alimentares, entre outros fatores, influenciam no crescimento e desenvolvimento humano, não apenas tomando por base o fator genético, conforme discutido anteriormente em conceitos sobre o inatismo.

Você já deve estar chegando à conclusão de que devemos identificar o nível de maturação do aluno e dividir nossas turmas segundo esse critério. Mas, como podemos identificar o nível de maturação?

Isso será possível, se utilizarmos o método de *Tanner* (conhecido como as pranchas de *Tanner*). Esse método consiste em identificar o estágio de desenvolvimento de caracteres sexuais secundários através de imagens do tamanho do pênis, pelos pubianos e seios. Em linhas gerais, a criança se autoavalia e indica em que estágio se encontra. Feito isso, o professor pode optar por organizar suas

avaliações e análises do desempenho de acordo com o estágio maturacional, evitando interpretações equivocadas sobre o desempenho de sua turma.

Pesquise mais

A avaliação da maturação pelas pranchas de Tanner segue um protocolo específico que considera questões éticas e técnicas. Assim, antes de utilizá-lo, considere todo o seu procedimento, incluindo autorização dos responsáveis e explicação clara para as crianças e toda a equipe. As diretrizes podem ser encontradas nessa referência: MARTIN, Rosa Helena Cahali et al. Auto-avaliação da maturação sexual masculina por meio da utilização de desenhos e fotos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 212-222, 2001.) Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luciana_Bojikian/publication/238675156_AUTO-AVALIAO_DA_MATURAO_SEXUAL_MASCULINA_POR_MEIO_DA_UTILIZAO_DE_DESENHOS_E_FOTOS/links/55e6019808aebdc0f58bacb6.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Podemos concluir que o desempenho esportivo será influenciado diretamente pelos fenômenos de crescimento e maturação. Devemos nos atentar, sempre, que isso impacta na organização da nossa aula. Teremos que disponibilizar diferentes opções de estímulos, fortes e fracos, atividades mais ou menos complexas, para que todos os alunos percebam seu corpo sendo estimulado de acordo com seu estágio maturacional.

Além disso, ninguém deve ser excluído de uma atividade por um desempenho abaixo do esperado para a faixa etária. A maturação, nesse caso, pode ser tardia e, às vezes, apenas mais um ano de trabalho, e o resultado pode ser bem diferente.

Sem medo de errar

Nesse momento, já temos bons argumentos para direcionar a resolução do desafio enfrentado por Tiago e Gustavo. Eles precisam compor um conjunto de conhecimento para desconstruir a ideia de que o esporte pode prejudicar o crescimento. Assim, eles podem compor uma apresentação oral, com dados quantitativos

e estatísticos sobre o tema (lembrando que o gestor é uma pessoa objetiva).

Para tanto, eles podem lançar mão:

1. De informações científicas que comprovem a carga genética responsável pela estatura, inclusive de fórmulas de predição que se utilizam dos dados dos pais da criança.

2. De dados que demonstram que atletas de baixa estatura praticantes de determinadas modalidades já tinham esse perfil, de acordo com a estatura dos pais.

3. De fundamentos que expliquem quais são outros fatores que prejudicam o crescimento, como a nutrição e doenças associadas.

Por fim, eles devem buscar estratégias de demonstrar esse conhecimento técnico a uma pessoa que não é da área do esporte. Dessa forma, a utilização de gráficos e tabelas é bem-vinda nesse contexto.

Avançando na prática

A motivação de um grupo de alunos no futebol

Descrição da situação-problema

Uma escolinha de futebol preserva uma abordagem tecnicista de ensino. A justificativa para essa abordagem é a necessidade de descobrir talentos para um grande clube. A equipe técnica realiza diversos jogos no formato profissional e observa quais são os alunos que jogam bem ou mal, e em quais posições eles devem ser direcionados. Com o passar das aulas, observa-se um aumento na evasão. Os pais informam aos gestores que os alunos estão desmotivados, porque "não pegam na bola" ou "não conseguem fazer gol, só alguns privilegiados fazem". Desse modo, como reverter essa situação? Quais alterações no programa poderíamos propor para solucionar o caso?

Resolução da situação-problema

Nesse caso, os professores e a equipe técnica da escolinha de futebol poderiam observar as seguintes diretrizes:

1. Buscar protocolos de avaliação física e motora para identificar as diferenças do ponto de vista da aptidão.

2. Incluir no protocolo de avaliação uma abordagem que identifique o nível maturacional de cada aluno e fazer a relação com o desempenho físico, técnico e tático.

3. Do ponto de vista da organização das aulas, alternar as funções táticas no momento dos jogos coletivos, para avaliar o desempenho em outras funções. No caso do futebol, priorizar que as crianças façam gols, adaptando e proporcionando situação de desafio e êxitos.

4. Por fim, realizar uma reunião com os pais, discutindo todas as questões de maturação e crescimento e demonstrando como a aula pode ser modificada para atender a todos e manter a adesão e a motivação.

Faça valer a pena

1. O desempenho esportivo pode ser influenciado por estímulos fisiológicos e do ambiente. Desse modo, um aluno apresentou maior velocidade na corrida, pois foi detectado que este apresentava um maior número de fibras musculares de contração rápida.

Tendo isso em vista, qual conceito explica ou explicaria a apresentação deste tipo de fibras musculares e o impacto desta no desempenho do esporte de determinados alunos?

a) Inatismo.
b) Fenótipo.
c) Maturação.
d) Crescimento.
e) Desenvolvimento.

2. Crescimento e maturação biológica são fenômenos complexos e fundamentais para o desenvolvimento humano. Além disso, o crescimento tem sido alvo de muitas polêmicas no esporte, inclusive alguns argumentam que determinadas modalidades esportivas podem prejudicar o crescimento. Desse modo, é importante saber como ele ocorre.

Dado esse contexto, quais são os principais mecanismos celulares que explicam o processo de crescimento?

a) Maturação e Hipertrofia.
b) Hipertrofia e Hiperplasia.
c) Genótipo e Mitose
d) Meiose e Hiperplasia.
e) Hiperplasia e Maturação.

3. São muitas as variáveis que temos que considerar no processo de iniciação esportiva. Dentre elas, as avaliações de crescimento e antropométricas são fáceis de se realizar. Por outro lado, a determinação do estágio maturacional é um processo mais complexo, mas pode ser determinado pelo método de Tanner.

Assim, assinale a alternativa correta com relação ao método de Tanner.

a) É um processo antropométrico que considera medidas de diâmetros ósseos, dobras cutâneas e a estatura para definir o estágio maturacional.
b) É uma avaliação de imagem, que proporciona a medida dos ossos e órgãos, determinando, assim, o estágio de maturação.
c) É uma avaliação que consiste em identificar o estágio de desenvolvimento do sistema reprodutor através de dosagem hormonal.
d) É uma avaliação que permite identificar o estágio de desenvolvimento de características sexuais secundárias através de imagens do tamanho do pênis, pelos pubianos e seios.
e) É um método qualitativo que indica se o comportamento da criança condiz com a maturação biológica.

Seção 1.2

Relações básicas da iniciação esportiva

Diálogo aberto

Nossos profissionais de Educação Física realizaram um bom trabalho nos primeiros encontros com o gestor, mas ainda restam algumas pendências. Ele ainda não está totalmente convencido de que o esporte é para todos. Ele observa que as crianças de sua comunidade não "levam jeito" para a atividade esportiva e duvida que isso se resolva com um projeto, e ainda relata: "Mesmo que não prejudique o crescimento isso não vai melhorar muito as coisas por aqui".

Assim, quais estratégias Tiago e Gustavo podem utilizar nesse contexto? Eles podem lançar mão de testes e avaliações para convencer o gestor, ou isso não faria sentido? Há um passo a passo para demonstrar que o esporte pode beneficiar quase todas as pessoas? Nesse caso, o professor Timóteo avançou na sua negociação e conseguiu que o gestor vá até os alunos na Faculdade de Educação Física, para debater o assunto.

Não pode faltar

Na medida em que se pensa em pedagogia do esporte, não podemos deixar de nos posicionar sobre a questão da educação. Afinal, o termo "educação", que vem na denominação do professor de Educação Física, não está aí por acaso.

Somos eminentemente professores em qualquer âmbito: na escola, na academia, no clube.

Isso significa que, na prática profissional em Educação Física, sempre existe uma relação de ensino e aprendizagem, de educador e educando, baseada nas concepções de homem e de sociedade que se pretende desenvolver. Assim, futuro *professor* de Educação Física, vamos refletir sobre isso. Pare um minuto e tente responder as reflexões a seguir:

Reflita

O que é Educação? Qual o papel da pedagogia? Como isso se articula no contexto da Educação Física e do Esporte?

Difícil, não? Por isso, precisamos retomar rapidamente alguns conceitos da área Educacional. Pois só assim podemos avançar para uma Pedagogia do Esporte coerente.

A Educação pode ser caracterizada como um processo de criação de novos conhecimentos, e ruptura com as antigas tradições, e não a mera transmissão de informações passadas (ARANHA, 2006). Ou ainda, como colocou Paulo Freire, a educação é o processo de criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento (FREIRE, 1996).

Veja que educação não é sinônimo de transmissão de informação. Copiar, memorizar ou reproduzir conhecimentos predeterminados estão longe de constituir um processo educacional ético, que possa propiciar o desenvolvimento humano.

Então, mas agora, o que é a Pedagogia? É a ciência da educação. É a pedagogia que produz as teorias sobre a educação e nos ajuda a definir se o nosso método de ensino está coerente com a concepção de ser humano e com o mundo que defendemos. Interessante pensar nisso!

Assim, vale sempre retomar as questões: que *tipo de cidadão* queremos formar com nosso processo de Iniciação ao Esporte? Como definir, que "tipo de cidadão"? De fato, ainda é pouco conhecido o papel do esporte na formação do cidadão. Em um primeiro momento, sempre nos vem à mente a ideia do esporte como formador do repertório motor, da percepção especial, das capacidades físicas ou da noção de jogo. No entanto, concepções atuais do esporte, endossadas por órgãos internacionais como a UNESCO e a ONU, reconhecem o papel do esporte na formação do cidadão, para além do desenvolvimento físico e motor.

Desse modo, caro aluno, é que precisamos nos debruçar nos conhecimentos da Educação, Pedagogia, Psicologia e outras áreas, para alicerçar nossas práticas esportivas em benefício desse esperado desenvolvimento íntegro do ser humano. Veja, como nossa área se destaca na agenda do desenvolvimento humano?

Assim, se buscamos estimular o desenvolvimento de um cidadão autônomo, ético e responsável, não é qualquer aula ou pedagogia que serve para esse propósito. Reproduzir as velhas práticas dos centros esportivos conduzidos por ex-atletas ou praticantes não vai funcionar, ou seja, o ensino do esporte não pode ser baseado na reprodução mecânica de gestos esportivos ou habilidades físicas, sem possibilidades para a criação, ou para a participação de todos e para a aprendizagem para além do esporte.

Assimile

A concepção de vanguarda em pedagogia do esporte preconiza a formação do cidadão por meio do esporte, para além do desenvolvimento de habilidades técnicas e capacidades físicas. Para isso, é necessário que se reflita sobre a concepção de mundo e homem, na escolha de uma tendência educacional coerente com a visão de cidadão que se pretende formar.

Para tanto, essa discussão fica mais clara ao entender os princípios pedagógicos do esporte apresentados por Freire (1996). Originalmente, esses princípios foram utilizados para contextualizar o ensino do futebol. No entanto, é possível aplicá-los em quaisquer modalidades.

Esses quatro princípios, que são interdependentes, podem ser assim distribuídos:

1. Ensinar esporte a todos.
2. Ensinar bem o esporte a todos.
3. Ensinar mais do que esporte a todos.
4. Ensinar a gostar de esporte.

O primeiro princípio, *ensinar o esporte a todos*, vem para contrapor a tradição tecnicista e excludente que ainda permeia o ensino do esporte. Tradicionalmente, o ensino do esporte era focado naqueles que, já nos primeiros momentos, apresentavam melhor desempenho, e o papel do "professor" seria apenas de aprimorar esse perfil. Assim, a maioria ficava excluída e decepcionada com a prática esportiva. Certamente você conhece alguém que odeia o esporte porque acha que não tinha habilidade e, por isso, "passou muita vergonha", não?

Assim, ensinar o esporte aos diferentes grupos de pessoas, significa criar condições didático-pedagógicas para que todos possam participar e aprender o esporte, independentemente de qualquer nível de habilidade prévia. O professor deve adaptar suas atividades, materiais, linguagem e exemplos para os alunos terem experiência com relação à aprendizagem do esporte.

O segundo princípio, "ensinar bem o esporte a todos", significa que não apenas a participação seja garantida, mas a aprendizagem seja efetiva. Desse modo, a avaliação, monitoramento e ajustes das aulas devem ser constantes. Dito de outro modo, não se deve realizar uma dinâmica diferenciada apenas para que a maioria fique em atividade, mas que todos consigam evoluir de acordo com suas potencialidades.

Em seguida, podemos entender o terceiro princípio. Esse faz relação direta com a formação do cidadão, para além do desempenho físico-técnico. Ensinar mais do que esporte a todos é: propiciar que o aluno consiga compreender suas práticas, discuti-las, participar de seu planejamento, ter iniciativa, lidar com emoções, e outros comportamentos que possibilitem ganhos que ultrapassam o esporte, ganhos, para a formação de uma vida cidadã, ou seja, preconiza-se a inserção sistemática de conteúdos de ordem psicossocial utilizando a prática esportiva como ferramenta de aprendizagem.

Por fim, e não menos importante, precisamos nos ater ao quarto princípio denominado: "ensinar a gostar de esporte". Estimular o gosto e o prazer pela prática esportiva é imprescindível para a permanência do indivíduo na prática e para garantir a longevidade dessa atitude ao longo de sua vida.

Pesquise mais

Aprofunde seus conhecimentos sobre as possibilidades que o esporte apresenta sobre o desenvolvimento humano. Nesse texto, você saberá mais sobre os princípios e também como é o papel atual da competição no Esporte Educacional. **O esporte como possibilidade de desenvolvimento**. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013. 30 p. (Cadernos de referência de esporte; 7). Disponível em: <http://www.fundacaovale.org/Documents/caderno-de-esporte-7-o-esporte-como-possibilidade-desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

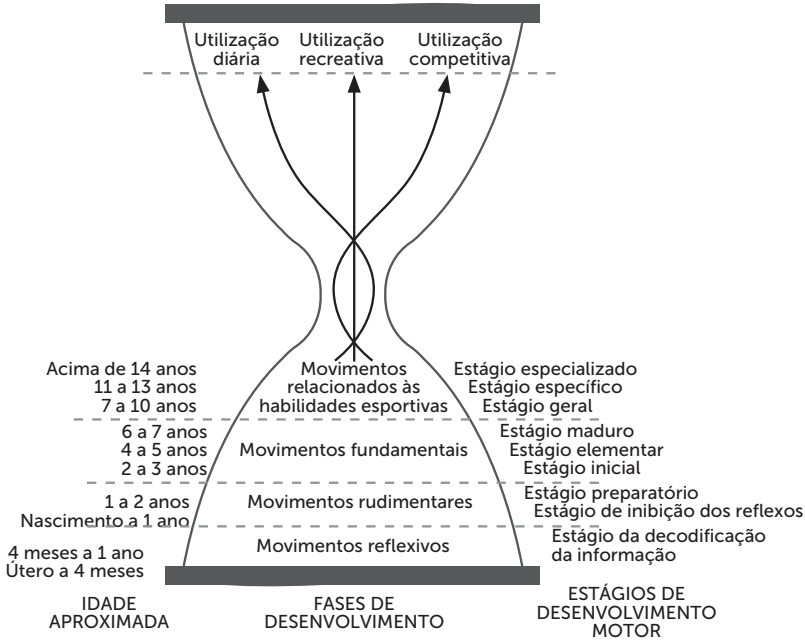
Até esse ponto, podemos entender o quão abrangente é a iniciação esportiva. Trabalharemos com a formação do cidadão por meio do esporte. Por isso, é que precisamos estar atento às questões específicas do esporte. Lembre-se: o esporte é nossa ferramenta de educação, e essa ferramenta apresenta especificidades.

Sobre essas peculiaridades, nos referimos às capacidades físicas e habilidades técnicas, que tendem a seguir um padrão de desenvolvimento cronológico.

Assim, deve ficar claro que a aprendizagem da técnica, não ficou excluída da iniciação, mas precisa ser contextualizada numa nova concepção de ensino do esporte.

Para tanto, precisamos nos ater, agora, às fases do desenvolvimento esportivo. Como vimos anteriormente, existe uma ação biológica que influencia o desempenho das capacidades físicas e habilidades técnicas. Essa maturação acompanha uma tendência de acordo com a idade cronológica, na qual fica bem sintetizada pela ampulheta da *Galahue*.

Figura 1.1 | Ampulheta de desenvolvimento de Gallahue



Fonte: adaptada de Gallahue (2005).

Dentre as fases citadas, podemos destacar a (1) fase de movimentos fundamentais e (2) dos movimentos relacionados a habilidades esportivas (podemos também denominar de habilidades técnicas ou habilidades de movimento especializado).

Na fase de movimentos fundamentais, pode-se observar a segmentação em três categorias de movimentos: a) estabilizadores, os quais visam o equilíbrio, como o rolamento para frente; b) movimentos locomotores, em que há uma mudança de posicionamento do corpo tendo como referência um ponto fixo (exemplo: correr e saltar); c) movimentos manipulativos, em que há aproximação ou distanciamento de um determinado implemento; como: chutar e receber.

Cada uma dessas categorias, pode estar em três estágios de desenvolvimento: inicial, elementar e maduro. Portanto, fica claro a necessidade de atividades diversificadas a fim de explorar as categorias citadas e a transição dos estágios de forma contínua e as características da turma. Lembre-se do princípio: "precisamos ensinar bem o esporte a todos".

Reflita

No caso de muitos programas de iniciação esportiva fora do ambiente escolar, é bastante comum o atendimento de crianças provavelmente já no estágio maduro dos movimentos fundamentais. Isso, em tese, pode indicar que eles estejam preparados para aprender os movimentos relacionados à habilidades esportivas. No entanto, isso depende do estímulo devidamente proporcionado nas fases anteriores.

Como se observa na figura anterior, existem sujeitos que estão também num momento de transição da fase madura para a especializada, relacionada aos gestos esportivos. O estágio maduro da fase de movimentos fundamentais é caracterizado por desempenhos motores mais eficientes, no qual o indivíduo desenvolve, também, funções visuais mais sofisticadas.

O estágio seguinte é a fase motora especializada, aquela dos movimentos relacionados às habilidades técnico-esportivas que deve acontecer mais evidentemente na faixa dos 7 a 10

anos. Esta idade é o período no qual as habilidades motoras fundamentais, (locomotoras, estabilizadoras e manipulativas), são refinadas, combinadas e elaboradas de acordo com a exigência de determinadas situações do contexto do esporte.

Exemplificando

Desempenhar o drible no basquetebol, envolve movimentos combinados de locomoção (correr) e manipulação (quicar a bola). Para formar uma estrela na ginástica exige de um indivíduo, habilidades de locomoção e de estabilização, entre muitos outros exemplos. É um momento de descoberta das combinações de movimentos e de vários padrões motores.

A partir de então, geralmente após os 10 anos, espera-se observar um nível de refinamento e especialização mais intensa, aprimorando o gesto esportivo esperado para diversas modalidades. Vale destacar que padrões diversos podem ser encontrados na mesma faixa etária, e devem ser considerados na organização das atividades.

Vimos, até então, movimentos fundamentais e progredimos para movimentos especializados. Ainda se esse desenvolvimento depender de capacidades físicas, quando combinadas, muitas vezes podem propiciar diversos níveis de desempenho. É evidente que a distinção das capacidades físicas se torna didática, sendo muito difícil observá-las separadamente. A classificação a seguir apresenta-se como um norteador para o entendimento e organização da iniciação esportiva. Nessa direção, as capacidades físicas podem ser apresentadas em oito componentes:

Agilidade: entro de gravidade do corpo, movendo-se de um ponto ao outro de forma rápida e precisa.

Força: capacidade de aplicar tensão a uma determinada resistência por meio de uma contração muscular.

Velocidade: capacidade de realizar contrações musculares ou um padrão de movimento em um curto espaço de tempo.

Resistência muscular: capacidade de um grupo muscular em manter níveis de força por um período de tempo.

Flexibilidade: capacidade de uma articulação, ou séries de articulações, mover-se ao longo de determinada amplitude de

movimento, sem estresse excessivo para a unidade músculo-tendinosa.

Equilíbrio: capacidade de manter a posição do corpo sobre sua base de apoio em exigências estáticas ou dinâmicas.

Potência: capacidade de produzir trabalho na unidade de tempo.

Resistência cardiorrespiratória: capacidade do organismo humano em suprir aerobicamente o trabalho muscular, associado à capacidade dos tecidos em utilizar efetivamente o oxigênio disponibilizado.

Veja como algumas capacidades físicas são fáceis de diferenciar, como a resistência cardiorrespiratória e a flexibilidade. No entanto, distinções entre potência e velocidade são mais difíceis, inclusive alguns autores não consideram a velocidade como uma capacidade física, mas sim como um atributo da agilidade e da potência. Veremos mais detalhes sobre esse assunto adiante!

Nessa última parte, a discussão baseou-se em aspectos motores e físicos. Tenha em mente que isso é terminantemente necessário para o ensino do esporte que preconizamos. Não é porque ampliamos o foco para a formação do cidadão, que devemos "esquecer" o aprendizado específico e inerente ao esporte. Combinado?

Sem medo de errar

Você se lembra que Tiago e Gustavo precisam demonstrar as possibilidades do esporte como ferramenta de formação do cidadão para além da prática mecanizada focada no rendimento máximo. Desse modo, algumas ações podem ser bem efetivas nesse ponto, são elas:

- Apresentar as novas propostas de ensino do esporte e definir os princípios numa apresentação oral.

- Convidar coordenadores e professores de outros projetos, que podem relatar como as novas metodologias conseguem atender a todos.

- Demonstrar com vídeos, situações de aulas, nas quais os princípios foram utilizados. Por exemplo, como uma aula foi adaptada para propiciar a participação de todos, independentemente do nível de habilidade.

- Discutir com dados de avaliações de capacidades físicas e habilidades técnicas, como é feito o diagnóstico e acompanhamento dos alunos.

- Detalhar como recursos didáticos extras, como vídeos, textos, e dinâmicas de grupo ajudam na formação do cidadão pelo esporte.

- Conduzir uma aula de demonstração, com alunos no perfil do futuro projeto, para sedimentar como essas ações acontecem no contexto real.

- Fazer um relatório com um sumário executivo das apresentações e entregar ao gestor em questão.

Avançando na prática

O processo de avaliação de um programa esportivo

Descrição da situação-problema

Você é contratado para ajustar uma bateria de testes e avaliações de um programa de iniciação esportiva, baseado no desenvolvimento de habilidades com bola (preparação para modalidades com bola). No entanto, os idealizadores do projeto já haviam aplicado uma série de testes físicos e dividiram as turmas e aulas a partir desses resultados. Os alunos não ficam satisfeitos com a proposta e têm, frequentemente, boicotado as aulas e testes, sob o argumento de que não entenderam a proposta do trabalho. Assim, como ajustar essa testagem e sensibilizar os alunos para que sigam com o programa, incluindo as rotinas de avaliação? É crucial que a testagem seja rápida, pois o tempo é escasso e os alunos estão desmotivados.

Resolução da situação-problema

Tendo em vista que é um programa de atividades com bola, algumas especificidades precisam ser consideradas:

- Buscar entender os padrões de movimentos comuns às modalidades e buscar testes abrangentes. Por exemplo, propostas que testem o lançar, quicar ou receber a bola. Caso não encontre, aprofundar no estudo do padrão de movimento e protocolar novos testes.

- Apresentar para os alunos a abrangência da iniciação esportiva e como os testes físicos e técnicos são fundamentais para a aprendizagem do esporte.

- Demonstrar aos alunos que esses ajustes foram motivados também pela insatisfação do grupo e que isso é uma abordagem da Pedagogia do Esporte que privilegia a participação crítica do grupo.

- Aplicar os testes e apresentar os resultados aos alunos e como esses serão aplicados nas aulas.

- Discutir com os alunos as diferenças de aptidão, como base para a reflexão sobre o respeito às diferenças e, assim, reforçar a aprendizagem de outros conteúdos que extrapolem habilidades técnicas e capacidades físicas.

Faça valer a pena

1. Professores estão sempre atuando numa relação de ensino-aprendizagem. No entanto, poucos têm conhecimento sobre os conceitos relacionados à Educação e Pedagogia. Embora intimamente relacionados, esses termos têm definições distintas.

Desse modo, como podemos definir o conceito de Pedagogia?

a) Divulgação da informação.
b) Transferência direta de informação.
c) Ciência da educação.
d) Ciência de aula dialógica.
e) Ciência da psicomotricidade.

2. O ensino do esporte tem passado por várias tendências. Desde uma abordagem tecnicista, na qual o foco é exclusivamente na técnica até concepções de vanguarda que buscam outras aprendizagens por meio da prática esportiva. Um desses princípios preconiza que devemos ensinar mais que o esporte

Nesse contexto, que conteúdos definem o princípio denominado "ensinar mais que o esporte"?

a) Conteúdos conceituais sobre fisiologia do exercício.
b) Conteúdos factuais sobre capacidades físicas e habilidades motoras.
c) Conteúdos da esfera psicossocial para além de conteúdos técnicos.

d) Conteúdos da biodinâmica.
e) Conteúdos da psicologia do ensino.

3. Algumas teorias preconizam que existem estágios de aprendizagem de movimentos que resultam em um melhor ou pior nível de desempenho esportivo. Em geral, pode-se fazer uma referência à idade cronológica, para organização dessa aprendizagem de habilidades básicas e específicas.

Assim, como pode se caracterizar a fase na qual movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos devem atingir seu pleno desenvolvimento?

a) Fase dos movimentos reflexivos.
b) Fase dos movimentos iniciais.
c) Fase dos movimentos rudimentares.
d) Fase da especialização esportiva.
e) Fase dos movimentos fundamentais.

Seção 1.3

Tratamentos que complementam

Diálogo aberto

O gestor do projeto parece estar inclinado a investir no empreendimento. No entanto, ele relata que acha melhor focar em atividades individuais, e acredita que isso será suficiente para o aprendizado do esporte, uma vez que, na sua concepção, as atividades coletivas ficam difíceis para ser desenvolvidas e precisam de mais recursos humanos e materiais, ou seja, ficaria caro. Com essa ideia, ele rebate a pressão da comunidade, que quer um projeto específico de futebol, pois desejam revelar seus talentos.

Desse modo, Tiago e Gustavo têm sua última chance de compor um conjunto de argumentos sobre a abrangência do esporte na infância. Quais alternativas, se é que elas existem, poderiam ser apresentadas para esse gestor? Como argumentar e discutir sobre o assunto, perante as visões da comunidade e do gestor? Novamente, o gestor precisa que os professores vão até ele, mas enfatiza que existe a necessidade de argumentos concretos e de se tomar uma decisão precisa. O gestor pensa em organizar um pequeno evento com a participação de representantes da comunidade e, segundo Timóteo, ele pode agendar a participação dos professores neste evento. Está lançado o desafio! Como podemos apoiar esses professores?

Não pode faltar

As múltiplas concepções do esporte

É sempre importante entender a abrangência do esporte. Aliás, do fenômeno esporte.

A literatura atual considera o esporte como um fenômeno sociocultural e, assim, reflete valores, modos e costumes da sociedade. Outros autores propõem o termo cultura esportiva, ao invés de esporte, já que a cultura esportiva é parte constituinte da cultura corporal, que é um dos componentes da cultura humana. Fica claro, portanto, que o esporte é muito mais que o agrupamento

de modalidades esportivas caracterizadas por aspectos técnicos, táticos e físicos.

Agora, o que entender da afirmação de que "o esporte representa a cultura de um povo"? Veja o exemplo do futebol no Brasil. Infelizmente, somos muito conhecidos pela cultura da "malandragem", certo? Com frequência, podemos ver jogadores em nível profissional agindo de maneira desonesta com o adversário ou desrespeitosa com a arbitragem. Atitudes que muito vimos no cotidiano brasileiro, em âmbitos bem diferentes do esporte.

Portanto, é importante, nesse momento, pontuar que o estudo do esporte deve ser muito mais amplo do que o entendimento restrito apenas às modalidades esportivas que o compõe.

Além disso, proposições de diversos órgãos nacionais e internacionais, como o Ministério do Esporte e a UNESCO, enfatizam que o esporte é um direito do cidadão, que pode ser exercido em pelo menos **quatro dimensões**: esporte de rendimento, esporte de participação, esporte educacional e esporte de formação.

Com relação à **primeira dimensão**, temos o **esporte de rendimento,** seria aquele que se propõe à formação atlética de alto nível, ou seja, essa dimensão visa o desenvolvimento do alto nível de desempenho em uma certa modalidade esportiva, com intuito claro de participações regulares em competições nacionais e internacionais. E, mesmo considerando o esporte como um fenômeno cultural, não se excluiu a vertente de desempenho competitivo. Inclusive, na concepção atual, deve-se desenvolver o esporte de alto rendimento considerando o contexto social, cultural e histórico nos quais o atleta ou as equipes estão inseridos. Entende, assim, por que o mesmo programa de treinamento pode ter ótimos resultados no Brasil e não ser tão bom assim na China?

No entanto, podemos observar pessoas que estão envolvidas na prática esportiva, sem fins competitivos ou de alto rendimento. Essa dimensão do esporte refere-se à **segunda dimensão do esporte**, chamada de **esporte de participação**. Em geral, o desenvolvimento da dimensão participativa do esporte pode ser entendido como uma atividade de lazer, de melhoria da saúde física e mental, buscando viabilizar a participação de todos, sem a necessidade ou exigência de altos níveis de desempenho.

Uma importante reflexão deve ser realizada sobre essa dimensão: para viabilizar a participação de todos, não se deve focar no alto desempenho, mas algum desempenho físico e técnico é necessário. Dito de outro modo, mesmo na dimensão de participação, há uma relação de ensino-aprendizagem das modalidades esportivas e do fenômeno esporte. Isso reflete diretamente na atuação do profissional de Educação Física, que se torna eminentemente necessário, para viabilizar essa dimensão. Não é por ser "apenas" lazer, sem alto rendimento, que se pode praticar livremente sem orientação. No esporte de participação, o profissional de Educação Física tem a mesma importância educacional, exercida no esporte de rendimento e no esporte educacional, o qual veremos a seguir.

Agora, ao tocar no assunto educação, precisamos delimitar o conceito do **esporte educacional**, **terceira dimensão do esporte**. Essa dimensão pode ser definida como a utilização do esporte como instrumento de educação, com metas claramente traçadas e conteúdos bem definidos e ainda um propósito claro e amplo do desenvolvimento integral do cidadão. Essa dimensão pode estar presente no âmbito da educação formal ou não formal.

Como seria esse instrumento de educação? Se ministrarmos aulas de música, com uma intenção educacional, os alunos aprenderão, por exemplo, como tocar um instrumento por meio de exercícios da técnica, aprendizagem da composição da melodia e harmonia, entre muitos outros conteúdos específicos do instrumento. No entanto, o professor pode introduzir, através da aprendizagem do instrumento, aspectos da cultura musical e cultura geral que estão ligados àquele instrumento, seu contexto histórico de criação e as diferenças de habilidades entre os musicistas, ou seja, o professor tem a meta clara de ensinar outros conteúdos além da técnica musical.

No esporte, pode ocorrer da mesma forma, mas considera-se que seja um pouco mais complexo. Imagine que podemos implantar um projeto de esporte educacional pautado na modalidade esportiva futebol. Por meio de diversas situações das aulas, os alunos serão estimulados a aprender sobre a cultura do futebol e a refletir sobre a cultura humana; terão que entender como surgiu o futebol e, assim, entender melhor a história de seu país e do resto do mundo, entre muitos outros conteúdos. No entanto, tudo isso deve ser viabilizado

com atividades técnicas, táticas e físicas que caracterizam a modalidade, adaptadas e contextualizadas para a participação efetiva de todos, evitando-se a exclusão dos supostamente menos habilidosos.

Assimile

As dimensões do esporte apresentam uma ênfase em termos de objetivos de trabalho. No entanto, deve ficar claro que o ensino do esporte, as relações de ensino-aprendizagem, a vivência da cultura corporal, entre outros, se manifestam nas três dimensões com maior ou menor intensidade.

Mas, por que o esporte é mais complexo? Porque exige da função física e motora do praticante. Na aula de música, por exemplo, é pouquíssimo provável que os alunos sofram algum desmaio. Já nas atividades esportivas, a exigência física e técnica é um aspecto que não deve ser esquecido, pois descaracterizaria o esporte e exporia o aluno a algum risco.

Por outro lado, essa complexidade é uma vantagem do esporte como ferramenta educacional: além do aprendizado de conteúdos históricos e culturais, o aluno vivenciará a prática corporal com ganhos em aptidão física, motora e adaptações orgânicas que influenciarão positivamente em sua saúde, entre muitas outras vantagens.

Reflita

No âmbito escolar, a educação física deve fazer interface com outras disciplinas. Seria possível os alunos realizarem um trabalho sobre o surgimento do atletismo e compreender melhor como os aspectos da história e geografia poderiam contribuir para este entendimento? Ou ainda, como descobrir e delimitar as áreas e dimensões da quadra de basquete, com o apoio da disciplina de matemática? Será que eles aprenderiam melhor os conteúdos de outras disciplinas por meio do estudo amplo do esporte?

Recentemente, foi proposta a **quarta dimensão** do esporte, denominada **esporte de formação**. Essa dimensão está inclusa na

Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (BRASIL, 2015), que faz um resumo às outras dimensões citadas e presentes na Lei Pelé. A Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte determina normas para as questões fiscais e financeiras e de gestão transparente para entidades do futebol profissional e tem por meta principal a certificação dos clubes que formam atletas e seus direitos de ressarcimento por essa formação.

Além dessas determinações, a nova lei acrescenta a dimensão do esporte de formação (ou desporto de formação – como traz o texto original), que pode ser:

> **[...] caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição. (BRASIL, 2015, [s.p.])**

Assim, entende-se que esta é uma dimensão mais abrangente, com cunho de aquisição de conhecimento e de recursos de gestão para a garantia da qualidade da prática esportiva.

Vale destacar uma organização do esporte educacional baseada na proposta educacional da UNESCO, que ajuda e especificar e situar o que se pretende com o esporte como instrumento de educação e desenvolvimento humano. Essa abordagem sugere a organização do esporte em quatro aprendizagens fundamentais:

a) Aprender a conhecer – significa que o aluno deve aprender a aprender, ou seja, este será estimulado a compreender os caminhos de aquisição do conhecimento. Não se relaciona apenas a aprender o fundamento do passe ou recepção, mas entender qual é o mecanismo necessário. Por exemplo, para aprender uma habilidade esportiva ele precisará observar, analisar e testar no contexto. Feito isso algumas vezes, a aprendizagem de outras deve seguir o mesmo caminho. Vale destacar que a "engrenagem" da aquisição de conhecimento deve ser contextualizada para outros saberes, para além do aspecto físico-motor tradicional do esporte.

b) Aprender a fazer - nesse pilar, deve-se focar no ensino dos procedimentos de aplicação do conhecimento. Assim, o aluno que

aprende um fundamento técnico deverá ser estimulado a aplicar em outros contextos. Seja um gesto de recepção ou lançamento, como utilizar isso em outros ambientes, outras atividades. Além disso, como criar novas possibilidades, como fazer novas propostas, ou seja, como ele usará suas aprendizagens para transformar o mundo e solucionar problemas.

c) Aprender a conviver – podemos chamar também essa dimensão como aprender a viver juntos. Evidentemente há uma intenção de desenvolvimento das relações sociais por meio do esporte. Assim, todas as atividades das aulas devem apresentar situações a partir das quais os alunos reflitam sobre a convivência em grupo. Por exemplo, a organização tática de um jogo pressupõe papéis, comunicação, organização para cumprir uma meta. A partir dessas situações deve ser destacado como as interrelações podem ajudar ou comprometer o cumprimento de uma meta.

d) Aprender a ser – essa é uma dimensão que é, evidentemente, mais complexa, integrando dinamicamente as três anteriores. Pressupõe o estímulo a novas atitudes que caracterizam o desenvolvimento pessoal. Aprender a ser, no contexto do esporte educacional, deve propiciar ao aluno o desenvolvimento de um projeto de vida, do exercício da autonomia, do autoconhecimento e da busca da felicidade.

Feito essa síntese da abordagem desses quatro pilares que podem sustentar uma proposta de esporte educacional é importante destacar sua aplicabilidade. Não raro, fala-se muito dessas possibilidades do esporte (ser, conhecer, conviver e fazer), mas pouco se observa de aplicação e resultados.

Assim, é fundamental que esses conteúdos estejam planejados e façam parte sistematicamente dos planos de aula. Isso significa que, além de programar as atividades de ensino técnico e físico, deve estar claro, aula a aula, que conteúdos serão ensinados e discutidos para cumprir a meta de ensino do conhecer, ser, conviver e fazer.

Mesmo trabalhando conteúdos amplos e de formação humana, que vão além da técnica, o esporte educacional se mantém como uma proposta de iniciação esportiva. Assim, nosso instrumento de educação é a técnica, a tática, o físico. E para que funcionem, devem ser caracterizados da maneira como veremos a seguir.

A técnica e a tática no contexto do esporte

A técnica esportiva pode ser caracterizada como a interpretação e utilização do nosso instrumento biológico, para a solução de um problema físico-motor, considerando as noções de espaço, tempo e situação. Dito de outro modo, a técnica esportiva é a articulação das habilidades motoras, capacidades físicas e cognitivas e têm sido vistas como uma característica elementar para a resolução de problemas no contexto do esporte.

Exemplificando

O saque no voleibol parece ser uma ação técnica simples. Mas veja que são necessárias capacidades físicas como força e coordenação, habilidades básicas como equilíbrio e manipulação, além de percepção especial e outros aspectos. Tudo isso na "dosagem certa" resolverá o problema de lançar a bola ao lado oponente. Assim, o desenvolvimento da técnica deve levar em consideração muitos e diferentes aspectos.

Observe que considerando apenas aspectos biológicos, o ensino da técnica já é algo complexo e exigirá do professor diversas estratégias. Além disso, retomando a discussão de que o esporte é um fenômeno cultural, a técnica esportiva é sempre permeada de um sentido, da cultura, de uma história de vida. Todas essas relações devem ser consideradas no ensino do esporte, para que este não seja reduzido a uma prática mecânica, reducionista e deixando, assim, de exercer um papel crucial no desenvolvimento integral do indivíduo.

Pesquise mais

O desenvolvimento da técnica é muito mais que a aprimoramento de habilidades básicas, capacidades físicas e aspectos cognitivos. Nesse contexto, o artigo a seguir traz uma profunda reflexão que implica diretamente na qualidade do ensino do esporte e, obviamente, na atuação do profissional de educação física.

DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática,** v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/DAOLIO_Jocimar.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.

Na medida em que ensinamos a técnica esportiva, estamos ensinando "como fazer". Mas não podemos parar na técnica, precisamos ensinar "para quê fazer". Assim, é essencial colocar a técnica em ação, em contexto e, para isso, precisamos aplicar a técnica no contexto do jogo, por exemplo. Ou ainda, no caso de uma modalidade predominantemente individual, como no Atletismo, precisamos aplicar os educativos de corrida nas provas, ao lado do adversário, na atuação da força centrípeta, da resistência do vento. Enfim, precisamos aplicar essa técnica.

Esse contexto de aplicação, remete ao conceito de tática que, segundo Daolio e Velozo (2008), é o aspecto que dá sentido ao jogo, que direciona quais os melhores caminhos e o que fazer para cumprir determinado objetivo. É evidente que é um processo cognitivo-motor sendo parte indispensável do desenvolvimento da tática, mas o ensino da tática deve estimular a criatividade, a capacidade de resolução de problemas, o desenvolvimento das relações humanas.

No entanto, o ensino tradicional da tática tem sido pautado na reprodução de modelos rígidos de execução de padrões de jogo ou estratégias de provas, negligenciando o estimulo e a solução de problemas vindos das experiências individuais e coletivas dos alunos.

Assimile

Aspectos técnicos e táticos são inerentes ao esporte, e estão intimamente relacionadas e mostram-se interdependentes. Difícil será o ensino da técnica sem a presença da tática e vice-versa. Técnica e tática dependem de interações físicas, motoras e cognitivas. Além disso, expressam sempre algo da cultura corporal e da história de vida do sujeito.

Veremos nas próximas seções um detalhamento importante sobre o ensino da técnica e a tática sob nova ótica, em especial, a partir do ensino do jogo.

Sem medo de errar

Vamos retomar ao desafio de Tiago e Gustavo. Eles avançaram muito na sensibilização do gestor sobre aspectos básicos do

esporte, como questões de maturação e crescimento biológico. No entanto, o gestor do projeto ainda apresenta resistência a modalidades coletivas, evidenciando assim, uma visão limitada da prática esportiva e do fenômeno esporte.

Dentro desse contexto, para que o gestor considere a amplitude do esporte e viabilize o projeto de uma vez por todas, algumas propostas de ações são pertinentes nesse caso:

- Realização de uma reunião técnica com as diferenciações das manifestações do esporte, e com os referenciais técnicos de órgãos oficiais, uma vez que projetos diversos precisam dessa sustentação, assim como documentos da literatura científica.
- Apresentar as possibilidades e limitações das modalidades coletivas e individuais e a necessidade de um projeto esportivo abordando ambas as vertentes.
- Demonstrar quantitativamente as questões de orçamento das modalidades esportivas coletivas, estimando o número de atendimento e resultados esperados. Com isso, apresentar projeções de retorno do investimento.
- Descrever qualitativamente como as aulas podem ser organizadas em subgrupos de alunos e atividades, e que isso pode resultar em diminuição da compra de grande quantidade dos mesmos materiais.
- Apresentar uma aula prática com a participação dos alunos da comunidade, demonstrando as possibilidades apresentadas nas reuniões técnicas.
- Entregar um relatório, se possível, em multimídia, com todos os argumentos sintetizados e referenciados pela literatura e citando casos de projetos de sucesso.

Avançando na prática

A análise de habilidades técnicas

Descrição da situação-problema

Um grupo de professores é designado para propor uma bateria de testes de avaliação de um projeto de iniciação esportiva que ocorre nas dependências de uma escola de ensino fundamental e

médio. O projeto atende os próprios alunos regulares contra-turno, caracterizando-se como uma atividade complementar e opcional.

Assim, observa-se que os atuais professores só realizam avaliações de cunho fragmentado com testes de capacidade física. No entanto, não apresentam abordagem para verificar o desempenho técnico e tático. Assim, quais seriam as propostas a serem realizadas? Como protocolar?

Resolução da situação-problema

A partir desse contexto, algumas propostas de ações são pertinentes nesse caso, com foco na análise técnica e tática:

- Realização de uma reunião técnica com os professores com intuito de sistematizar todas as ações aplicadas e verificar o que está fragmentado e como está sendo aplicado em jogo e em aspectos táticos.
- Analisar os planos de aulas, com foco nos objetivos e resultados esperados.
- Filmar as aulas e trazer as mídias para análise.
- Observar como serão calculados e acessados critérios de validação de testes como validade, reprodutibilidade e confiabilidade.
- A partir dos vídeos, criar um roteiro de análise (lista de checagem) identificando os pontos principais sobre aspectos físicos (capacidades físicas), motores (habilidades prevalentes) e outros (como noção de espaço, tempo, comunicação).
- Aplicar e, se possível, filmar testes piloto e definir os critérios de análise ou criação de escores (pontuação). Exemplo: serão testes que medirão a quantidade de erros em situação pré-determinada ou a velocidade do passe dado um certo padrão esperado?
- Analisar as mídias do teste, bem como resultados, para ajustar o protocolo.
- Aplicar os testes em todos os alunos e criar valores de referência (quais valores poderemos considerar como ruim, médio, bom e excelente).
- Realizar um relatório contendo os resultados de como isso deverá implicar na organização das aulas.

Faça valer a pena

1. O esporte é um fenômeno cultural. Há muito se sabe que ele pode se manifestar de várias formas classificadas para facilitar o desenvolvimento de metas e metodologias de ensino. Nesse contexto, podemos visualizar o esporte como uma prática de lazer.

Como é denominada a manifestação do esporte que é caracterizada oficialmente como atividade predominantemente de lazer?

a) Esporte escolar.
b) Esporte de participação.
c) Esporte livre.
d) Esporte de rendimento.
e) Esporte educacional.

2. As dimensões do esporte ajudam a balizar os objetivos de trabalho, metodologia e avaliação de resultados. No entanto, vale considerar que temos níveis diferentes de rendimento, competição, cooperação e prática pedagógica em todas as dimensões.

Desse modo, é correto afirmar sobre a relação de ensino-aprendizagem nas dimensões esportivas:

a) O ensino e aprendizagem do esporte somente relaciona-se às capacidades física e habilidades técnicas.
b) No esporte de rendimento o foco é o ensino e aprendizagem da técnica e tática.
c) No esporte de participação o lazer acontece sem necessidade de relações de ensino-aprendizagem.
d) Apenas na escola o esporte se preocupa com o fenômeno do ensino-aprendizagem.
e) As relações de ensino-aprendizagem se manifestam nas quatro dimensões: rendimento, participação, formação e educacional.

3. As discussões do papel amplo do esporte na formação humana, não excluiu o ensino de habilidades técnicas e capacidades físicas, apenas as colocou em outro contexto. Assim, é primordial que o ensino do esporte tenha claro o papel dos aspectos técnicos.

Sobre esse assunto, qual a descrição a seguir define o conceito de técnica esportiva?

a) Aplicação dos recursos físico-motores no jogo coletivo.
b) Utilização dos recursos biológicos para a solução de um problema no contexto físico-motor.
c) Aprimoramento dos aspectos hemodinâmicos.
d) Utilização dos recursos cerebrais para transpor obstáculos.
e) Aplicação dos recursos físico-motores nas atividades individuais.

Referências

ARANHA, M. L. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2000.

BOUCHARD, Claude et al. Aerobic performance in brothers, dizygotic and monozygotic twins. **Med Sci Sports Exerc**, v. 18, n. 6, p. 639-46, 1986.

BRASIL. Lei nº 13.155, de 04 de agosto de 2015 - **DOU** de 05/08/2015 - edição extra. Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LRFE). Brasília: Poder Legislativo, 2015.

_____. Ministério do Esporte. **Política Nacional do Esporte**. Brasília: ME, 2005.

CAMARA, F.M.; UBARANA Jr., J.E. **O esporte como possibilidade de desenvolvimento**. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013. 30 p. (Cadernos de referência de esporte; 7)

COSTA, L. C. A. da; NASCIMENTO, J. V.do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Journal of Physical Education**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2008.

DAÓLIO, J. Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física. **Journal of Physical Education,** v. 9, n. 1, p. 111-115, 2008.

DAOLIO, J. VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/DAOLIO_Jocimar.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017. 25/09/2017

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25 p.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

_____. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Porto Alegre: AMGH, 2005.

GEREZ, A. G. **A prática pedagógica em educação física para idosos e a educação em saúde na perspectiva da promoção da saúde**: um olhar sobre o Projeto Sênior para a Vida Ativa – USJT. 2006. Dissertação (Mestrado em

Educação Física na Promoção de Saúde) – Faculdade de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

MALINA, Robert M.; BOUCHARD, Claude; BAR-OR, Oded. **Crescimento, maturação e atividade física**. São Paulo: Phorte, 2009.

MARTIN, Rosa Helena Cahali et al. Auto avaliação da maturação sexual masculina por meio da utilização de desenhos e fotos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 212-222, 2001.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 20, supl. 5, p. 171, set. 2006.

RÉ, Alessandro H. Nicolai. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. **Motricidade**, v. 7, n. 3, p. 55-67, 2011.

SOARES, Vinícius de Oliveira Viana; GRECO, Pablo Juan. A análise técnica-tática nos esportes coletivos:"por que,"o quê", e "como". **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 2, 2011.

Atividades pedagógicas para o ensino de esportes

Convite ao estudo

Na Unidade 1, estudamos conceitos que agora nos darão suporte ao entendimento da iniciação esportiva. Não podemos ficar sem o entendimento da maturação, crescimento, tampouco sobre as manifestações do esporte. Com isso, podemos definir que tipo de visão adotaremos da prática esportiva.

No entanto, sabemos que precisamos aplicar esse conteúdo e, como visto na unidade anterior, é papel do professor e do pedagogo definir qual metodologia de ensino é mais adequada ao seu objetivo na formação dos alunos. Assim, nesta unidade, começaremos o estudo das abordagens de ensino do esporte na formação esportiva, os métodos formativos (métodos tradicionais e de vanguarda), bem como suas aplicações e princípios e ainda os aspectos pedagógicos do ensino do esporte. Além disso, entender como o esporte pode ser "mais que o esporte" e entender seu papel na escola e em outros âmbitos.

Precisaremos de muita atenção sobre esses tópicos para apoiar dois professores de Educação Física: Ana Laura e Wellington.

Eles são professores de um clube que atende a classe média de uma cidade do interior de São Paulo. O clube passa por uma reestruturação de gestão , a qual inclui a avaliação de todas as atividades, inclusive as esportivas. Ele é tradicional na região, tem mais de 40 anos de funcionamento e propõe mais de 15 atividades relacionadas ao esporte e exercício físico. Possui uma quadra poliesportiva coberta, duas descobertas, um campo de futebol de grama, uma piscina descoberta e

uma sala de ginástica com tatames; e dispõe de 7 professores de Educação Física que se revezam nas atividades.

Dentre as avaliações realizadas, algumas situações foram detectadas. A primeira delas refere-se à percepção dos pais que, segundo seus relatos: "cada professor dá uma aula diferente". A falta de motivação das crianças, em especial entre 8 e 12 anos, é outro aspecto que os usuários reclamaram: "meu filho acha a aula muito chata".

Por fim, os associados relatam que têm visto muitos conflitos entre as crianças, principalmente quando ocorrem as competições, e alguns defendem que ali é um espaço de recreação e não deveria ter campeonatos "o clube só pensa nas medalhas". Outros enfatizam que querem ver seus filhos levantando troféus. Enfim, a opinião das famílias varia muito.

Assim, Ana Laura e Wellington são acionados pela direção do clube para ajudar na reconstrução do projeto esportivo, sob pena de que todo o complexo esportivo seja transformado em estacionamento para os associados. Diante desse desafio e sob muita pressão, eles terão que propor soluções factíveis e rápidas para manter as atividades esportivas no local. Vamos entender a formação esportiva, envolvendo: as diretrizes para a formação esportiva, a abordagem mecanicista e aquela de combinações de jogos, assim como as fases esportivas.

Seção 2.1

Formação esportiva

Diálogo aberto

No clube, há um alvoroço causado pelos pais em relação à diferença de desempenho esportivo que observam entre seus filhos e colegas que pertencem ao grupo dessas crianças. Um ponto importante que eles destacam relaciona-se às aulas de futebol e ginástica. Eles percebem que os alunos da ginástica evoluem e aprendem muito mais rápido que os participantes do futebol.

A diretoria do clube, que não é da área esportiva, posiciona-se sobre os alunos que praticam ginástica, alegando que eles aprendem mais rápido porque são alunos mais novos e "criança pequena" aprende mais fácil. Levando-se o caso aos especialistas designados a direcionar o programa, Ana Laura e Wellington precisam então equacionar as expectativas.

Assim, como explicar para os pais as diferenças de aprendizagem visualizadas? Essas podem ser devido à idade e ao gênero (na ginástica, 90% dos alunos são meninas) ou a diferenças de metodologia de ensino?

Diante desse cenário, os professores foram convocados para uma reunião com associados para apresentar um programa de ação para as supostas deficiências nas aulas. Quais seriam as soluções necessárias? Vamos descobrir com eles?

Não pode faltar

Vimos na seção anterior a respeito da conceituação da técnica esportiva. Devemos retomar um pouco de nosso conteúdo, lembrando que a técnica esportiva é a articulação das habilidades motoras, das capacidades físicas e cognitivas. A partir dessa integração de aspectos biológicos, a técnica, então, seria o ponto de partida para a resolução de problemas e alcance de metas das modalidades esportivas. Ou seja, o passe no futebol, o arremesso no basquetebol ou o saque no voleibol são fundamentos técnicos de cada modalidade esportiva.

Assim, esse conjunto técnico é um dos aspectos que é considerado crucial para o desempenho no esporte, sendo que seu aprendizado tem recebido muita ênfase, em especial, no que se denomina esporte moderno. O esporte moderno tem seu surgimento por volta do século XVIII, com maior expressividade nos séculos XIX e XX, partindo da Europa para o restante do mundo.

Vale destacar que esse foco na técnica esportiva não veio por acaso. Ele segue a tradição da ciência clássica, que fragmenta seu objeto de estudo (no nosso caso, a modalidade esportiva) para entender seu funcionamento. Ou seja, há muito já se propunha que, para entender o corpo humano, devemos estudar as partes separadamente: coração, músculos, pulmão. Desse modo, especialmente na área da saúde, as especializações em cada parte do corpo foram criadas.

No caso do esporte, tradicionalmente, privilegiou-se o ensino da técnica a partir de padrões predeterminados, preferencialmente de análises biomecânicas de gestos do esporte de alto rendimento, caracterizando o **método tradicional ou tecnicismo**. Nessa abordagem, acredita-se que a repetição sistemática e isolada (fragmentada) do gesto técnico é suficiente para a aprendizagem do esporte.

Exemplificando

Um professor de futebol que aplica o método tecnicista, em geral, vai propor atividades que repitam sistematicamente fundamentos técnicos como passe, drible, finalização ou condução. Numa atividade de finalização pedagógica centrada na tendência tecnicista, frequentemente, o professor colocará os alunos em fila e estes, um após o outro, deverão chutar a bola em direção ao gol. O professor, por sua vez, analisa o movimento do aluno, buscando aperfeiçoar aspectos como a força, postura e o lado do pé que golpeia a bola. Esse padrão de movimento tende a ser fechado, baseado em movimento estereotipado do esporte de rendimento.

Assim, há uma forte tendência de especialização da aprendizagem da técnica esportiva. O aluno repetirá certos padrões até que fique extremamente preciso, especializado e, por assim dizer, "perfeito" naqueles gestos. Deve ficar claro, caro aluno, que a abordagem tecnicista tem fundamento no modelo da ciência clássica e na

proposta de modernização do esporte. Assim, existem teorias e modelos que embasam essa prática.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o ensino da técnica na educação física tradicional assumiu uma linha mecanicista de trabalho. O mecanicismo, como o nome propõe, vem da ideia de aproximar o corpo humano a uma máquina e, para entendê-lo, devemos estudar suas partes separadamente.

Nessa linha, o ensino do esporte ficou reduzido ao aprimoramento da técnica. Esse reducionismo caracterizou o ensino do esporte como quase que exclusivo para o desenvolvimento da técnica esportiva. Um resultado importante a ser considerado sobre o tecnicismo: essa tendência forma jogadores pouco criativos e muito habilidosos, todavia com dificuldades de lidar com o imprevisível, em especial, de tomar decisões e resolver problemas no contexto coletivo.

Assimile

A técnica, na tendência tecnicista ou analítica, é o foco e o centro da preocupação do professor. Essa abordagem teve forte influência da teoria filosófica denominada de mecanicismo, que também determinou boa parte da ciência moderna, incluindo as ciências médicas. Fragmentar ensino de uma modalidade esportiva é a apresentação básica do modelo tradicional ou tecnicista. Cada ação é trabalhada numa situação isolada de sua aplicação, o jogo. Busca-se o automatismo do movimento por padrões que devem ser **copiados**.

Além disso, vale destacar que diversos estudiosos apontam o modelo tecnicista como forte determinante da **desistência de jovens** e crianças da iniciação esportiva. Portanto, essas limitações suscitaram a necessidade de rever os modelos de ensino, já que nem sempre os mais habilidosos tinham o rendimento esperado **no contexto coletivo**.

Reflita

Observe uma situação de jogo. Será mesmo que a atividade de finalização ensinada pelo modelo tecnicista (como exemplificado anteriormente), cumpre a mesma dinâmica de finalizar no jogo? Como ficam as interações com adversários, companheiros de equipe, clima, pressão da torcida?

Feita essa reflexão, é importante considerar que o jogo apresenta características complexas, inter-relações em diversos níveis (entre os jogadores do mesmo time e com oponentes) e um alto nível de imprevisibilidade. Assim, visualizando as limitações do método tradicional, essa tendência pedagógica está superada, dando lugar a um modelo do esporte que privilegia a aplicação da técnica no **contexto do jogo**.

Assimile

Fortes evidências têm demonstrado que o modelo tecnicista está superado. No entanto, isso não quer dizer que ninguém mais o aplica. Ainda é comum observarmos escolas de esporte com tendência tecnicista. Muitas vezes isso acontece por falta de atualização do professor ou por dificuldade de implantar novas metodologias e de romper com a tradição.

Feitas essas reflexões, o processo de ensino a partir de jogos praticamente inverte o modelo tecnicista. É o modelo do jogo que deve regular a necessidade de aprendizagem da técnica. Ou seja, a partir das situações vivenciadas no jogo, que será verificada a necessidade de aprimoramento da técnica. No entanto, deve ficar claro que não é apenas colocar os alunos para jogar de acordo com regras estabelecidas e corrigir aspectos técnicos. Desse modo, também não estaríamos propiciando um aprendizado efetivo.

A ideia central da aprendizagem por jogos, é decompor o jogo em situações particulares, mas não em pequenos aspectos técnicos (os fundamentos). Assim, o aluno poderá visualizar como a técnica deve ser conduzida dentro de uma situação real de aplicação. Desse modo, a primeira característica da aprendizagem por jogos é a identificação de situações particulares que devem ser enfatizadas. Por exemplo, podemos focar em atividades com jogos que priorizem a situação de ataque e defesa, e aprimorar a técnica a partir dessas situações.

A segunda vantagem importante da aprendizagem por jogos é a possibilidade de a criança entender como e quando se deve utilizar a técnica. Assim, ela pode identificar suas potencialidades

e competências. No caso de ser "tecnicista", ela aprende apenas a repetir, mas não é só isso, você se lembra que um dos princípios do esporte é "ensinar mais que o esporte"?

Assim, ao estimular a criatividade, a criticidade, estamos proporcionando uma formação mais ampla, que leva o aluno a ser mais crítico e analítico. Afinal, ele será estimulado pelo professor a analisar um problema de jogo e propor uma solução a partir de seu aparato técnico. Desse modo, ele aprenderá mecanismos de resolução de problemas que deverão ser aplicados na vida cotidiana, para além do esporte. Ficou mais claro agora como o ensino por jogos é mais complexo?

Além disso, a possibilidade de ensino por jogos abriu mais espaço para a organização das atividades didáticas. Diversas propostas enfatizam a possibilidade de se utilizar atividades lúdicas como alternativas pedagógicas. Isso é muito relevante, pois desconstrói a tendência tecnicista com exercícios chatos, por serem demasiadamente repetitivos.

Como resultado, é possível aumentar adesão das crianças aos projetos de iniciação esportiva, com o adendo do lúdico. No entanto, não se trata apenas de uma brincadeira de aquecimento, mas sim de uma atividade organizada que possui elementos do jogo e deve ser utilizada como instrumento de aprendizagem e não apenas de "interação" ou "descontração".

Assimile

O modelo de ensino por jogos também apresenta base teórica sólida. Em geral, busca-se fundamentar a definição de que: "o jogo é um sistema complexo e, por assim dizer, o ensino dos jogos tem por fundamentos teorias filosóficas como a teoria da complexidade, auto-organização e teoria do caos". Essas teorias explicam que a interação entre as partes de um sistema produz resultados diferentes, quando os resultados do desempenho dos fragmentos são analisados isoladamente do contexto.

Outra característica importante refere-se à desconstrução das modalidades esportivas pré-estabelecidas. Nesse sentido, propõem-se o ensino do esporte baseado nas características

comum dos jogos, por exemplo, nas dinâmicas de invasão ou em ações que priorizam o acerto de um alvo.

Vale destacar que essa proposta do trabalho baseado em jogos é mundial. Segundo Scaglia et al. (1999), diferentes autores tratam do assunto, por meio da abordagem britância do *teaching games for understanding* (TGFU) - ensinando jogos para a compreensão. São referências no assunto também os brasileiros João Batista Freire e Alcides Scaglia.

É importante considerar que essas propostas são baseadas no ensino de jogos. Ainda assim, devem ser adaptadas a cada contexto sociocultural para que atinja os objetivos e necessidades de aprendizagem do público-alvo.

Vejamos, a seguir, a estrutura geral do TGFU, originário da escola britânica. O TGFU foi desenvolvido no Reino Unido, baseado no ensino da **lógica do jogo** para as crianças, como estratégia de aumento da performance esportiva. Além disso, os autores buscaram desenvolver essa proposta porque visualizaram os seguintes problemas em relação ao método tradicional:

- Poucas crianças alcançam o bom desempenho pela ênfase na técnica descontextualizada.
- Mesmo os habilidosos apresentam pouca flexibilidade e criatividade nas situações de jogos.
- O desempenho dos alunos era dependente da presença do professor, explicitando pouca autonomia dos educandos.
- A aprendizagem da dinâmica dos jogos era insuficiente.

Assim, por meio da análise dessas características com relação ao método tradicional, o foco está centrado mais no componente tático e na tomada de decisão para cumprir uma meta. Nesse caminho, como já vimos, há uma organização de ensino que difere da proposta clássica, aquela por modalidades esportivas.

Essa reorganização baseia-se na **lógica do jogo**, nas suas características principais que podem atender no futuro, se assim for necessário, o desempenho nas modalidades clássicas. Dito de outro modo, seriam as dinâmicas de invasão na área do adversário, como aquela que é vista no futebol ou basquetebol.

No caso no TGFU, não se propõe um jogo de futebol ou basquetebol, mas sim jogos de invasão, a partir dos quais os alunos irão vivenciar

situações-problema para avançar no campo adversário para cumprir uma meta (como marcar um ponto no jogo, por exemplo).

A lista a seguir resume a divisão original proposta do TGFU, bem como os princípios gerais sugeridos, assim:

- **Alvo** - Os jogadores pontuam ao transpor obstáculos para levar seus objetos ao alvo predeterminado.
- **Rede/Parede** - Jogadores tentam lançar objetos nas áreas de seus oponentes, mais rápido para que seus oponentes as devolvem.
- **Rebatida/Uso do campo** - Rebatedores criam oportunidades de pontuar rebatendo a bola para fora de uma área delimitada ou rebatedores pontuam ao correrem entre áreas sem a bola ser pega pelos adversários, ou ainda quando a bola alcança as áreas seguras antes dos rebatedores.
- **Território /Invasão** – Jogadores pontuam ao avançar dentro da área do oponente com um alvo específico. Ou ainda, os jogadores sem a bola evitam que o oponente marque ponto sem fazer uma falta.

Veja que nessa proposta não se fala em modalidades, mas em categorias de jogos. No entanto, percebe-se como essas categorias agrupam ações motoras e organização coletiva próximas de muitas modalidades esportivas, tais como: alvo (golfe); jogos de parede/rede (*squash*/voleibol); rebatida/uso do campo (tênis ou *baseball*); território/invasão (futebol ou basquetebol).

Até então, foi apresentada a estrutura organizacional do TGFU, como um exemplo do ensino do esporte por meio de jogos. Entretanto, assim como outras propostas, o TGFU apresenta uma ampla gama de procedimentos e condutas de ensino que vão além da divisão por categorias. No TGFU pretende-se (1) propor um jogo com regras modificadas ou exageradas; (2) Estimular o entendimento do jogo e como atuar no jogo – "o que fazer"; e (3) refletir para solucionar o problema desenhado – "como fazer".

Note que tanto a estrutura do TGFU como de outras propostas de ensino por jogos exigem uma participação ativa do aluno no processo de construção das soluções para os problemas vivenciados na prática. Apenas a reprodução de gestos técnicos não é mais suficiente nesse contexto, e outras habilidades terão que ser desenvolvidas.

Pesquise mais

O TGFU tem diversas características que devem ser seguidas para contemplar sua aplicação. Além disso, modificações e adaptações foram realizadas por diversos pesquisadores e professores. Assim, leia o artigo sugerido e aprofunde seus conhecimentos dessa proposta.

CLEMENTE, Filipe Manuel. Uma visão integrada do modelo *teaching games for understanding*: adequando os estilos de ensino e questionamento à realidade da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, 2014. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/1544/946>. Acesso em: 25 set. 2017.

Sem medo de errar

Você se lembra que nossos professores, Ana Laura e Wellington, têm que apresentar um diagnóstico da situação atual das aulas e, por consequência, uma solução sobre as diferenças de desempenho entre os alunos da ginástica e do futebol. Além disso, eles precisam levar esse assunto aos pais e, assim, acalmar os ânimos dos familiares. Para tanto, eles podem lançar mão das seguintes ações:

- Identificar os perfis dos alunos, com foco no desempenho físico, motor e cognitivo. Para tanto, deverão montar uma bateria de testes.
- Analisar cuidadosamente os métodos de aula. Nesse ponto, é provável que a tendência tecnicista esteja sendo aplicada, especialmente no futebol, onde esse modelo é tradicional.
- Analisar as atividades e verificar o nível de especialização que pode estar sendo aplicado em cada modalidade.
- Caso seja confirmada uma perspectiva tecnicista, propor a alteração para o ensino por jogos para ampliar as possibilidades de aprendizagem do aluno.
- Verificar na ginástica se não está ocorrendo uma seleção natural dos mais aptos e também se a metodologia de ensino tem privilegiado a aprendizagem da técnica pela aplicação em contexto, fato que vem distanciar do tecnicismo e oferece aprendizagem mais efetiva.

- Fazer um relatório do diagnóstico da situação atual das aulas, como parte integrante da reestruturação do esporte.
- Apresentar aos pais as diferenças de abordagens possíveis no esporte e como o clube está se adequando para unificar as metodologias e alinhar o desempenho dos alunos.

Avançando na prática

Exercitando a possibilidade de escolha no esporte

Descrição da situação-problema

Num programa de iniciação esportiva, iniciou-se a oferta de três modalidades: futebol, handebol, tênis, *badminton* e minivoleibol, para crianças de 7 a 12 anos. Como as atividades acontecem simultaneamente, os alunos têm que optar apenas por uma modalidade. No entanto, pais e alunos observaram outras possibilidades e solicitaram que o projeto possibilitasse a troca entre as modalidades esportivas. Para tanto, foi estabelecido que os alunos poderiam trocar de modalidade sempre que iniciassem um semestre. Feito isso, os professores notaram muita dificuldade de adaptação entre as modalidades, criando diferenças de desempenho e prejudicando o andamento da turma. Assim, como solucionar esse caso? Que modificações podem ser feitas na metodologia de ensino?

Resolução da situação-problema

- Em primeiro lugar, é necessário realinhar a concepção do projeto. Qual o objetivo? Oferecer uma formação ampla no esporte e a formação do cidadão? Se sim, o rodízio entre modalidades ou atividades se justifica e outras alterações são pertinentes.

- No entanto, é necessário reorientar a divisão por modalidades, para o conceito de agrupamento de habilidades ou famílias de habilidades, pelo menos para a faixa etária de 7 a 10 anos.

- Nesse sentido, seria interessante oferecer atividades com foco na habilidade do aluno ou com relação a alguma característica específica apresentada pelo aluno: como jogos de invasão ou jogos de rebater. Assim, os alunos entre 7 e 10 anos poderão construir uma

base motora que os prepararia para a alternância de modalidades mais instituídas como o futebol ou tênis.

- Caso essas alterações sejam escolhidas, será necessário reorganizar todo o horário de aulas, bem como o perfil do professor, que deverá estar pautado sobre a lógica do ensino a partir de jogos ou pela divisão por habilidades similares.

- Além disso, deverá ser protocolado um processo de avaliação que contemple a aprendizagem almejada e como isso se dará no processo de mudança de uma modalidade a outra.

Faça valer a pena

1. Assim como em outras atividades de ensino, metodologias variadas são empregadas para o ensino do esporte. Algumas apresentam características mais tradicionais, com foco no aspecto biológico, na mesma medida que outras tentam ampliar para uma abordagem mais complexa.

Nesse cenário, qual é a abordagem que se baseou no método fragmentado da ciência clássica?

a) Jogos pré-desportivos.
b) Construtivismo.
c) Tecnicismo.
d) Jogos coletivos.
e) Jogos táticos.

2. A abordagem de aprendizagem do esporte por jogos é uma proposta de vanguarda. No entanto, muitos ainda confundem e a aplicam apenas proporcionando jogos clássicos, sem o intuito de aprendizagem por meio desses jogos.

Assim, é correto afirmar sobre os preceitos da aprendizagem por jogos:

a) O foco está no desenvolvimento da técnica, tendo como modelo o esporte de rendimento.
b) A aprendizagem por jogos segue o modelo mecanicista.
c) Os jogos devem seguir as regras dos esportes coletivos.
d) O jogo pode ser fragmentado em situações menores, para aplicação da técnica.
e) Apresenta uma característica reducionista, para formação dos mais habilidosos.

3. As abordagens de ensino, seja da proposta reducionista ou da aprendizagem por jogos, apresentam base conceitual sólida independente, proporcionando mais ou menos resultados. Assim, é crucial entender a origem das abordagens do ensino, para prosseguir com sua análise e aplicação.

Desse modo, qual teoria pode ser considerada como base da proposta de aprendizagem por jogos?

a) Teoria inatista.
b) Teoria da complexidade.
c) Teoria mecanicista.
d) Teoria reducionista.
e) Teoria cognitiva.

Seção 2.2

Métodos formativos

Diálogo aberto

A adesão às intervenções nas áreas da saúde é um problema em vários segmentos: há uma dificuldade na adesão de dietas, medicamentos, terapias e não é diferente para a Educação Física e para o esporte.

Ana Laura e Wellington enfrentam um cenário adverso, embora tenham iniciado o ajuste em termos de aprendizado, ainda precisam lidar com a questão da evasão nas atividades diárias. Como todos os colegas, eles ganham por hora/aula e, obviamente, a queda na adesão implica diretamente na demanda de trabalho e na remuneração de toda a equipe. E isso tem sido frequente.

Assim, do ponto de vista de iniciação esportiva, qual é o foco das atividades do clube e como as atividades poderiam ser melhoradas? No que se refere à metodologia de ensino e o que deveria ser analisado e proposto?

Agora, nossos professores entram em um delicado momento, em que será necessário entender como toda a equipe trabalha, com objetivo claro de se evitar a evasão. Isso porque, na visão dos diretores do clube, a evasão é de responsabilidade dos professores de Educação Física, ninguém mais. Você concorda?

Não pode faltar

Nesta seção, vamos ampliar nosso entendimento sobre os métodos de ensino do esporte, bem como suas origens. Sempre que citamos um método de ensino, devemos ter em mente que há uma lógica que explica tal abordagem. Assim, é importante que entendamos dois pontos em destaque: a visão de ser humano e, consequentemente, que método se aplica ao desenvolvimento deste.

Dito de outro modo, se entendermos o ser humano como se fosse uma máquina, pautado pela visão mecanicista, é natural utilizarmos um método tradicional influenciado por teorias associacionistas.

O grande problema aqui é que quando a visão de homem e do mundo não estão alinhadas, gera-se muita confusão na sua aplicação. Por exemplo, se você enxerga o movimento humano como uma construção cultural, que vai além do entendimento de aspectos biomecânicos, e aplica em aula um método de ensino tradicional, é provável que você se sinta frustrado. Isso porque você não conseguirá formar alunos criativos e que busquem solucionar problemas.

Veja que, nesse ponto, retomamos as concepções de educação e pedagogia vistos na Seção 2.1, da Unidade 1. Assim, antes de escolher um método de ensino é fundamental fazer a reflexão: qual a minha visão de ser humano? Ele é uma máquina biológica ou um ser sociocultural? As respostas dessas questões direcionarão você para a escolha coerente dos métodos de ensino.

Dessa forma, com relação ao método tradicional, podemos entender que a visão de ser humano é vista por uma abordagem mecanicista, ou seja, entendendo que o ser humano é visto como se fosse uma máquina. Assim, ele pode ser explicado por leis da física e da química e, por isso, existe uma forte influência no esporte por meio do desenvolvimento da técnica, passo a passo, fragmentado com relação ao esporte em pequenos elementos.

Isso significa que o professor que compreende o ser humano como uma máquina, em geral, se sente confortável em aplicar um método de ensino analítico, baseado na teoria associacionista. Mas, o que é essa teoria?

A teoria associacionista busca explicar o aprendizado humano a partir de experimentos feitos com animais, entendo que os seres humanos não apresentam muitas diferenças dos seres considerados irracionais. Essa teoria entende que o desenvolvimento do aprendizado vem por estímulos externos, os quais permitem a situação de "ensaio e erro". Ou seja, o sujeito é exposto a repetidas situações (ensaios), nas quais ele deverá cumprir uma meta. Assim, após várias tentativas, ele será extremamente estimulado para atingir um objetivo (LA ROSA, 2001).

Veja como isso é refletido no esporte. O aluno é estimulado a repetir exercícios de arremesso no basquetebol. Assim que ele consegue realizar diversas cestas sem dificuldade, esse resultado é positivo e pode levar o indivíduo a uma situação de prazer ou motivação. Esse é um dos pontos da teoria associativa. Além disso, vemos a

necessidade de forte repetição, uma vez que o comportamento que não for reforçado tende a desaparecer. Por isso deve-se dar ênfase na repetição com consequente associação do aprendizado. Outro ponto importante refere-se à noção de associação. Entende-se que o aprendizado deve ocorrer pela associação de ideias, das mais simples às mais complexas, associando-as continuamente. Desse modo, para aplicar a teoria associativa, temos o método analítico, ou parcial, que pode apresentar três abordagens: analítica, repetitiva e isolada, como podemos entender melhor a seguir:

- Abordagem analítica (A + B + C): os fragmentos são separados e ensinados um após o outro, até que todas elas estejam com bom desempenho e supostamente possam ser aplicadas no jogo.
- Abordagem repetitiva (A + AB + ABC): um fragmento A é estimulado até a suposta aprendizagem. Depois, junta-se o fragmento A com um novo fragmento denominado de B, e assim por diante, até que todas as partes tenham sido aprendidas.
- Abordagem isolada (J + A + D): as partes ou fragmentos são ensinados sem nenhuma conexão, mantendo-se totalmente isolados.

Assimile

Veja que o método de ensino do esporte considerado tradicional é pautado na visão mecanicista do ser humano, obviamente sustentado pela corrente de pensamento mecanicista. Além disso, uma das teorias de aprendizagem que se encaixa nessa visão de ser humano é a teoria associativa. Por fim, para aplicá-la, pode ser utilizado o método analítico. Dessa forma, fechamos uma conexão importante: a visão de homem (mecanicismo), a teoria de aprendizagem (associacionista) e o método do desenvolvimento dessa teoria (analítico).

Pesquise mais

Como estamos defendendo no decorrer da disciplina, em qualquer área da atuação da Educação Física e esporte existe uma relação de ensino-aprendizagem. Vale a pena entender melhor como o associacionismo pode ser explicado no artigo que segue. Além disso, há uma discussão muito interessante sobre outras abordagens. NEVES, R. A.; DAMIANI, M.

F. Vygotsky e as Teorias da Aprendizagem. **UNIrevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/6UzW1c>. Acesso em: 4 nov. 2017.

Diferentemente do método analítico, algumas proposições visualizam focar na prática do jogo formal com estratégia de ensino. No entanto, essa abordagem é limitada para a resolução de problemas específicos. Não raro, podemos ver pais e alunos reclamando ao professor; "meu filho não pega na bola". Por que isso pode acontecer? Isso ocorre porque o ensino no método tradicional está tão fragmentado, que no momento em que se coloca o aluno no jogo formal, repleto de complexidades e situações inesperadas, literalmente muito alunos não sabem "o que fazer" com aquela situação. Dado essa deficiência de se trabalhar em situações quase que opostas (técnica X jogo formal), buscou-se identificar alternativas, dentre elas, propõe-se o **método situacional**.

O método situacional é caracterizado por uma opção metodológica ativa, a partir da qual o aluno pode experimentar situações adaptadas dos jogos formais, as quais que se aproximam da realidade do jogo. O foco se dá em situações de jogo, não apenas na técnica ou na dinâmica do jogo formal.

Defende-se que esse tipo de abordagem prioriza a busca da formação do jogador inteligente, que apresentará competência para analisar situações coletivas e dinâmicas, podendo adaptar suas qualidades técnicas, combinar padrões e, acima de tudo, resolver problemas. Assim, há uma exigência tanto técnica, como tática num nível de complexidade adaptado e derivado do jogo formal. Essa corrente defende que o ato do esporte envolve diferentes processos cognitivos na concepção do jogo, tido como declarativo e processual. No componente declarativo, refere-se a "saber o que fazer", dado o conhecimento das regras, posicionamento no campo, estratégias de ataque e defesa.

No entanto, "saber o que fazer" não é suficiente. É preciso desenvolver o conhecimento sobre "como e quando fazer", buscando selecionar ações mais adequadas para completar as metas e os desafios do jogo.

Para entendermos melhor o método situacional, é necessário visualizarmos as características comuns dos jogos desportivos coletivos (JDC). Em suma, o JDC é uma dinâmica que exige a solução de um problema geral: os jogadores têm que criar situações de finalização e marcação de um ponto ou de um gol. No entanto, existe um contexto a ser considerado: para realizar o objetivo final (gol ou ponto) eles têm de realizar ações coordenadas, com intuito de recuperar a bola, manter sua posse e prosseguir com ela em direção ao gol.

Agora deixando o problema do jogo mais específico, podemos dividi-lo em três subcategorias:

(1) Na dimensão do espaço e do tempo: resolução de desafio e problemas para movimentar a bola, com meta de transpor e ultrapassar o adversário, criar dificuldades de oposição como obstáculos e tentar recuperar a bola. Tudo isso considerando regras relativas à utilização do espaço e o tempo.

(2) Na dimensão da informação: resolução de desafios e problemas em criar situações de incerteza e instabilidade perante aos adversários. Isso necessita evidentemente do conhecimento claro dos objetivos e opções técnicas e táticas do jogo.

(3) Na dimensão da organização: torna-se necessária a integração dos colegas de equipe e a resolução de problemas relacionada aos objetivos do grupo, conectando as ações individuais às necessidades coletivas.

Reflita

Pense nisso: será que com toda essa complexidade é possível que os alunos joguem bem, apenas ensinando e reproduzindo os fundamentos técnicos? Como podemos ampliar esse aprendizado? Lembre-se que eles têm que articular várias habilidades para resolver um problema do jogo.

Para tanto, a aplicação do método situacional visa criar estruturas funcionais, situações próximas daquelas que ocorrem no jogo, mas com foco em certos aspectos. Assim, precisamos entender mais um pouco das características do jogo.

Algumas atividades estão presentes nos JDC em diversas situações, e são comuns a eles:

- Uma relação de oposição entre dois times ou equipes que utilizam um objeto (bola) como instrumento de aquisição de um objetivo.
- A aplicação de habilidades técnicas, capacidades físicas e habilidades básicas de acordo com o acervo físico-motor do aluno.
- A composição de estratégias individuais e coletivas, com intuito sempre de vencer o jogo.

Podemos perceber que, ao analisar as modalidades esportivas formais, essas características são muito comuns e, por isso, podemos nos pautar nelas para criar estruturas funcionais que poderão gerar situações de aprendizado aplicáveis a várias modalidades esportivas.

Nesse contexto, vale destacar a proposição dos seis princípios operacionais dos jogos, divididos em duas categorias: ataque e defesa.

Tabela 2.1 | Princípios operacionais dos jogos

Ataque		Defesa
Manutenção da posse de bola	X	Recuperar da posse da bola
Progressão da bola e da equipe em direção à meta	X	Impedir o avanço do adversário em direção a sua própria meta
Finalização da jogada	X	Impedir finalização do adversário

Fonte: Bayer (1994).

Reflita

Nem sempre precisamos ensinar ações de ataque e defesa, com o intuito de preparação para modalidades formais. Preparar o aluno para as modalidades esportivas formais não é obrigação da iniciação esportiva, é uma opção. Sendo assim, a aprendizagem do jogo e dos princípios operacionais pode contribuir para que outras dimensões do ser humano? Como podemos ensinar mais que o esporte a partir desses princípios? Organização, cooperação, perseverança são conteúdos a serem ensinados nessa perspectiva?

Fica claro que por meio da aprendizagem em categoria comum, a partir da criação de jogos adaptados com estruturas funcionais contextualizadas (por exemplo, manutenção e recuperação da bola), pode-se conseguir transferências de aprendizagens entre as modalidades formalmente instituídas, por exemplo.

Exemplificando

O método situacional parte das situações dos JDC e cria exercícios com jogos modificados como, por exemplo, jogos com diferentes situações de oposição, como: 1 x 1 (um contra um); superioridades numéricas – 2 x 1 (dois contra um) ou ainda, equilíbrio numérico com um defensor se recuperando (2x2 + 1) e assim por diante. Mas como fazer isso? Analise as situações de jogo de sua equipe e modalidade. E em quais delas existem pontos a melhorar? Em quais delas podemos perceber a maior frequência de gols ou pontos e, assim, aprimorá-las?

No exemplo citado anteriormente, podemos perceber que a adaptação do jogo acontece quanto ao número de jogadores. No entanto, seguindo a classificação do problema geral dos JDC anteriormente descrita, podemos criar situações em relação ao espaço ocupado – criando jogos em espaços de maior ou menor dimensão, por exemplo. Para tanto, também podemos entender semelhanças entre diversas modalidades instituídas, como demonstra a Tabela 2.2:

Tabela 2.2 | Classificação dos JDC segundo características técnico-táticas

Categoria	Classificação	Modalidade relacionada
Ocupação do espaço	De invasão De não invasão	Futebol Voleibol
Disputa de bola	De disputa direta De disputa indireta	Futebol Voleibol
Trajetórias predominantes	De troca de bola De circulação de bola	Voleibol Futebol

Fonte: Bayer (1994).

Assim, criamos estruturas funcionais para enfatizar a aprendizagem de alguns aspectos citados nas tabelas anteriores. As estruturas funcionais têm a finalidade de reduzir a complexidade do esporte formal e permitem modificar, por exemplo: o espaço do jogo, o tamanho do campo, a complexidade, as combinações técnicas, o número de decisões a serem tomadas, o tipo de combinações táticas e opções de comportamentos táticos.

Nesse ponto, vale fazer uma importante reflexão. Para que temos tantas classificações? Como operacionalizar em situação de aula todos esses conceitos? Veja, em primeiro lugar, essas tabelas foram criadas para entender as características comuns, que nos ajudam a direcionar atividades. Por exemplo, com relação às atividades caracterizadas como lúdicas, podemos perceber se existem características de invasão ou de disputa de bola? Como podemos adaptá-las para melhorar a aprendizagem de um princípio operacional?

Assim, deve ficar claro para todos os envolvidos, pais, alunos e professores, que as atividades desenvolvidas estão a serviço da aprendizagem de algum princípio operacional do jogo, com fundamento sólido da proposta situacional ou sistêmica.

Para organizar melhor sua proposta de ensino, podemos também orientar as estruturas funcionais ou jogos adaptados, sob as seguintes ênfases:

- Jogo orientado para a situação: objetiva aprender a jogar com liberdade, ou seja, no desenvolvimento da capacidade tática básica para o reconhecimento das situações do jogo em paralelo com o processo de aprendizagem motora. O desenvolvimento da capacidade tática deve estar norteado por cinco parâmetros: acertar o alvo, transportar a bola para o objetivo, criar superioridade numérica, jogo coletivo, reconhecer espaços e superar o adversário.
- Jogo orientado para as capacidades coordenativas: trata-se do desenvolvimento das capacidades motoras básicas que permitirão uma transferência para as técnicas específicas de uma modalidade esportiva, tais como: tempo, precisão, complexidade, carga e variabilidade
- Jogo orientado para as habilidades: trata-se do desenvolvimento de uma variada gama de habilidades técnicas e de elementos comuns em esportes, permitindo desenvolver uma maior

possibilidade técnica a partir da exercitação de elementos técnicos básicos dos diferentes esportes, tais como: condução de bola de forma precisa, força de controle e condução da bola, determinação do tempo e passe de bola.

Até então, vimos propostas de classificações e situações gerais da aplicação do método situacional. Agora deve estar mais fácil compreender o porquê do termo "situacional". A ideia seria criar situações específicas de jogos, podendo ser organizadas e pensadas segundo as classificações apresentadas. No entanto, nada disso é engessado ou fechado.

É importante compreender com clareza a filosofia que embasa o método situacional. Feita essa compreensão, é você, futuro professor, que irá definir qual ênfase será dada a sua estrutura funcional, ao seu jogo adaptado.

Sem medo de errar

Nossos professores estão levantando dados para entender a questão da evasão das atividades esportivas. Assim, um dos pontos verificados foi a abordagem das aulas, do ponto de vista da visão de homem e se o método aplicado corresponderia a essa visão. Diante disso, foi detectado que os professores ainda aplicavam o método tradicional, mesmo apresentando uma intenção de aprendizagem mais ampla. Dessa forma, Ana Laura e Wellington podem propor as seguintes mudanças para incrementar a adesão:

- Montar uma apresentação aos professores contemplando as vantagens e desvantagens sobre o método tradicional.
- Buscar reformular os planos de aula, com propostas que se adequem ao método situacional ou sistêmico, possibilitando a participação de todos.
- Ter em mente que a mudança é processual, portanto é de bom grado modificar o que já ocorre e aos poucos introduzir a nova metodologia.
- Propor novas atividades baseadas nas características dos jogos e não apenas em modalidades.
- Incentivar, no desenvolvimento das aulas, que os próprios alunos sugiram modificações nas atividades, estimulando a autonomia e participação, prevendo redução da evasão.

- Explicitar que essa metodologia pode preparar os alunos para vários tipos de modalidades instituídas, fator que pode aumentar o significado da prática e reduzir a evasão.
- Montar um cronograma que permita que os alunos experimentem diversas modalidades de jogos adaptados, proporcionando a cada um o conhecimento de possibilidades e limitações, algo que facilita a escolha, estimula a autonomia e pode incrementar a adesão.
- Apresentar aos alunos e responsáveis a nova metodologia e os resultados esperados.
- Montar uma rotina de avaliações após 3 ou 4 meses e demonstrar os resultados a todos os interessados, incluindo pais, alunos e a diretoria do clube. Apresentar indicativos de aprendizagem e como isso se correlaciona ou não com a adesão.

Avançando na prática

O jogo anárquico

Descrição da situação-problema

Um projeto de iniciação esportiva tende a compor a maioria de suas aulas com propostas de jogos formais do futebol ou basquetebol. O que se observa é uma dificuldade dos alunos em ocupar o espaço do campo, haja vista que parece que todos vão em direção da bola ao mesmo tempo. Desse modo, não se observa progressão no sentido de concluir a meta, seja marcar um gol ou mesmo um ponto em atividades adaptadas. Tendo esse cenário em vista, como podemos propor uma alteração no método de aula? Que tipo de solução pode ser visualizada nesse contexto?

Resolução da situação-problema

- Deve-se esclarecer aos alunos a necessidade de mudança de abordagem para as propostas situacionais.

- Incentivar que essas atividades proporcionarão conhecimento para as várias modalidades.

- Buscar introduzir atividades lúdicas com regras claras de ocupação do espaço, onde cada aluno deva ficar em uma

demarcação específica com delimitação, com arcos, cones ou outros acessórios.

- Nas atividades mesmo lúdicas, criar pontuações adicionais ou outra forma de benefício para quem conseguir contribuir com a equipe sem modificar a noção de ocupação do espaço.

- Ampliar a dinâmica da atividade para organização mais próxima dos jogos formais, gradativamente, e sempre criar regras para a ocupação do espaço.

- Registrar o desempenho em número de gols, participação de todos ou outra variável e comparar com as atividades mais formais antes realizadas.

Faça valer a pena

1. Diversas teorias buscam entender o processo de aprendizagem. No processo de ensino do esporte, observa-se que podem ser verificadas várias dessas teorias. Sobre isso, pode-se analisar um professor de Educação Física que segue uma rotina de aulas em que, a partir da primeira semana, ele ensina apenas exercícios de passe, na semana seguinte de condução de bola e na terceira de finalização.

Tendo esse cenário em vista, em qual teoria de ensino o professor baseia sua metodologia?

a) Teoria da causalidade.
b) Teoria fundamentalista.
c) Teoria associacionista.
d) Teoria sistêmica.
e) Teoria da complexidade.

2. Os jogos fazem parte do contexto do ser humano e também da aprendizagem do esporte. Mesmo observando-se diversas modalidades esportivas, podemos verificar características comuns ao jogos desportivos coletivos (JDC). Assim, é observável que a maioria das modalidades buscam a resolução de um problema geral.

Qual o problema comum e geral dos JDC?

a) Ênfase no aprendizado da técnica.
b) Criação de situações de finalização para marcar gol ou pontuação.

c) Criação de situações de transposição de bola por uma rede.
d) Criação de situações de invasão do espaço adversário.
e) Criação de situações de invasão do próprio espaço.

3. Podemos utilizar uma análise para identificar características comuns entre os jogos, sejam eles em modalidades instituídas ou não. Desse modo, de acordo com a ocupação do espaço, da disputa de bola e da trajetória da bola, podemos verificar as características de algumas modalidades formais.

Como podemos classificar o voleibol segundo: a ocupação do espaço, o tipo de disputa e sobre a trajetória da bola, respectivamente?

a) Não invasão; disputa indireta; troca de bola.
b) Invasão; disputa indireta; troca de bola.
c) Não invasão; disputa indireta; circulação de bola.
d) Invasão; disputa direta; troca de bola.
e) Não invasão; disputa direta; circulação de bola.

Seção 2.3

Aspectos pedagógicos do ensino do esporte

Diálogo aberto

Muitos falam que o esporte é uma atividade que promove relacionamento social, mas, na prática, Ana Laura e Wellington estão vendo que isso não é automático. Nas competições organizadas pelo clube, são frequentes as situações de conflito e desrespeito entre os alunos e, infelizmente, muitas vezes entre pais e demais espectadores.

Uma parcela dos associados, em torno de 60%, defende que o esporte é assim mesmo e que isso "faz parte do jogo". Em contrapartida, outro grupo em especial (composto pelas mães das crianças), argumenta que isso não deveria acontecer e que a função do esporte no clube deveria ser de recreação e não de competição. Essa parece ser também a opinião dos alunos, que relatam que têm "medo" do assunto competição em especial porque são humilhados por não "jogarem bem".

Diante desse contexto, como os professores poderão reformular a proposta de esporte do clube para solucionar essas divergências? Que metodologias precisam ser aplicadas ou revisitadas? Assim, Ana Laura e Wellington precisarão compor uma nova proposta de iniciação esportiva, descrevendo sua metodologia de trabalho e outras especificidades. Que tal investir nesse projeto com eles e aproveitar a dedicação para fechar o trabalho desta unidade?

Não pode faltar

No decorrer das seções anteriores visualizamos a tensão entre o ensino tradicional do esporte e as propostas atuais que se referem ao ensino por meio de jogos. Nessa discussão e reflexão, está implícito sempre a intenção de formação do ser humano integral, por meio do esporte. Desse modo, o que se tem defendido é um método de trabalho que busque ensinar o esporte de modo que as aprendizagens possam ir além do aspecto físico, técnico e tático.

No entanto, muito se fala a respeito da formação do cidadão por meio do esporte, mas pouco ainda se propõe sobre métodos de ensino organizados e que ajudem o professor, de fato, a "colocar em prática" todas essas reflexões. Claro que existem alguns caminhos. Nessa jornada, algumas propostas de trabalho se muniram de conceitos de desenvolvimento humano de outras áreas e construíram propostas para o esporte. Uma delas é a utilização dos princípios de educação da UNESCO:

a) Aprender a conhecer.

b) Aprender a fazer.

c) Aprender a conviver.

d) Aprender a ser.

Cada um desses princípios fora detalhado na seção três da unidade 1. Nesse contexto, vale destacar a proposição de Paes (1998, p.111):

> **[...] é preciso ter convicção de que o importante não é o jogo, mas sim quem joga [...] ensinar e aprender que o esporte através do jogo oferece algumas vantagens que estão vinculadas diretamente a determinadas competências.**

Observe que o desenvolvimento de competências está vinculado como um objetivo que o esporte pode atingir. Mas, o que entendemos por competência? A competência é a capacidade de agir eficazmente dado uma situação ou um desafio. Essa ação é apoiada em conhecimentos adquiridos e aplicados pelas pessoas no contexto de vida. Assim, uma competência não é apenas saber "o que fazer", mas também "como fazer".

Dito de outro modo, a competência significa a capacidade do indivíduo em mobilizar, transferir e integrar recursos e habilidades num contexto determinado. Assim, o conhecimento não adquire *status* de competência, a menos que este seja aplicado e utilizado. Nesse cenário, veja que operacionalização interessante foi realizada pela Instituto Ayrton Senna:

a) Aprender a conhecer – competências cognitivas.

b) Aprender a fazer – competências produtivas.

c) Aprender a conviver – competências relacionais.

d) Aprender a ser – competências pessoais.

Note aqui que a proposta é associar o desenvolvimento de uma competência específica a cada pilar da educação proposto pela UNESCO. Essa organização pode nos ajudar a identificar, a cada aula, o que podemos enfatizar e discutir com alunos para além do esporte. Concluindo, veja alguns exemplos de competências que podem estar associadas a cada pilar:

Quadro 2.1 | Pilares e competências associadas

Pilar	Competências
Aprender a ser	Competências pessoais: podem incluir ações para o desenvolvimento da autonomia, identidade, autoestima, autoconceito, autoeficácia, autoconfiança e outras.
Aprender a conviver	Competências sociais ou relacionais: podem incluir o estímulo à convivência social, enfatizando ações de comunicação, interação, compreensão do papel da comunidade, respeito às diversidades, conhecimento da cultura entre outros.
Aprender a fazer	Competências produtivas: envolve ações para o estímulo da capacidade de criação, que envolve habilidades de planejamento, descrição, tomada de decisão, interpretação de fatos e dados, e leitura do contexto.
Aprender a conhecer	Competências cognitivas: envolve o domínio de estratégias e lógica de raciocínio mais abrangentes, tais como entender o processo de aquisição do conhecimento que poderá ser aplicado em várias áreas, é o "aprender a aprender". Além disso, pode-se estender para o "aprender a ensinar".

Fonte: adaptado de Camara e Ubarana (2013).

Reflita

Então, aluno, ficou mais fácil agora organizar sua aula? Podemos, assim, no seu plano de aula de esporte, colocar um espaço específico para determinar que tipos de competências serão estimuladas naquela aula? Ou, ainda, que discussões ocorrem durante e no momento final de síntese dos trabalhos que demonstram esse resultado?

Assimile

Essa divisão proposta em pilares e competências faz distinção a algumas características marcantes em cada uma. Mas devemos ter em mente que há uma conexão importante entre esses grupos, e essa ligação fará com que o desenvolvimento de uma competência social, por exemplo, também traga resultado numa competência pessoal. É necessário manter essa visão de complexidade e, por consequência, das conexões entre os pilares e competências.

Nesse ponto, podemos ver que a nossa proposta de ensinar mais que o esporte, mais que técnica, tática e aspectos físicos passa a ficar mais clara. No entanto, ainda é importante enfatizar que todas as competências citadas anteriormente e sugeridas serão adquiridas por meio do esporte, de exercícios de técnica e tática. Portanto, devemos reforçar que podemos considerar competências físicas, técnicas e táticas. Observe como esses objetivos podem ficar interessantes:

Quadro 2.2 | Aspectos físicos e competências associadas

Aspecto	Competências
Físico	Competências físicas: envolvem o desenvolvimento das capacidades físicas necessárias a cada exigência de jogo ou modalidade esportiva desenvolvida.
Técnico	Competências técnicas: referem-se às habilidades técnicas relacionadas aos gestos necessários para a resoluções de problemas no contexto do jogo ou modalidade alvo.
Tático	Competências táticas: estão definidas pelo conhecimento aplicado em contexto da estratégia de jogo para cumprir com eficiência sua meta.

Fonte: adaptado de Camara (2016).

O que podemos ver nos Quadros 2.1 e 2.2 é a organização de um plano de aula para uma proposta de iniciação esportiva. Veja, nessa ideia, que teremos os objetivos "clássicos" técnico, tático e físico somados aos objetivos dos quatro pilares e das competências de aprendizagem.

O que deve ficar claro é que esses objetivos relacionados aos pilares de aprendizagem não são opcionais ou secundários, eles são parte presente de uma proposta de esporte com meta de

desenvolvimento humano. Dessa forma, **os resultados** das aulas deverão ser registrados tanto em termos de dados quantitativos (geralmente relacionados aos testes motores e físicos), bem como qualitativos, como os registros de relatos dos alunos e observações do professor que demonstrem o desenvolvimento dos pilares de aprendizagem.

Pesquise mais

A relação do esporte como elemento da cultura e como agente de aprendizagem da cultura é um tópico muito interessante, mas poucos discutem esse assunto com profundidade. Assim, seja um desses poucos a ampliar seus conhecimentos lendo o texto a seguir.

CALIL, André et al. Educação Física, esporte e cultura no ensino superior: íntimas relações com o Brasil e a atualidade. **Motriz: Revista de Educacão Física**, v. 16, n. 4, p. 1045-1051, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/67twFx>. Acesso em: 30 out. 2017.

Feita essa reflexão, devemos encarar um tópico de muita importância na iniciação esportiva: a competição. Muitos adeptos acabaram por descaracterizar o ensino do esporte, retirando-lhe a competição, tida como nociva ao desenvolvimento do ser humano por meio do esporte. Isso talvez tenha ocorrido pela observação de atitudes ilícitas e antiéticas realizadas por atletas, técnicos e dirigentes com intuito claro de vencer a qualquer custo.

Por muito tempo, o esporte foi visto como uma prática de hipervalorização da competição que por consequência exigia uma hiperseletividade. Dito de outro modo, privilegiam-se os mais habilidosos, ágeis e fortes. Mas essa ideia é extrema, e competir pode ter outros atores e contextos.

Não se trata, simplesmente, de banir a competição, já que esta é tida como um caractere inerente à prática esportiva e ao ensino do esporte. Assim, qualquer prática orientada ao ensino do esporte precisa conter elementos da aprendizagem para o competir. Além disso, competir é uma dinâmica da vida humana.

Desse modo, o que se pretende é utilizar a dinâmica da competição, do ganhar-perder, para proporcionar ambientes

de aprendizagem das competências citadas. Desse modo, a competição pautada numa abordagem que privilegia a reflexão e a compreensão e, acima de tudo, no respeito ao aluno, pode ser um instrumento de aprendizagem na iniciação esportiva.

Deve-se proporcionar ao aluno situações a partir das quais ele perceba a competição como algo possível e motivante, na qual ele aprimore sua relação com o outro, fortalecendo a prática comunitária e, tudo isso, sobrepondo ao binômio simplista do "perder-ganhar".

Portanto, o que caracteriza a competição como elemento pedagógico, aquele que propiciará o desenvolvimento humano? Podemos sugerir os seguintes princípios:

- Totalidade – entendimento que o sujeito/aluno apresente emoções, pensamentos e ações caracterizando sua identidade.
- Coeducação – ênfase nas trocas constantes de aprendizagem.
- Cooperação – criação de atividades e situações, num ambiente que privilegia o sucesso do coletivo, mas sem suprimir a individualidade.
- Participação – garantir a ação de todos na dinâmica da atividade.
- Autonomia – estímulo na tomada de decisão, considerando os valores pessoais e comuns, com responsabilidade ao outro.
- Diversidade cultural – compreender e respeitar as manifestações culturais presentes na prática esportiva e na convivência em grupo.

Vemos nesses princípios uma conexão muito forte com as propostas dos pilares de aprendizagem anteriormente descritos. Concluímos, até esse ponto, que a competição deve existir, mas não nos moldes do esporte de alto rendimento. Além disso, é importante salientar que para que a competição aconteça é necessário desenvolver o rendimento esportivo.

Nesse ponto, reside outra contradição que deve ser esclarecida. O rendimento ou desempenho também está presente em qualquer manifestação do esporte, incluindo a vertente de participação educacional. No entanto, não se busca um rendimento máximo, mas sim um ótimo desempenho e possível dentro das potencialidades do aluno.

Reflita

As propostas competitivas originárias do esporte podem estar a serviço de muitas aprendizagens. Desse modo, podemos ensinar as pessoas a enfrentar os desafios da vida por meio da competição no esporte? Os alunos aprenderão a ganhar e perder e a superar as dificuldades? Será que eles desenvolverão autoconhecimento por meio da experiência da competição?

Ainda assim, vale destacar uma outra tendência que visa proporcionar uma noção de cooperação e pode ser aplicada no contexto do esporte: os jogos cooperativos. Essa ideia surgiu da mesma preocupação com a hipercompetitividade do esporte de alto rendimento que levava a certo exagero e ênfase no individualismo, em especial na sociedade ocidental.

Os jogos cooperativos podem ser considerados uma ferramenta para a prática da pedagogia da cooperação, processo no qual os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados atendem a todos. Assim, a pedagogia da cooperação e, por assim dizer, os jogos cooperativos, também apresentam princípios, a saber:

- Coexistência: relativo a noção que as pessoas estão em constantes relacionamentos. Isso significa que há uma interdependência como característica fundamental da existência humana e a ação de cada um afeta a vida do outro e vice-versa.
- Convivência: aqui pretende-se enfatizar a ideia de inclusão. Não apenas as pessoas portadoras de necessidades especiais, mas da inclusão e consideração de pessoas com ideias, sentimentos e visões diferentes daqueles que se julgam ser a referência ou os melhores.
- Cooperação: visa o desenvolvimento da cooperação com uma prática da corresponsabilidade para o bem das relações humanas.
- Comunidade: é a consideração do ambiente para se estimular e manter o espírito de grupo, considerando a coexistência como um aspecto indissociável da vida e a cooperação como uma prática diária.

Vimos muita sintonia dos princípios da pedagogia da cooperação com a ideia de esporte para o desenvolvimento humano. De fato, os jogos cooperativos são atividades adaptadas ou recriadas para fortalecer esses princípios e podem ser adequados com relação a iniciação esportiva se estimularem os aspectos inerentes ao esporte. Assim, não se pode considerar diretamente os jogos cooperativos como um meio de iniciação esportiva, mas o professor deve buscar inserir seus princípios nas suas aulas e, assim, estimular a cooperação entre os alunos.

Mas, como definir os jogos cooperativos? São jogos formulados com uma organização alternativa, a partir da qual os jogadores jogam uns com os outros, ao invés de uns contra os outros. A ideia é que a equipe jogue para superar uma meta comum e não para derrotar o adversário. São jogos com foco em enfatizar a cooperação e reduzir a pressão da competição, o que pode levar a comportamentos destrutivos.

Ao invés disso, pretende-se promover a interação e a participação de todos, com foco em atividades de compartilhar, e desconsidera-se ou até elimina-se o medo do fracasso, reforçando a confiança em si mesmo e nos outros. Para ficar mais claro, observe o Quadro 2.3 que ilustra algumas diferenças entre os jogos cooperativos e competitivos.

Quadro 2.3 | Principais características dos jogos cooperativos e dos jogos competitivos

Jogos cooperativos	Jogos competitivos
Visão do que "tem para todos"	Visão de que "só tem para um"
Objetivos comuns	Objetivos exclusivos
Ganhar juntos	Ganhar sozinho
Jogar com	Jogar contra
Confiança mútua	Desconfiança / suspeita
Todos fazem parte	Todos ficam à parte
Descontração / atenção	Preocupação / tensão
Solidariedade	Rivalidade
Diversão para todos	Diversão às custas de alguns
A vitória é compartilhada	A vitória é uma ilusão
Vontade de continuar jogando	Pressa para acabar com o jogo

Fonte: adaptado de Broto (1997).

Por fim, vimos como organizar nossa proposta de iniciação esportiva que deve ir além do desempenho físico e técnico. Veja como deve-se inserir outros conteúdos que vão proporcionar o desenvolvimento integral do ser humano. Dentro desse contexto, diversas atividades são possíveis, desde que o professor as adapte para que sejam discutidas as competências previstas nessa proposta.

Exemplificando

Uma das categorias de jogos cooperativos são os jogos de inversão. Eles têm como objetivo enfatizar a noção de interdependência, com a troca constante e a aproximação de jogadores que começam em times diferentes. Veja algumas estratégias que podem ser utilizadas:

- Rodizio: os jogadores mudam de lado de acordo com situações pré-estabelecidas, por exemplo, depois de um escanteio no futebol.
- Inversão do goleador: o jogador que marca o ponto muda para outro time.
- Inversão de placar: o ponto realizado é transferido ao outro time.

Pesquise mais

Uma grande variedade de atividades e processos pedagógicos de jogos cooperativos pode ser visualizada na referência a seguir. Pedagogia da cooperação. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 66 p. – (Cadernos de referência de esporte; 12). Disponível em: <https://goo.gl/crE6as>. Acesso em: 30 out. 2017.

Sem medo de errar

Vimos que nossos professores estão enfrentando uma situação difícil, embora muito comum na prática esportiva no Brasil. As divergências sobre o papel do esporte são marcantes e sempre recaem na tensão entre competição e cooperação ou desempenho e participação dos atletas. Assim, eles devem agora se munir de referencial para acabar com os problemas que as visões estereotipadas que pais e alunos têm sobre o assunto "competição e participação".

Para tanto, eles podem seguir por meio dos seguintes caminhos:

- Montar um conjunto de informações, fatos e projetos que demonstrem que o esporte pode ser mais cooperativo e que tenham uma participação mútua.
- Apresentar os estudos de caso para a diretoria do clube e enfatizar os problemas que eles estão enfrentando. Posicionar os gestores que o clube precisa tomar partido de uma proposta de trabalho mais abrangente, caso contrário eles vão perder muitos alunos.
- Feita a apresentação, propor que os pais e alunos participam em conjunto de um evento, com foco em jogos cooperativos criados a partir de modificações nas modalidades formais (pois isso pode chamar mais atenção dos pais).
- Buscar coletar dados qualitativos (entrevistas em grupos focais) e quantitativos (questionários) dos participantes sobre as impressões da atividade.
- Modificar paulatinamente as atividades já aplicadas no clube, com intuito de reduzir a pressão da competição e do desempenho máximo, para uma proposta que possibilite a participação mútua com objetivos comuns.
- Montar uma rotina de avaliações para reportar a diretoria do clube e aos pais, avaliando possível adesão ao novo protocolo de aulas e avaliações.

Avançando na prática

A equipe precisa de ajuda!

Descrição da situação-problema

O coordenador de um projeto esportivo percebe uma tensão na equipe. Ele visualiza uma competição entre os professores de Educação Física, com foco em aumentar a quantidade de alunos em suas aulas. Para tanto, os profissionais passam a abordar os alunos buscando seduzi-los dizendo que sua aula ou modalidade é a "melhor". Isso tem gerado 2 problemas centrais: (1) a dificuldade de organizar eventos em competições e (2) grande confusão dos alunos em relação ao que é melhor para eles. Assim, como você agiria para solucionar essa conduta?

Resolução da situação-problema

- Deve-se identificar os motivos que levam os professores a "roubarem" alunos de outras aulas, podendo faltar alinhamento da filosofia e proposta do projeto.
- Buscar aplicar no próprio grupo atividades de jogos cooperativos, buscando enfatizar a coesão de grupos, inversão de papéis entre outras possibilidades.
- Após isso, realinhar os objetivos dos projetos e esclarecer aos alunos suas opções de acordo com sua escolha (autonomia) e não por pressão do professor.
- Fazer os professores participarem de atividades de cooperação junto com alunos para aprenderem a assumir o papel das crianças no meio dessa "confusão" de conduta.
- Criar rotinas de debates e atividades de cooperação, pois um único evento isolado poderia não resolver as questões. Por exemplo, encontros semanais, com discussões e propostas de inovação e adequação de nova contextualização de aprendizagem

Faça valer a pena

1. Há muito tempo já se discute o papel do esporte na formação do cidadão. Assim, muitos conteúdos têm sido propostos para o estímulo do desenvolvimento humano por meio da prática esportiva podendo considerar a utilização dos quatro pilares de aprendizagem ou da educação.

Nesse contexto, qual órgão internacional formulou esses quatro pilares?

a) Organização Mundial da Saúde.
b) Unesco.
c) Colégio Americano de Medicina Esportiva.
d) Organização Pan Americana da Saúde.
e) Comitê Olímpico.

2. Num planejamento de aulas de um professor de Educação Física nota-se que ele pretende trabalhar com jogos de invasão. Além da dinâmica de jogo, ele busca estimular a aprendizagem das competências de autoeficácia e convivência em grupo.

Nessa proposta, como podemos classificar as competências citadas, respectivamente?

a) Competência social e competência pessoal.
b) Competência produtiva e competência pessoal.
c) Competência pessoal e competência social.
d) Competência cognitiva e competência social
e) Competência geral e intuitiva.

3. Uma alternativa que veio a contrapor o esporte focado na competição exacerbada é a pedagogia de cooperação. De maneira aplicada, podemos utilizar os jogos cooperativos para compor propostas de valorização de alguns princípios, dentre eles o princípio da totalidade.

Nesse contexto, como podemos entender o princípio da totalidade?

a) Criação de atividades e situações num ambiente que privilegia o sucesso do coletivo, mas sem suprimir a individualidade.
b) Desenvolvimento das capacidades físicas, técnicas e táticas necessárias a cada exigência de jogo.
c) Envolve ações para ao estímulo da capacidade de criação.
d) Entendimento que o aluno apresenta emoções, pensamentos e ações caracterizando sua identidade.
e) Garanta da participação de todos na dinâmica da atividade.

Referências

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BELL, R.; HOPPER, T. Space the first frontier: Tactical awareness in teaching games for understanding. **Physical and Health Education Journal**, 69(1), 4-7, 2003.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos: Projeto Cooperação, 1997.

CALIL E SILVA, A.; ZAMBONI, M. J. Educação Física, Esporte e Cultura no Ensino Superior: íntimas relações com o Brasil e a atualidade. Motriz: **Revista de Educação Física**, v. 16, n. 4, p. 1045-1051, 2010.

CAMARA, F.M.; UBARANA Jr., J. E. **O esporte como possibilidade de desenvolvimento**. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013. 30 p. (Cadernos de referência de esporte; 7).

CAMARA, F. M. **Caderno de Atividades** - Comunidades Ativas. Manuscrito não publicado, 2016.

CLEMENTE, F. M. Uma visão integrada do modelo *teaching games for understanding*: adequando os estilos de ensino e questionamento à realidade da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/LRFzn2>. Acesso em: 25 set. 2017.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciên. e Mov**. Brasília v. 10, n.4, 2002.

DE PINHO, S. T. et al. **Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares**. Motriz, v. 16, p. 580-590, 2010.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos**. 2. ed. Faculdade de Ciência do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto: Porto, 1995.

HOPPER, T.F. Teaching games for understanding using progressive principles of play. **Physical & Health Education Journal**, 64(3), p.4, 1998.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um abc para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

LA ROSA, J. (Org.) **Psicologia e Educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NEVES, R. A.; DAMIANI, M. F. Vygotsky e as Teorias da Aprendizagem. UNIrevista, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/6UzW1c>. Acesso em: 4 nov. 2017.

PAES, R. R. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas.

_____. Esporte educacional. In:Congresso Latinoamericano de Educação Motora, 1, Foz do Iguaçu, 1998. Congresso Brasileiro de Educação Motora, 2, Foz do Iguaçu, 1998. **Anais**... Campinas: UNICAMP/FEF/DEM, 1998. p. 109-114.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

SADI, R. S.; COSTA, J. C.; SACCO, B. T. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2008.

SCAGLIA, A. J. et al. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

Concepção de ensino, eixos e procedimentos metodológicos

Convite ao estudo

Na unidade anterior, verificamos a abrangência que pode tomar a iniciação ao esporte. Dado a reflexão sobre a formação humana e impacto social que o esporte pode atingir na sociedade, é crucial entender como ensiná-lo.

Assim, é preciso saber que esse ensino não está relacionado apenas aos procedimentos técnicos, como a organização das aulas, estratégias didáticas ou recursos tecnológicos de ensino, mas, acima de tudo, à compreensão das concepções de ensino do ponto de vista da filosofia e da sociologia, áreas que deram corpo importante às metodologias da Educação Física nos últimos 40 anos.

Diante disso, nessa unidade trataremos das concepções pedagógicas, dos eixos metodológicos e das diferenciações das dimensões esportivas, em especial ao se tratar do desenvolvimento do esporte no contexto escolar.

Nessa jornada, acompanharemos o caso de dois professores de Educação Física, Carolina e João Paulo, que aceitaram um grande desafio profissional. Eles receberam um convite de entrevista para posições de professor de Educação Física num projeto de grande porte. Ao chegar na empresa propositora, eles se depararam com um contexto inesperado: de fato era um projeto de iniciação esportiva muito robusto, mas desenvolvido numa pequena cidade, no sudeste do estado do Pará, foco de ações de mineração. Naturais do Rio de Janeiro, eles teriam que se deslocar para viver no Pará. Em face de uma grande oportunidade de aprendizado eles aceitaram a proposta e foram para o norte do país.

Ao chegar na região visualizaram um contexto terminantemente diferente do qual estavam habituados. O clima do local, por exemplo, fator nunca enfatizado em suas aulas, nesse novo contexto, seria crucial, visto que as temperaturas médias da região norte do país variam em torno de 40° C. Ademais, as crianças tinham pouco ou nenhuma experiência com atividades esportivas, em especial a natação e o atletismo. Além disso, os professores perceberam que o esporte e atividades físicas em geral tinham significados bem diferentes daqueles observados no Sudeste do país.

Assim, para atender aquela população, eles teriam que revisitar todos os aspectos de prescrição de atividade esportiva para crianças, incluindo as direções metodológicas. No entanto, como se tratava de um grande projeto, um aspecto era abundante: estrutura física e material, custeado em boa parte por Leis de Incentivo ao Esporte.

As crianças estavam ansiosas para iniciar, bem como Carolina e João Paulo.

Seção 3.1

Concepções do ensino esportivo

Diálogo aberto

O complexo esportivo do projeto paraense foi construído em torno de um antigo campo de futebol. No entanto, os idealizadores (e patrocinadores) decidiram por implantar a natação e o atletismo. Assim, o campo de futebol seria utilizado apenas para o aprendizado das provas da modalidade de atletismo. Contudo, a pressão da comunidade foi grande e decidiram por oferecer a modalidade futebol.

Essa decisão gerou uma preferência dos alunos pela atividade do futebol, em detrimento das outras modalidades e atividades. Isso suscitou uma preocupação aos gestores que haviam investido num montante de material esportivo para a natação e atletismo e que estavam ociosos nesse momento.

Diante disso, como ajustar essa demanda? Que conhecimentos e discussões devem ser realizadas com professores e toda a equipe? Como reorientar o significado das modalidades? Nesse impasse, Carolina e João Paulo terão que se munir de conhecimentos sobre o contexto do esporte e de como ensinar num ambiente diverso.

Não pode faltar

Como professor devemos sempre buscar a coerência entre nossas estratégias didáticas. Essa coerência pode ser traduzida pela intenção pedagógica e a sua interação com o público que estamos trabalhando, bem como quais mudanças queremos proporcionar a esse público.

Para tanto, podemos lançar mão de algumas concepções de ensino. Tais abordagens não são necessariamente construídas para a Educação Física ou para a iniciação esportiva, mas podem estar a serviço da nossa área. Cabe ao professor, portanto, escolhê-las e aplicá-las em prol da formação do ser humano que tem em mente.

Nesse contexto, vale a pena conhecermos as características das concepções pedagógicas:

- Concepção crítico-emancipatória.
- Concepção crítico-superadora.
- Concepção desenvolvimentista.
- Concepção construtivista.

Essas concepções pedagógicas foram formuladas inicialmente para definir o sentido de aplicação da Educação Física no âmbito escolar. No entanto, como se observa atualmente, a iniciação esportiva tem um sentido educacional muito forte. Assim, é fundamental o conhecimento das concepções pedagógicas para aplicação em outros âmbitos além do ensino formal.

Concepções críticas

As tendências crítico-emancipatória e crítico-superadora são consideradas as linhas de trabalho mais eminentes das pedagogias críticas da Educação Física no Brasil. Assim, é importante revisitá-las e refletir como elas contribuem para o ensino do esporte.

Concepção crítico-emancipatória

No contexto de um currículo crítico-emancipatório, é importante reconsiderar a influência das obras do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, dos filósofos Maurice Merleau-Ponty e Jürgen Habermas. Essa linha crítico-emancipatória na Educação Física foi proposta pelo estudioso brasileiro Elenor Kunz. Para entender essa abordagem, algumas passagens importantes desses pensadores precisam ser revisitadas.

Um dos primeiros pontos a ser destacado, na concepção de Paulo Freire (2002), é a relação horizontal e solidária entre professor e aluno. Isso significa que o professor não detém todo o conhecimento e nunca é "o dono da verdade". Assim, o docente deve considerar que o aluno é o sujeito do processo educativo e nunca está vazio, bem como suas experiências e aprendizagens já existentes.

O desenvolvimento da consciência crítica, por sua vez, não é automático e individual. Somente a proposição do diálogo permitirá

o estímulo à criticidade e criatividade. Assim, o incentivo ao diálogo, à análise e à crítica devem estar no centro da prática pedagógica. Para tanto, a criação de ambientes e situações favoráveis à reflexão sobre a realidade é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade por si e pelo mundo em que vivem. E isso tudo pode ser aplicado na prática esportiva.

Exemplificando

Veja como os conteúdos se encaixam: na unidade anterior vimos a discussão sobre as limitações de tecnicismo. Pensando na abordagem de Paulo Freire, um professor que ensina a técnica, mas permite que os alunos demonstrem seus exemplos, suas vivências e suas propostas, tende a estimular a criatividade e a autonomia. Além disso, se ele propõe discussões sobre as dificuldades e êxitos observados, e como isso pode ser fruto da falta de oportunidades e situações de exclusão social, ele está estimulando a criticidade, o diálogo e análise da realidade. Essa sim, parece ser uma situação de prática horizontal, na qual o professor não se coloca como o detentor do saber, mas como um mediador da transformação da realidade do "ser-mais".

Mas o que o corpo e o esporte têm a ver com isso tudo? Essa reflexão é importante e nos remete, agora, a fazer uma síntese do pensamento de Merleau-Ponty (1999). Esse filósofo, extremamente influente na discussão do papel do corpo na Educação Física, propõe que o corpo é o meio de expressão de nossa situação do mundo, que o corpo é puramente nossa ferramenta expressiva.

Mas o corpo, para Merleau-Ponty (1999), não é um simples mecanismo desconectado das funções mentais, não há uma separação entre corpo e mente. O corpo é uma unidade conectada ao mundo em que vive, além disso, ele representa nossas percepções da realidade. Assim, o movimento humano, seja no esporte, no cotidiano ou em qualquer outra situação, nunca é mecânico, ele sempre é intencional, sempre representa uma situação vivida. Nessa acepção, tende-se a evitar o termo "movimento humano" que faz referência muitas vezes a uma máquina, para a utilização do termo motricidade ou motricidade humana. Segundo Merleau-Ponty:

> Toda a percepção exterior é imediatamente sinônima de uma certa percepção de meu corpo, assim como toda a percepção de meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 277)

Reflita

A partir dessa citação podemos entender porque as vezes vemos no futebol diferentes expressões de ações técnicas. Para algumas nações, o passe parece ser sempre muito rígido e para outras o mesmo fundamento parece ser mais solto e leve. Isso ocorre porque o movimento é intencional e traz a situação vivida do participante, seja ele num contexto mais rígido e "duro" ou num mais livre e aberto. Será que nossos alunos nas aulas de Educação Física, por meio de seus movimentos, agressivos ou não, solidários ou não, podem representar uma situação que vivem em suas famílias? Pense nisso!

Dentro desse contexto, que extrapola as leituras tradicionais de tendência biológica da Educação Física e Esporte, Kunz (2001) afirma que a pedagogia crítico-emancipatória deve dar oportunidade para que os alunos percebam as imposições realizadas pelo professor, sociedade ou quaisquer outros interlocutores, e a partir dessa percepção alcancem sua autonomia. Mesmo assim, vale frisar, que essa percepção é dada pela experimentação do corpo nas atividades e nas aulas da Educação Física.

Por fim, vale destacar que a concepção crítico-emancipatória de Kunz (2001) também está pautada nas ideias de Habermas, filósofo e sociólogo alemão. A partir da teoria da ação comunicativa de Habermas, na concepção crítico-emancipatória deve-se enfatizar o diálogo e dar maior abertura para que os alunos se coloquem nas aulas, priorizando assim a participação ativa desses estudantes. O professor deve estimular a proposição de opiniões, percepções, contrapontos e tudo que possa estimular a comunicação com objetivo de transformação da realidade.

Por fim, Kunz (2001) nos oferece uma síntese que pode ajudar a colocar em prática a concepção crítica-emancipatória, visando o desenvolvimento de competência para a formação de

sujeitos críticos. Assim, sugere-se a organização da formação das seguintes competências:

- A competência objetiva: que tem como meta o ensino da técnica para a desenvolvimento da autonomia.
- A competência social: refere-se aos conteúdos que devem ser ofertados e adquiridos para refletir sobre o contexto social e cultural.
- A competência comunicativa: estímulo ao desenvolvimento da linguagem (verbal, escrita ou corporal) como uma via de acesso ao pensamento crítico.

Concepção crítico-superadora

Essa concepção é debatida em um livro, de nome *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992), considerado uma referência importante na área de Educação Física. A obra é uma tendência crítica que apresenta a diferença, em relação ao referencial teórico, entre as abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória. Na concepção crítico-superadora os autores pautam-se especialmente num referencial materialista histórico-dialético com inspiração na defesa da classe trabalhadora. Tem por característica importante a crítica à educação na sociedade capitalista e na visão de classes sociais de origem marxista.

Nessa direção, o desenvolvimento de uma concepção crítico-superadora tende a buscar a defesa dos interesses das classes populares, estimulando o conhecimento e a crítica da realidade, com intenção de justiça social. Essa tendência considera que o contexto de ensino e aprendizagem é ligado ao ritmo de aquisição de conhecimento individual e sofre influência da condição de classe social que pode impor limites ao aprendizado do conteúdo. Em suma, pode ser considerada um instrumento de luta contra as proposições de uma sociedade capitalista.

O objeto de estudo da Educação Física, segundo essa concepção pedagógica, é a cultura corporal. A cultura corporal, por sua vez, pode ser entendida como a aprendizagem da motricidade como expressão humana. Em termos observáveis, a cultura corporal se concretiza em diferentes expressões como o esporte, as atividades gímnicas, as lutas, atividades rítmicas, entre outros.

Exemplificando

Aqui podemos expandir as discussões das aulas de ginástica. Há muito tempo, as práticas ginásticas são utilizadas como meio de construção de um corpo supostamente perfeito, ligado a padrões impostos pela mídia. Assim, pode-se fazer a reflexão do uso do corpo como instrumento de manipulação das massas e incentivo ao consumo, típicos do sistema capitalista. Dessa forma, a aula de ginástica, pelo conhecimento do corpo e, assim, da cultura corporal, é uma forma do aluno aprender sobre os sistemas político e econômico em que ele está inserido.

Defende-se que o aluno aprenda o conhecimento específico da Educação Física, bem como os diversos aspectos da realidade social. Assim, busca articular os conhecimentos da ação que se realiza, o que se pode pensar sobre ela e o sentido que ela tem em sua vida. A metodologia de ensino crítico-superadora pode ser organizada nos seguintes princípios:

- Relevância social do conteúdo, de acordo com a realidade social do aluno.
- Adequação do conteúdo ao desenvolvimento cognitivo.
- Simultaneidade do conteúdo, distanciando-se da segmentação do conteúdo por séries.
- Incorporação de conteúdos de maneira paralela.
- Constante ressignificação do conhecimento.

Os conteúdos da cultura corporal a serem ministrados aos alunos devem ser oriundos da dinâmica concreta do mundo vivido do estudante. No entanto, não se trata de descrever certo conteúdo, mas por meio dele proporcionar um novo entendimento da realidade social. Além disso, esse conteúdo não será veiculado apenas uma vez, mas poderá ser retomado em situações mais complexas e amplas em outros momentos do planejamento ou dos ciclos de aprendizagem, como propõe a metodologia crítico-superadora.

Assim, para sistematizar a apreensão da realidade, segundo Bracht (1999), os propositores dessa teoria sugerem a divisão do ensino em quatro ciclos:

> 1º Ciclo – organização da identidade dos dados da realidade;
> 2º Ciclo – iniciação à sistematização do conhecimento;
> 3º Ciclo – ampliação da sistematização do conhecimento;
> 4º Ciclo – aprofundamento da sistematização do conhecimento.
> (Bracht, 1999, p. 79)

Concepção desenvolvimentista

Essa concepção remete-se a noção mais restrita de desenvolvimento sustentado pelos processos biológicos de crescimento, maturação e aprendizagem motora, integrados a outros domínios como aspectos cognitivos.

Nessa linha, o movimento humano é o objeto de estudo da concepção desenvolvimentista, entendido como um fenômeno que pode ser assim observado e medido e é resultado de um processo interno do aluno. Podemos perceber que o entendimento de ser humano e corpo é bem distinto da concepção anterior. Na linha desenvolvimentista, a execução dos movimentos segue padrões pré-estabelecidos e possibilitam a interação com o meio ambiente.

Nessa concepção o indivíduo já possui seu potencial de desenvolvimento determinado pela genética, e o papel do professor é proporcionar estímulos para a manifestação desse desenvolvimento.

Dado essa visão mais focada no aparato biológico, naturalmente o processo pedagógico da abordagem desenvolvimentista é pautado na idade cronológica do sujeito. Em síntese, podemos verificar que essas fases devem ser adequadas ao desenvolvimento das habilidades:

- Locomotoras (por exemplo: andar, correr, nadar, saltitar e saltar).
- Manipulativas (por exemplo: arremessar, rebater, receber, chutar, sacar).
- Estabilizadoras (por exemplo: girar, flexionar, equilibrar-se).

E, além disso, deve-se dispor de estímulos para a aprendizagem de movimentos específicos, com os movimentos de alguma expressão corporal da dança, artes marciais, modalidades esportivas, ou até mesmo ações do trabalho formal. A organização dessa abordagem é geralmente realizada através da idade cronológica, constituindo-se uma vantagem para a aplicação em contextos escolares, por exemplo.

Fica fácil, até então, definir que tipo de crítica é feita a essa concepção. Alguns sugerem que pouco se propõe em termos de contexto de ensino da cultura ou do mundo vivido e que a aprendizagem do movimento se limita às demandas de aprendizagem motora e desenvolvimento motor. No entanto, vale pautar algumas considerações sobre a abordagem desenvolvimentista.

Uma delas diz respeito à idade cronológica. Na linha de trabalho desenvolvimentista, o desenvolvimento motor é *impactado* pela idade, mas não é *determinado* por ela. Ou seja, embora se observem padrões esperados a cada idade, outros fatores podem influenciar na aprendizagem do movimento. Assim, nessa perspectiva o professor de Educação Física deve buscar a adaptação da atividade ao indivíduo e não apenas a sua faixa etária. Além disso, a abordagem busca a integração de aspectos motores, cognitivos, sociais e afetivos. Esses componentes podem ser entendidos como:

- Desenvolvimento motor: caracterizado pela aprendizagem de destrezas motoras, tanto fundamentais como especializadas. Além disso, aborda o desenvolvimento da aptidão física relacionado à saúde e ao desempenho esportivo.
- Aprendizagem cognitiva: é a mudança sistemática na habilidade de pensar. Envolve a aprendizagem de conceitos de movimento, destreza, aptidão e de habilidades específicas do esporte, aspectos que estão inseridos na abordagem desenvolvimentista. Ademais, envolve a aprendizagem perceptivo-motora, como percepção espacial, corporal ou ritmo.
- Crescimento socioafetivo: busca a aprendizagem de interação com outras pessoas e consigo mesma. Envolve a noção de autoconceito e socialização.

Assim, pode-se entender que a concepção desenvolvimentista apresenta foco mais intenso no desenvolvimento motor. No entanto, também demonstra direcionamentos de cunho socioafetivos.

Assimile

Até então, as duas concepções apresentadas têm aplicações na indicação esportiva. Na concepção desenvolvimentista o objeto de trabalho ainda está mais direcionado ao físico, todavia ressalte a relevência do aspecto socioafetivo. Já as tendências críticas preconizam o desenvolvimento humano por meio da prática esportiva e do exercício. Ademais, esse foco de desenvolvimento é o ponto de diferença entre as duas concepções.

Concepção construtivista

No Brasil, o professor João Batista Freire tem sido colocado como referência da concepção construtivista no ensino do esporte. Já vimos anteriormente, como esse autor preconiza os princípios do ensino do esporte. Sua metodologia, tida como construtivista, refere-se à metodologia de aplicação de atividades lúdicas que estimulem à cognição, socialização e afetividade por meio do exercício da motricidade humana. A motricidade humana é um conjunto de habilidades que permitem ao homem produzir conhecimento e se expressar.

Nessa perspectiva, os jogos e as brincadeiras são o centro da ação pedagógica. Por meio da prática do jogo, as habilidades motoras e capacidades físicas são estimuladas numa atividade dinâmica, que privilegia os saberes prévios dos alunos e distância das atividades talvez monótonas e analíticas as quais por muito tempo preencheram as aulas de Educação Física e Esporte.

É importante considerar que não se propõe atividades mirabolantes, ao contrário, busca-se atividades no próprio universo das brincadeiras e jogos clássicos – como a amarelinha, cantigas de roda, pega-pega – a estrutura para o desenvolvimento da motricidade dos alunos. Isso parece ser terminantemente importante, pois as atividades partem do princípio de uma linguagem corporal já conhecida dos alunos.

Assim, é crucial considerar que o professor não deve apenas aplicar as brincadeiras clássicas, mas utilizar essas dinâmicas como ponto de partida para o estímulo da motricidade e a apropriação de outras habilidades físico-motoras.

Pesquise mais

Outras propostas metodológicas podem ser encontradas nesse artigo. Veja como o campo de ensino da Educação Física e Esporte pode ir muito além! Leia agora.

BARBIERI, Aline Fabiane; PORELLI, Ana Beatriz; MELLO, Rosângela Aparecida. Abordagens, concepções e perspectivas de Educação Física quanto à Metodologia de Ensino nos trabalhos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) em 2009. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 223-240, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/mHrxQK>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Sem medo de errar

Nossos professores, Carolina e João Paulo, enfrentam o primeiro desafio do novo trabalho. Eles precisam equilibrar a demanda das atividades do futebol, atletismo e natação. Visualizaram ainda uma cultura muito ligada à modalidade do futebol e, assim, precisam ajustar as metodologias de aulas e concepções de ensino. Para tanto, eles podem recorrer as seguintes ações:

- Apresentar ao corpo técnico e gestor, incluindo outros profissionais, como pedagogos e psicólogos, quais são as concepções de ensino que podem trazer a reflexão para a necessidade do conhecimento da cultura local.
- Em seguida, é possível apresentar diversas situações-problemas para os pais e alunos, a partir da prática das três modalidades, e discutir as possibilidades de aprendizado de cada uma, com foco em demonstrar que elas se complementam. Ou seja, que apenas uma modalidade não é suficiente para o desenvolvimento dos alunos, sendo necessário aumentar o repertório de experiências.
- Então, busca-se a intervenção mais aplicada, como o atletismo e a natação, a fim de que seja possível conhecer aspectos culturais e motores por meio de outras atividades, além do futebol.
- Em contraponto, demonstrar como a cultura do futebol pode traduzir uma cultura da malandragem e desonestidade,

constantemente vista em nossa realidade. Evidentemente, como corrigir e formar pessoas honestas, também por meio do futebol.

- Buscar identificar, com alunos, pais e professores, aspectos que podem ser discutidos dentro das modalidades e como cada uma pode contribuir para o desenvolvimento do cidadão, de acordo com a cultura local.
- Ademais, é importante reconsiderar nas aulas todos os conteúdos veiculados e como avaliar que concepção pedagógica está sendo aplicada e como se apresentam os resultados.

Avançando na prática

O desenvolvimento motor é suficiente?

Descrição da situação-problema

Um professor de um projeto de uma praça de esportes é acionado para compor uma intervenção que estimule o aprendizado da cultura local. Ele faz uso de uma rotina de testes motores e físicos e aplica sessões de várias modalidades como o futebol, voleibol, handebol e basquetebol, segundo solicitação da prefeitura. O docente pontua que a cultura já faz parte do esporte e isso se desenvolve automaticamente. No entanto, em avaliação da prefeitura, via consultoria, não foram observados sinais de aprendizagem da cultura local por meio do esporte. Assim, quais ações que devem ser tomadas para resolver esse caso?

Resolução da situação-problema

- Primeiramente, deve-se observar que tipo de discussões esse professor realiza em aula. Ao contrário do que se veicula no senso comum, o esporte não resolve problemas automaticamente ou por si só.
- Mesmo aplicando testes físicos e com modalidades formais, deve-se conduzir discussões de cunho mais amplo. Por exemplo, no futebol, discutir a história da modalidade, seu uso como objetivo de consumo e a exposição na mídia de

expoentes pode ajudar a entender o contexto econômico e político do país e despertar a consciência crítica.

- Além disso, a partir da similaridade entre as modalidades, pode-se estimular a análise de cada modalidade, suas semelhanças e diferenças e, assim, construir a capacidade de análise para outras situações da vida e da cultura.
- Ademais, pode-se aproximar essas condutas das concepções críticas e avaliar outras especificidades que podem ser aplicadas. Por exemplo, a sequência de análise da realidade, como propõe a concepção crítico-superadora.
- Por fim, é importante realizar avaliações com outras metodologias, em especial, com abordagens qualitativas que podem trazer dados mais concretos e oferecer registros que possam ser apresentados à prefeitura.

Faça valer a pena

1. Tida como um instrumento de educação, a Educação Física, ao longo da sua história, tem pautado-se em diversas concepções pedagógicas. Uma delas preconiza o desenvolvimento motor e físico do aluno baseado em sua idade, buscando considerar também os aspectos socioafetivos.

Sobre qual concepção a descrição anterior se refere?

a) Concepção fenomenológica.
b) Concepção desenvolvimentista.
c) Concepção construtivista.
d) Concepção libertadora.
e) Concepção esportiva.

2. A Educação Física pautou-se em conhecimentos de diversas áreas, incluindo a sociologia e filosofia, para construir seu corpo de conhecimento de metodologias de ensino. Tem-se a proposta de corpo de Merleau-Ponty, na proposição metodológica de Elenor Kunz.

Assim, segundo a reflexão de Merleau-Ponty (1999) é correto afirmar sobre o corpo:

a) Nosso corpo é uma unidade e representa nossa percepção da realidade.
b) Nosso corpo é um mecanismo biológico.

c) Nosso corpo tem funções distintas da nossa mente.
d) Nosso corpo é o conjunto de percepções mentais.
e) Nosso corpo é a representação de habilidades físicas e motoras.

3. Kunz (2001) é o idealizador da concepção pedagógica crítico-emancipatória. O autor sugere o desenvolvimento de três competências, por meio das aulas de Educação Física: competência objetiva, competência social e competência comunicativa.

Assim, sobre a competência objetiva, é correto afirmar:

a) É o estímulo ao desenvolvimento da linguagem como uma via de acesso ao pensamento crítico.
b) Refere-se aos conteúdos que devem ser ofertados e adquiridos para refletir sobre o contexto social e cultural.
c) Tem como meta o ensino da técnica para a desenvolvimento da autonomia.
d) Refere-se aos conteúdos que devem ser ofertados e adquiridos para aquisição de independência física.
e) Tem como meta o ensino da técnica para a desenvolvimento da heteronomia.

Seção 3.2

Eixos metodológicos

Diálogo aberto

Nada como algum tempo de aclimatação! Carolina e João Paulo caminharam bastante no ajuste da demanda entre as modalidades esportivas do projeto. Agora, com mais conhecimento do contexto em que trabalham, perceberam outras necessidades nesse momento do ponto de vista didático pedagógico.

Os docentes visualizaram que os alunos têm se envolvido com afinco na modalidade coletiva do futebol, porém, eles ainda têm dificuldades em desenvolver de ações coletivas dessa categoria. Ou seja, nas atividades de aplicação, ou no jogo propriamente dito, o desempenho no contexto de jogo está ainda deficitário, descaracterizando a própria modalidade (já que é aplicada segundo moldes e regras do futebol, cumprindo expectativas da comunidade).

Assim, como podemos solucionar esse problema? Seria o ensino da modalidade? Ou é uma característica da modalidade? O desempenho na situação coletiva é devido a uma característica cognitiva ou física? As outras modalidades poderiam ajudar em algo?

Não pode faltar

É importante reforçar que são muitos os benefícios da prática esportiva na infância e na adolescência. Do ponto de vista biológico, como visto na unidade 1, os processos de maturação e crescimento são potenciais influenciadores do desempenho esportivo nesse período da vida. Além disso, o desenvolvimento social e emocional da criança precisa ser considerado quando ela for exposta a uma intervenção em iniciação esportiva.

Dado esse contexto, os pesquisadores da ciência do esporte buscam identificar a idade mais propícia para a iniciação esportiva. Em geral, entende-se que o período entre 12 a 14 anos é o mais indicado para iniciar a prática de uma modalidade específica. Antes

dos 12 anos, defende-se que não há, ainda, desenvolvimento suficiente para a participação de períodos de treinamento e competições formais. Na medida em que se busca especializar a criança numa modalidade esportiva, pode-se ocorrer o fenômeno denominado especialização precoce, que veremos com mais detalhes na Unidade 4 da disciplina.

Um ponto importante a ser destacado é a noção de competição formal. A preocupação aqui é a exposição da criança ao formato adotado em competições de alto rendimento geralmente atreladas a modalidades formais. No entanto, mesmo antes dos 12 anos, é viável e recomendável propiciar situações de competições entre as crianças, desde que se respeite a participação mútua e o grau de desenvolvimento do participante.

Considerando o esporte como um direito de todos, os cidadãos deveriam ter acesso à iniciação esportiva na infância. No entanto, caso isso não ocorra, considera-se que a aprendizagem do esporte na idade adulta é denominada iniciação esportiva tardia, como veremos mais adiante nesse texto.

Em reflexões sobre as limitações do método analítico, destaca-se a proposição da iniciação esportiva universal, baseada na aprendizagem por jogos, buscando-se "jogar para aprender" e "aprender jogando". Veremos no item a seguir os detalhes dessa proposta.

Iniciação esportiva universal

A iniciação esportiva universal é uma proposta de ensino do esporte que pode ser iniciada aos 6 anos de idade. Como dito, busca resgatar a cultura do jogo em diversos âmbitos comuns da vida das crianças como a praia, a rua e os espaços da escola.

No entanto, não é apenas a reprodução dessas atividades na iniciação esportiva, mas sim um ponto de partida para o ensino dos quesitos necessários à aprendizagem do esporte.

Dentro dessa proposta, busca-se reconhecer a característica imprevisível do jogo, como um ponto que pode ser utilizado para a aprendizagem da tomada de decisão e na resolução de um problema. Tem como meta, portanto, criar conhecimentos e linhas de raciocínio para a resolução de problemas incidentais, ou seja, aqueles que aparecem sem previsibilidades na hora do jogo.

Antes de avançarmos, caro aluno, cabe aqui tecer um esclarecimento. Ainda que essa aprendizagem seja baseada ao acaso, ou pautada na imprevisibilidade, isso não significa que o professor não planeje situações e momentos de aula para que isso seja vivenciado.

Sim, o planejamento dos conteúdos táticos, técnicos e físicos se mantêm, mas cabe ao professor enfatizar e refletir com os alunos as situações problemas encontradas e como foram ou serão resolvidas. Vale fazer essa reflexão porque muitos profissionais, sem a leitura profunda do método, caem na rotina de que "os jogos oferecerão por si só a aprendizagem" e, assim, muitas vezes se propõe uma atividade sem sentido ou sem aprendizagem.

Prosseguindo com a organização do ensino, baseado na Escola da Bola dos autores Kröger e Roth (1999), a sequência metodológica centra-se nos Jogos de Inteligência e Criatividade Tática. Assim, inverte-se a noção do senso comum, que inicia a aprendizagem pela técnica, e busca-se nessa proposta enfatizar o processo de aprendizagem pela tática. Portanto, a sequência geral pode ser assim resumida:

A. Processo de aprendizagem dos conteúdos táticos: compreende a (1) aprendizagem das capacidades táticas básicas, (2) estruturas funcionais gerais e (3) estruturas funcionais direcionadas.

B. Complementação com os processos de aprendizagem motora: (1) treinamento de coordenação e (2) habilidades técnicas.

C. Treinamento Técnico-Tático: Treinamento técnico e tático; treinamento integrado.

Veja, nesse ponto, que não se trata de separar conteúdos, mas distingui-los. Mas, o que isso quer dizer? Em cada fase, pretende-se enfatizar tais aspectos, mas isso não significa que eles estejam separados, o professor deve fazer uma distinção e uma ênfase ao ensinar. Em suma, na situação de jogo ocorre a interação de todos esses fatores, algo que o predispõe à imprevisibilidade e à solução de problemas como dito.

Assimile

Todo o método de ensino apresenta uma sequência de ações, mas, acima de tudo, uma estrutura que pode ser modificada sem perder sua essência. No item B, propõe-se um processo de treinamento específico para a coordenação. Mas, se seu grupo de alunos precisa também de melhorias na capacidade física, como a agilidade, pode-se obtê-la por meio dos Jogos de Inteligência e Criatividade tática. Desse modo, não deixa de ser um processo de iniciação esportiva universal, pois mantém sua base de sustentação que são os jogos.

Reflita

Jogos de Inteligência e Criatividade tática não são jogos mirabolantes e desconhecidos. Eles podem ser realizados por meio de adaptações das próprias brincadeiras das crianças. Assim, que tipos de brincadeiras infantis fazem parte da cultura da sua região? Que outras brincadeiras mais antigas podem ser retomadas? Como adaptá-las para o ensino do esporte? Pense nisso, descreva a brincadeira no papel e comece a pôr em prática!

Considerando agora o detalhamento de cada momento do processo metodológico da Iniciação Esportiva Universal, vamos entender do que é composto o primeiro momento sobre a aprendizagem tática.

Sobre esse ponto, o primeiro aspecto a ser considerado é o **desenvolvimento das capacidades táticas básicas**, implícitas na lógica do jogo, em especial, dos jogos coletivos. Mas o que é a lógica do jogo? É aquilo que o caracteriza, é a dinâmica que pode ser observada como padrão no sistema de jogo. Difícil ainda? Veja o exemplo a seguir:

Exemplificando

Se colocarmos duas equipes em oposição, sendo que existe apenas uma bola que deve acertar um alvo na linha extrema de cada campo pré-determinado, cada equipe deverá compor sua estratégia de jogo. Para tal, precisam analisar a lógica do jogo que, em suma, é ter o controle da bola, e levá-la até o objetivo, que é acertar o alvo.

Nesse ponto, podemos nos apoiar nas características operacionais das modalidades coletivas para compreender melhor como analisar a lógica do jogo. Essas características estão divididas em dois grandes grupos de princípios, sendo uma para o ataque o outra para a defesa:

A. Princípios operacionais de ataque:

- Conservação individual e coletiva da bola.
- Progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário.
- Finalizar a jogada.

B. Princípios operacionais de defesa:

- Recuperação/conquista da bola.
- Impedir o avanço tanto da bola quanto adversário ao alvo.
- Proteção do alvo impedindo a finalização adversária.

Pode-se sintetizar as capacidades táticas em seis categorias, que precisam ser organizadas nos jogos:

Quadro 3.1 | Capacidades táticas

CAPACIDADE TÁTICA	
PARÂMETRO	EXEMPLOS DE TAREFAS TÁTICAS
Acertar o alvo	Deve-se lançar, chutar, combater, disparar uma bola a um alvo, para que atinja um local desejado.
Transportar a bola para o objetivo	Objetiva-se transportar, jogar, fazer a bola chegar a um objetivo pré-definido.
Criar superioridade numérica	O importante é através do jogo em conjunto com o colega conseguir um ponto, gol, ou preparar o ponto, gol para o outro (assistência).
Jogo coletivo	O importante é receber a bola do colega, ou passar a bola para ele.
Reconhecer espaços	É importante reconhecer as chances para se jogar ao gol.
Superar o adversário	No confronto com o adversário consegue-se assegurar a posse da bola.

Fonte: adaptado de Kroger e Roth (2005, p.32).

Mas, para desenvolver a lógica do jogo serão necessárias várias habilidades coletivas e individuais, tais como: velocidade, percepção espacial, comunicação, jogo em conjunto, dentre muitas outras. Assim, os alunos aprenderão mais conteúdos, além da lógica do jogo. Por outro lado, e se a lógica do jogo é mais complexa e acaba por impossibilitá-lo?

Veja, nesse ponto, que não pode haver o engessamento da atividade, a ideia é adaptá-la a fim de que todos compreendam que todo o jogo tem uma dinâmica padrão, uma lógica. Mas, lembre-se: isso não acontece automaticamente, o professor precisa criar momentos de análise, para que os alunos assimilem a dinâmica proposta.

Sobre essas adaptações, podemos fazer referência ao segundo quesito que são as **estruturas funcionais**. A situação de oposição de suas equipes, com uma bola e uma meta (tão frequentes em modalidades formais), pode ser complexa demais se exigirmos grande quantidade de jogadores logo no início. Assim, pode-se criar situações de oposições e metas, como "minijogos", nos quais desenvolvem-se com menor número de jogadores ou redução nas dimensões do campo, aproximando-se as metas e assim por diante.

Assim sendo, como a lógica do jogo (colaboração, oposição, ataque, defesa) se manteve na estrutura funcional, essa atividade pode ser o ponto de partida para situações mais complexas, com mais interações entre jogadores, espaço e tempo.

Na sequência metodológica da iniciação esportiva universal, vimos que o desenvolvimento por meio dos **jogos da coordenação** e das **habilidades técnicas** é tanto possível como necessário. Assim, nessa fase é priorizado o aprendizado de habilidades simples, como rebater ou lançar, sob diversas situações externas que podemos promover na dinâmica do jogo, com o intuito de desenvolver as capacidades coordenativas.

Nessa linha, busca-se colocar em contexto a habilidade, em si, sob os denominados fatores de pressão, como o tempo (fazer o mais rápido possível) ou precisão (apresentar maior exatidão), organização, complexidade, variabilidade e carga. Além disso, considera-se sua relação com o sistema cognitivo mais predominante na tarefa, denominado de receptores de informação.

Veja no Quadro 3.2, como esses fatores podem ser relacionados aos receptores de informação.

Quadro 3.2 | Fatores de pressão e receptores de informação

Receptores de informação	Fatores de pressão	Características da motricidade
Visual	Tempo	Minimizar o tempo ou maximizar a velocidade.
Acústico	Precisão	Apresentar a maior exatidão possível.
Tátil	Organização	Resolver, superar exigências simultâneas, em paralelo.
Cinestésico	Complexidade / Sequência	Resolver, superar exigências em sequência, uma após a outra.
Vestibular (equilíbrio)	Variabilidade	Superar exigências ambientais variáveis e situações diferentes.
	Carga	Vencer exigências de tipo físico-condicionais ou psíquicas.

Fonte: adaptado de Greco (2012, p. 158).

Em seguida, busca-se o desenvolvimento das habilidades técnicas. Trata-se do desenvolvimento de uma variada gama de habilidades técnicas e elementos comuns em diversas modalidades esportivas, permitindo desenvolver acervo técnico a partir da exercitação de exercícios direcionados às técnicas.

As habilidades técnicas são estruturadas em sete parâmetros e estão presentes em todas as técnicas que constituem as diferentes modalidades esportivas, no quadro a seguir estão evidentes os principais componentes das habilidades técnicas.

Quadro 3.3 | Componentes das habilidades técnicas

HABILIDADES TÉCNICAS	EXEMPLOS DE OBJETIVOS
Organização dos ângulos	Organizar, regular e conduzir de forma precisa a direção de uma bola lançada, chutada ou rebatida.
Controle (regulação) da força	Controlar, conduzir, regular de forma precisa a força de uma bola lançada, chutada ou rebatida.
Determinar o tempo de passe e da bola	Determinar o tempo de passe e da bola.
Determinar linhas de corrida e tempo da bola	Determinar com precisão a direção e a velocidade de uma bola que é enviada na sua direção no momento de correr e de pegar.

Oferecer (se preparar)	O importante é se oferecer, preparar-se ou iniciar a condução de movimento no momento certo.
Antecipar a direção e distância do passe	Determinar a correta direção e distância de uma bola passada, prevendo-a corretamente.
Antecipação da posição defensiva	Antecipar, prever a real posição de um ou vários defensores.
Observar deslocamentos	Perceber os movimentos, deslocamentos de um ou de vários adversários.

Fonte: adaptado de Kroger e Roth (2005, p.148).

Nessa passagem pela proposta de iniciação esportiva universal, podemos compreender que a ideia é oportunizar à criança os conteúdos das modalidades esportivas, de maneira comum e agrupada. Ou seja, no desenvolvimento dos jogos de inteligência, as situações estruturais podem estar a serviço de diversas modalidades institucionalizadas.

Ainda assim, preparar a criança para a esporte formal não é, e não precisa ser o único objetivo da iniciação esportiva. Lembre-se que vimos que podemos ensinar mais que o esporte. Portanto, as noções de estratégia, de percepção do espaço, de desenvolvimento do corpo e da integração entre as partes de um sistema podem estar a serviço de muitos outros problemas e desafios na vida do aluno.

Iniciação esportiva tardia

A iniciação esportiva não pode e nem é exclusiva da infância, pois ainda que seja evidente que os períodos da infância e da adolescência sejam considerados como os mais propícios para o aprendizado do esporte, não se deve excluir que a iniciação esportiva aconteça, também, na fase adulta, sendo nomeada por iniciação esportiva tardia.

Propõem-se que o aprendizado de habilidades básicas e técnicas podem ser advindos da exposição a situações problemas, seja de jogos ou outras dinâmicas corporais, que levem à mudança de comportamento motor. Essa situação de aprendizagem motora, independe da idade e do estágio maturacional do indivíduo.

Assim, não se pode considerar que a idade cronológica determina o aprendizado do esporte. Ademais, considera-se perfeitamente possível

que não exista apenas um período crítico para tal. Portanto, é vital enfatizar que o aprendizado de uma modalidade esportiva pode ser alcançado em qualquer fase da vida, por meios e métodos de ensino adaptados à realidade motora, física e biopsicossocial do participante.

Infelizmente, a maior ênfase na literatura do esporte ainda está na iniciação esportiva na infância, com pouquíssima atenção à aprendizagem do esporte na fase adulta. No entanto, defende-se que deva se ampliar as propostas do ensino do esporte na fase adulta, já que esse é um período de pleno desenvolvimento humano.

Pesquise mais

Para aprofundar seus conhecimentos sobre a iniciação esportiva tardia, leia o artigo que traz uma interessante reflexão sobre as possibilidades de se aprender a modalidade basquetebol na fase adulta, por meio da dinâmica de jogos.

SILVA, Rogério Matos Pimentel; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/8LAj9T>. Acesso em: 18 nov. 2017.

Sem medo de errar

Lembre-se que João Paulo e Carolina estão cada vez mais ambientados no novo projeto. No entanto, ainda observam problemas comuns que podem ser sanados com a introdução de perspectivas mais modernas de ensino do esporte. Nesse caso, eles percebem a dificuldade dos alunos em cumprir as rotinas de ataque, defesa e posse de bola na modalidade do futebol. Assim, os docentes podem propor as seguintes alterações:

- Realizar uma reunião com professores da equipe e verificar como surgiram as demandas das modalidades e porque estão propondo o modo formal de ensino (baseado no esporte de rendimento).
- Retomar os perfis dos alunos em termos técnicos, táticos e físicos e tentar identificar alguma deficiência específica.

- Verificar se é possível realizar o passo 1 da iniciação esportiva universal, buscando-se criar situações de analises junto aos alunos, com o intuído de que eles entendam a lógica do jogo.
- Apoiar-se em recursos gráficos, como um quadro branco, e mostrar os esquemas de jogos aos alunos a fim de que que eles busquem identificar seus papéis para cumprir a meta.
- Se possível, filmar um jogo inteiro e discutir com os alunos as possibilidades e a lógica de jogo.
- Feito o entendimento da lógica de jogo, pode-se utilizar da estratégia de unidades estruturais a fim de possibilitar o entendimento da dinâmica do jogo em situações menos complexas.
- Além disso, se detectado uma deficiência nos aspectos físicos ou motores, criar situações e atividades com jogos, para estimular a coordenação e outros aspectos.
- Por fim, compor uma bateria de testes e avaliações (filmagens podem ser utilizadas), bem como entrevistas em grupo e análises de jogo, para identificar a aprendizagem da lógica do jogo.

Avançando na prática

Idosos na aprendizagem do esporte

Descrição da situação-problema

Um grupo de idosos (acima de 60 anos) de um programa de Educação Física para idosos cumpre uma rotina semanal de 2 sessões de exercícios, por 90 minutos. No segundo dia (quartas-feiras) eles desenvolvem suas atividades numa quadra de vôlei. Lá realizam exercícios de força, flexibilidade e aeróbio. No entanto, eles questionam o professor porque não poderiam jogar vôlei. Sendo assim, o docente monta equipes e inicia os jogos no modelo formal. No entanto, após essa iniciativa, o professor é penalizado pelo clube, sob a justificativa que esporte não é para gente velha. Sem respostas para o clube ou para os idosos, o professor perde parte do controle sobre as aulas. Os alunos passam a jogar por conta própria e muitos desistem do programa. Diante disso, como retomar a adesão e satisfazer a vontade desses idosos em aprender o esporte?

Resolução da situação-problema

- Num primeiro momento, esse professor deve ser esclarecido ou buscar referências que expliquem o pleno desenvolvimento ao longo da vida. Por exemplo, a teoria da velhice bem-sucedida.
- Feito isso, ele terá um aporte teórico denso que suportará o desenvolvimento da prática esportiva na velhice e poderá, assim, solicitar ao clube mais apoio à prática.
- Do ponto de vista da organização das aulas, ele deve avaliar ou reavaliar o nível da capacidade funcional dos idosos e identificar quais são os padrões de capacidade funcional, capacidades físicas, habilidades básicas e técnicas.
- Feitas as avaliações, o professor poderá adaptar o jogo de vôlei, assim como introduzir outras dinâmicas reduzidas, que possibilitem a participação mútua, algo que pode favorecer a adesão ao programa.
- Deve-se demonstrar aos idosos como a prática do jogo pode apresentar melhorias funcionais, impactando no seu cotidiano. Muitas vezes, pequenos ganhos no equilíbrio ou tempo de reação, por exemplo, podem reduzir a incidência de quedas. Esses estímulos podem estar presentes nas atividades de jogos focadas no desenvolvimento da coordenação e das habilidades técnicas.
- Além disso, a vivência na dinâmica do jogo pode propiciar muitos benefícios aos idosos, como a capacidade de raciocínio, convivência, estratégia, para além das melhorias funcionais. Isso pode ser especialmente motivador já que se observa um certo nível de exclusão da população idosa.

Faça valer a pena

1. Na aprendizagem do esporte podemos observar que na proposta de iniciação esportiva universal há um foco na aprendizagem por jogos. Para tanto, sugere-se a estratégia de ensino por estruturas funcionais.

Assim, as estruturas funcionais estão presentes em qual fase da iniciação esportiva universal?

a) Processos de aprendizagem motora.
b) Processo de aprendizagem dos conteúdos técnicos.

c) Processo de aprendizagem dos conteúdos táticos.
d) Treinamento de coordenação.
e) Treinamento de habilidades técnicas.

2. O desenvolvimento das questões técnicas também é alvo da aprendizagem esportiva universal. No entanto, ela não é desenvolvida de maneira analítica como no método tradicional. Busca-se criar situações específicas de jogos para as habilidades técnicas. Assim, observa-se que um professor propõe um jogo no qual os jogadores devem acertar o mais rápido possível um alvo, até que acabem suas bolas. Quem ficar sem bolas primeiro, vence.

Dada essa situação, sob quais fatores de pressão a habilidade de lançar está sendo estimulada?

a) Tempo e precisão.
b) Tempo e organização.
c) Precisão e organização.
d) Carga e tempo.
e) Tempo e variabilidade.

3. Discute-se na literatura as possibilidades de iniciação esportiva. Dentro desse contexto, percebe-se a iniciativa de propor o ensino do esporte, sob diversos vieses, para além da infância e adolescência. Entende-se, portanto, que é possível uma iniciação esportiva tardia.

Tendo isso em vista, qual das assertivas abaixo não caracteriza a iniciação esportiva tardia?

a) Aprendizagem motora independe da idade e estado maturacional do indivíduo.
b) Capacidades físicas devem ser desenvolvidas até a adolescência.
c) Aprendizagem do esporte na fase adulta.
d) O desenvolvimento do esporte é possível para pessoas idosas.
e) Há poucos trabalhos na literatura científica.

Seção 3.3

Procedimentos metodológicos

Diálogo aberto

O trabalho tem fluído bem nesse grande projeto. Tão bem, que a comunidade pede mais competições. Alguns reclamam que as crianças apenas treinam, mas não jogam nunca. Por outro lado, algumas famílias planejam levar os filhos a outros centros a fim de que eles se tornem atletas, pois há rumores de que "olheiros" estão observando as crianças do projeto. Por fim, e não menos importante, a comunidade quer que mais ações, no sentido de recreação, sejam realizadas.

Em vista dessa tensão, a gestão do projeto se posiciona e pede aos professores que solucionem o problema e acalmem as pessoas. Além disso, também reforça que é um projeto de iniciação esportiva e precisa cumprir essa meta (inclusive por questões de contrato com investidores).

Assim, quais as soluções para alinhar essas demandas? Como apresentar as possibilidades da prática esportiva? Como intervir? Diante dessa movimentação, estendemos o convite a você, discente. Vamos aderir a esse diálogo? Aproveite toda essa conversa para estruturar um projeto de iniciação esportiva, incluindo as etapas de implantação, execução e monitoramento.

Não pode faltar

Nessa seção, caro aluno, nos debruçaremos nas características principais das manifestações esportivas delineadas na Seção 3 da Unidade 1: o Esporte de Rendimento e o Esporte Educacional. Dado esse contexto, poderemos explorar quais as características mais marcantes de cada manifestação.

O esporte de alto rendimento

Talvez, o mais conhecido e discutido seja o esporte de rendimento. Mas, antes de tecer suas definições, precisamos

retomar a ideia de rendimento no contexto do esporte. Toda e qualquer prática esportiva, ou mesmo de exercícios físicos, pressupõe algum nível de rendimento e de desempenho. Assim, neste texto, optaremos por enfatizar que estamos nos referindo à manifestação do esporte de alto rendimento. Dito de outro modo, uma maneira de se propor a prática esportiva na qual se busca o rendimento máximo, por isso o cuidado no detalhe de se utilizar o adjetivo "alto" antes de "rendimento".

Em síntese, o esporte de alto rendimento é aquele que tem como foco principal o desenvolvimento e formação atlética de alto nível, com intuito elementar de participar de competições nacionais e internacionais. Desse modo, para atingir a excelência no desempenho atlético, o professor de Educação Física precisa estar munido de procedimentos metodológicos específicos, especialmente da temática de treinamento esportivo.

A disciplina de treinamento esportivo é o ponto de partida para se atingir a meta de alto desempenho esportivo. No entanto, outras áreas do conhecimento, devem fazer parte de uma estrutura de treinamento de atletas, tais como a nutrição do esporte, psicologia do esporte e a medicina do esporte.

No caso do treinamento esportivo, essa é uma área que se utiliza principalmente de conceitos da fisiologia do exercício para o desenvolvimento de atletas e equipes de alto rendimento. Podemos definir esse treinamento como um processo caracterizado por exercícios físicos sistematizados e organizados para otimização das habilidades motoras e capacidades físicas, com intuito de possibilitar as adaptações estruturais, metabólicas e mentais necessárias para se atingir o nível de desempenho esperado.

Nesse contexto, podemos destacar que o treinamento é um **processo**, ou seja, algo que ocorre ao longo do tempo. Além disso, ele ocorre pela aplicação de **exercícios sistematizados**, ou seja, organizados numa sequência lógica, de acordo com objetivos pré-estabelecidos a ajustados durante o processo.

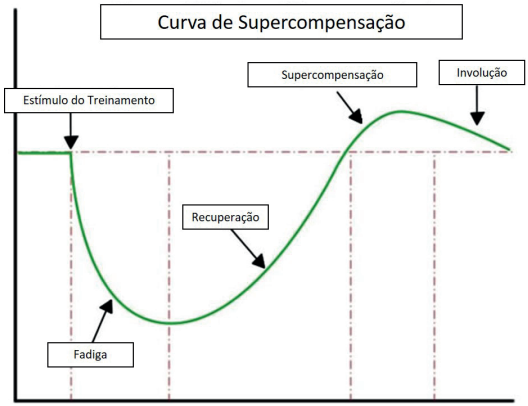
Assim, para que esse processo ocorra é fundamental que se sigam alguns princípios. Esses princípios do treinamento são fatos e conceitos que devem embasar os procedimentos metodológicos a serem realizados no **processo** de desenvolvimento de um atleta. Nesse contexto, pode-se destacar os seguintes princípios:

- Individualidade biológica: fenômeno que explica a variabilidade entre as pessoas, determinando a inexistência de pessoas iguais. É caracterizado pelo genótipo (aspectos genéticos) e pelo fenótipo (potencial de desenvolvimento do genótipo), pelos estímulos do treinamento.
- Adaptação: processo de modificação das estruturas e mecanismos orgânicos para manter o pleno funcionamento em estímulos diversos.
- Sobrecarga: é necessário que o indivíduo seja submetido a estímulos contínuos e graduais ("cargas") que provoquem a adaptação almejada, respeitando-se a individualidade, considerando a adaptação individual e o ciclo de recuperação.
- Continuidade: as cargas devem ser constantes ao longo do tempo para que o objetivo seja atingido. Ou seja, deve-se evitar a interrupção do treinamento.
- Reversibilidade: retorno às condições de aptidão anteriores, caso o atleta não seja submetido ao treinamento regular.
- Especificidade: o treinamento deve ser planejado de acordo com as exigências específicas do desempenho esportivo em questão, em termos de capacidades físicas intervenientes, de sistema energético preponderante, de segmento corporal e de aspectos biomecânicos.

Veja, caro aluno, para o esporte de alto rendimento, deve-se sistematizar um programa de treinamento que considere com muito critério cada um desses princípios. Além disso, é importante pontuar que esses princípios são totalmente relacionados e a manipulação ou observação de um pode implicar em alterações em outros.

Para entender melhor essas conexões, é importante destacar o princípio da sobrecarga que pode ser ilustrado pela curva de supercompensação (Figura 3.1).

Figura 3.1 | Curva de supercompensação



Fonte: adaptada de Zatsiorsky e Kraemer (2006, p. 10)

A curva de supercompensação ilustra a aplicação de um estímulo de treinamento, que apresenta um sobrecarga capaz de levar o sujeito à fadiga. Após isso, deve ocorrer o momento de recuperação, que é responsável por recompor a estrutura e os processos atingidos pela carga de treinamento. Em seguida, deve-se observar a resposta biológica da supercompensação, que se refere à adaptação dos sistemas orgânicos, preparando o organismo para uma sobrecarga mais intensa. Defende-se que é no momento da supercompensação que deve ser aplicado um novo estímulo e proporcionar, assim, desenvolvimento contínuo.

Exemplificando

No caso de uma pessoa submetida a uma sessão de treinamento de força muscular, essa sessão pode ser considerada um estímulo que, nesse caso, será predominantemente oferecido pelos exercícios com pesos. Essa rotina, por sua vez, promove um "desgaste" da musculatura e a leva à fadiga. No período de recuperação, que por vezes leva alguns dias, ocorre a recuperação muscular, que pode ser vista, por exemplo, pela recomposição das miofibrilas e substratos energéticos. Após isso, pode ocorrer um aumento no volume muscular que permitirá a aplicação de uma sobrecarga mais elevada e assim por diante.

Note que, até então, o processo metodológico do treinamento esportivo passa por um ajuste muito preciso entre a sobrecarga aplicada e o tempo de recuperação. Tendo isso bem programado é muito provável que os ganhos em rendimento ocorram com mais eficiência. Além disso, é crucial retomar que esse ajuste deve considerar primordialmente os aspectos individuais do sujeito, traduzidos evidentemente pelo princípio da individualidade biológica. Você entende, agora, caro aluno, como esses princípios estão sempre conectados?

Por falar em conexão, repare que pontuamos que o treinamento esportivo é baseado na relação entre os períodos de sobrecarga e tempo de recuperação. Assim, se a magnitude da sobrecarga for mais elevada, provavelmente será necessário um período de recuperação mais longo. Assim, visto a necessidade de se organizar o treinamento em períodos, outro ponto metodológico de fundamental importância são os modelos de *periodização de treinamento*.

A periodização do treinamento compreende períodos particulares de treinamento, contendo objetivos e conteúdos bem determinados. Em suma, refere-se à organização e à alocação de cargas de exercícios de diversas magnitudes, a cada período de tempo, para otimizar os processos de supercompensação. Além disso, ajuda a organizar o processo de treinamento referente às temporadas de competições.

No contexto de periodização, não estamos falando apenas de dias ou semanas, muitas vezes o planejamento de treinamento é periodizado em meses, semestres ou anos. Assim, é crucial visualizar que cada período pode ser denominado de ciclo. Nessa abordagem, em geral, podemos visualizar a divisão do planejamento dos ciclos de treinamento em três grupos:

- **Macrociclo**: compreende a estrutura total do período de treinamento. É delimitada normalmente em um semestre, 1 ano ou mais.
- **Mesociclo**: compreende a subdivisão do macrociclo, geralmente em meses.
- **Microciclo**: compreende a subdivisão do mesociclo, geralmente em semanas.

Mas o que isso quer dizer exatamente? Que o controle de carga pode ser referenciado a cada ciclo. Por exemplo, podemos organizar dois microciclos ordinários (sobrecarga moderada), na sequencia um microciclo de choque (sobrecarga alta) e, no seguinte, um microciclo recuperativo (sobrecarga baixa) e assim por diante. A ideia central é ter períodos de referência em relação à magnitude da carga e do tempo necessário para recuperação.

Em vista dessa exposição geral sobre o processo de treinamento, podemos entender de maneira global quais são os passos metodológicos do esporte de alto rendimento, que é pautado na organização do treinamento físico. É importante afirmar que existem muitas variações nos modelos de periodização, bem como na definição dos princípios, dando margem a muitas aplicações e discussões nesse campo.

Não devemos esquecer, ademais, que outras áreas do conhecimento são importantes para desenvolver o atleta, dentre elas a nutrição, a medicina, a fisioterapia, a psicologia e outras que forem necessárias.

Esporte educacional: esporte da escola ou na escola?

Não é novidade que as práticas esportivas estão presentes no ensino formal há muito tempo, aliás datam do início do século passado. No entanto, a escola tem uma função própria na sociedade e a Educação Física tem que incorporar a função da escola em suas aulas. Nesse caso, a Educação Física estaria a serviço da instituição escolar, em especial, ao desenvolver o conteúdo acerca do esporte.

No entanto, não é bem essa a tradição da Educação Física escolar. A Educação Física e o ensino do esporte passam a fazer parte do contexto escolar como uma atividade e, principalmente nos anos 1970, nossa área aborda com prioridade o treinamento esportivo e o desenvolvimento da aptidão física e motora.

Nessa época, taxada como *atividade*, não poderia ser classificada como uma disciplina, pois não possibilitava reflexão e construção do conhecimento, levando o ensino do esporte como um fim em si mesmo, com foco exclusivo no ensino de modalidades esportivas e no incremento da aptidão física dos alunos.

A partir dessa visão pode-se relacionar o que se conceitua de Esporte *na* escola. A expressão "esporte *na* escola" tem por intuito designar a aplicação de modelos de treinamento esportivo formais e de alto rendimento no ambiente escolar. Assim, a busca pelo talento, pela vitória nas competições, pela especificidade de desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades técnicas, ganham um novo ambiente de prática: a escola.

Dito de outro modo, o esporte na escola não absorve a função da escola e se coloca como instrumento de educação, ele apenas "pega emprestado" o local de funcionamento da instituição escolar, bem como seus alunos, e reproduz a mesma prática de rendimento visto em outros locais. Trata-se apenas de transferir de local a aplicação do esporte de rendimento.

Essa prática pode ser chamada de prática *esportivizada*, pois reproduz o nível esportivo de rendimento dentro do ambiente de ensino formal, sem espaço para a aprendizagem de outros conteúdos necessários à formação do aluno.

Por outro lado, tendo como sustentação os Parâmetros Curriculares Nacionais, reforça-se que a Educação Física deve entender o ser humano de forma integral, com uma visão de homem complexo, para além de seus mecanismos biológicos. Ou seja, entendendo o ser humano como um ser biopsicossocial, apenas o desenvolvimento de aspectos físicos é insuficiente como prática da Educação Física no contexto escolar, mesmo quando se trata do esporte como conteúdo.

Reflita

Mesmo sendo considerada formalmente como uma disciplina curricular para a formação do ser humano integral, a Educação Física, através do esporte, tem mesmo cumprido seu papel? Será que os professores de Educação Física da escola estão ampliando a visão da função do esporte na vida das pessoas? Pense nisso e conecte o conteúdo com a nossa realidade profissional.

Essa direção, pela qual se utiliza o esporte como instrumento de educação dentro do ambiente escolar, é muitas vezes caracterizada como o esporte da escola. Assim, é o esporte a serviço do conteúdo

escolar que, dentro das aulas de Educação Física, ensinará muito mais que o esporte.

Para tanto, pode-se lançar mão da organização metodológica baseada em Cesar Coll (2000), que é amplamente utilizada na Educação Física e, consequentemente, no esporte *da* escola. A proposta de Coll, derivada da psicologia do ensino, pretende organizar os conteúdos de acordo com três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal.

Essa organização pretende responder a três questões básicas: "o que se deve saber?" (dimensão conceitual); "o que se deve saber fazer?" (dimensão procedimental); e "como se deve ser?" (dimensão atitudinal). Mas como funciona todo esse processo metodológico?

Tendo como base as atividades esportivas, é crucial determinar a cada aula quais conteúdos serão discutidos, tendo como foco a formação humana que se pretende desenvolver. Para ficar mais fácil podemos verificar, em cada dimensão, exemplos de conteúdo:

Dimensão conceitual: pode ser veiculada discussões e atividades que propiciem aos alunos o entendimento da história do esporte e como ele se manifesta nas nossas vidas. Além disso, podemos também buscar entender o conceito de fluxo sanguíneo e como o exercício influencia o funcionamento do sistema cardiovascular e, em sequência, discutir aspectos de saúde-doença tendo como foco o sistema cardiovascular e assim por diante.

Dimensão procedimental: nessa dimensão temos que enfatizar o saber-fazer. Assim, se foi discutido a história do esporte, qual é o passo a passo para levantar um processo histórico? Onde devo buscar os materiais? Como fazer a interpretação da história? Pelo lado biológico, tomando por base o exemplo do fluxo sanguíneo, podemos ensinar quais as técnicas para o estímulo do sistema cardiovascular, como modalidade de exercícios, controle de intensidade, frequência, duração, entre outros.

Dimensão atitudinal: aqui estamos pensando na formação da atitude que é a dimensão mais complexa. A partir de diversas discussões como podemos estimular a busca pelo conhecimento,

pela interpretação e pela disseminação da história do esporte? Os alunos levaram esse conhecimento para a família? Fizeram relações com outros domínios como o preconceito e a exclusão que permeiam a história do esporte?

Assimile

Por fim, é terminantemente importante frisar que esses conteúdos precisam estar sistematizados e planejados a cada aula, assim como os de natureza física e biológica. No contexto do esporte da escola, a utilização das três dimensões do conteúdo é de mesmo valor que as atividades físicas.

Pesquise mais

São várias as possibilidades de aplicação das dimensões do conteúdo no contexto do esporte. Leia o artigo indicado a seguir e descubra como fazer isso na escola.

MALDONADO, D. T.; BOCCHINI, D. Educação Física escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando os esportes na escola pública. **Conexões**, v. 12, n. 2, p. 147-165, 2014.

Sem medo de errar

Em vistas das solicitações da comunidade que claramente exibe uma visão de esporte tradicional e competições, nossos professores precisam ajustar as expectativas da comunidade com as requisições do projeto em si. Assim, para resolver as questões levantadas em termos de falta de competições e que se deve manter uma proposta de iniciação esportiva, podemos visualizar a seguinte ideia como resolução:

- O primeiro passo deve ser revisar as propostas de aulas e como os professores estão dialogando com os alunos a respeito do papel do esporte e das possibilidades de desenvolvimento.
- Em seguida será necessário coletar os dados dos alunos, e identificar qual visão eles têm de esporte e o que esperam do programa.

- Depois, deve-se organizar um evento com os pais, esclarecendo as possibilidades do esporte de alto rendimento e do esporte educacional.
- Na fala com os pais, será preciso ilustrar os perigos de projetos e pessoas que tendem a "descobrir" talentos e demonstrar, assim, todo o processo pedagógico e de treinamento existente mesmo no esporte de alto rendimento.
- Uma alternativa é criar um programa de orientação e acompanhamento para alunos que possam apresentar perfis de alto rendimento a fim de guiá-los numa possível carreira no esporte (fora do projeto).
- Por outro lado, também é importante apresentar os valores e a missão do projeto, bem como quais os objetivos de um projeto de iniciação esportivo de cunho educacional.
- Ademais, será necessário posicionar sobre as possibilidades de competições internas e como isso pode ser desenvolvido com cunho educacional.
- Por fim, programar uma rotina de reuniões com pais, para identificar como essa primeira intervenção pode ter impacto na visão do esporte dos pais e possível influência nos alunos.

Avançando na prática

A aplicação dos procedimentos na escola

Descrição da situação-problema

Num programa de iniciação esportiva numa escola de ensino fundamental, os professores de Educação Física recebem a incumbência de compor uma parceria com os docentes de ciências, para melhorar o aprendizado de conteúdos sobre o corpo humano. Diante disso, eles definem que o sistema muscular será o tópico a ser trabalhado pelas disciplinas de Educação Física. No entanto, mesmo fazendo uma rotina de aulas para o estímulo da força muscular, os alunos não conseguem descrever o funcionamento básico da musculatura. Assim, quais seriam as deficiências de aprendizagem ou metodologia que poderiam explicar ou resolver esse caso?

Resolução da situação-problema

- Nesse caso, é importante avaliar que os professores de educação física talvez não estejam dividindo a aula entre as três dimensões do conteúdo.
- Dessa forma, talvez a solução seja reduzir a aplicação de procedimentos, a fim de proceder com recursos didáticos para a aprendizagem de conceitos.
- Para tanto, vale a pena utilizar o próprio material da disciplina de ciências e discutir nas aulas de Educação Física, já que a experimentação aplicada, as sensações corporais, como a fadiga muscular, e a produção de força podem facilitar a visualização da estrutura muscular.
- Além disso, pode-se trazer discussões como a comparação de força e tecido muscular em várias idades, utilizando o caso dos idosos para exemplificar, o que poderia auxiliar na visualização do conceito.
- Por fim, solicitar aos alunos que deem exemplos de como utilizar a força muscular no cotidiano e que expliquem como isso ocorre, fato que pode ajudar na aprendizagem dos conceitos, além de demonstrá-los.

Faça valer a pena

1. Em geral, o desenvolvimento do esporte de alto rendimento é pautado em conhecimentos de treinamento esportivo. Um dos princípios faz referência à necessidade de submeter o indivíduo a estímulos contínuos e graduais, para conseguir o resultado almejado.

Assim, qual o princípio que defende a aplicação de estímulos graduais e contínuos?

a) Adaptação.
b) Sobrecarga.
c) Reversibilidade.
d) Individualidade biológica.
e) Individualidade genética.

2. O esporte é tido como um dos conteúdos da Educação Física Escolar. Assim, a iniciação esportiva pode ter como local de prática o ensino formal.

Diante disso, a Educação Física teve que recompor sua forma de atuação no ambiente escolar.

Assim, no que se refere ao esporte da escola, assinale a alternativa correta:

a) A organização das aulas leva em consideração os aspectos biopsicossociais dos alunos.
b) O foco do conteúdo está nos aspectos procedimentais.
c) Os métodos de ensino são baseados na fisiologia do exercício para melhorar a aptidão física geral.
d) Os métodos de ensino são baseados na cinesiologia para incrementar o desempenho de habilidades motoras.
e) Como resultado, pretende-se a formação do atleta para encaminhamento a clubes.

3. Numa das abordagens metodológicas do esporte educacional, observa-se a utilização das três dimensões do conteúdo: conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Assim, um Professore de Educação Física organiza em sua aula uma gincana para entender como funciona o sistema cardiovascular, com todos os seus componentes sendo representados pelos alunos.

Assim, com qual dimensão do conteúdo esse professor está trabalhando?

a) Atitudinal.
b) Conceitual.
c) Procedimental.
d) Valorativo.
e) Indutivo.

Referências

ARENA, S. S.; BOHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. 2, p. 184-195, 2000.

BARBIERI, A. F.; PORELLI, A. B.; MELLO, R. A. Abordagens, concepções e perspectivas de Educação física quanto à Metodologia de Ensino nos trabalhos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) em 2009. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 223-240, 2010.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

CASTENALLI, L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. Coletivo de autores. São Paulo: Cortez, 1992.

COLL, C. et al. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75.

DE OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias emergentes no ensino da educação física. **Journal of Physical Education**, v. 8, n. 1, p. 21-27, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEREZ, A. G. **A prática pedagógica em educação física para idosos e a educação em saúde na perspectiva da promoção da saúde**: um olhar sobre o Projeto Sênior Para a Vida Ativa. 2006. – USJT. Dissertação (Mestrado em Educação Física na Promoção de Saúde) – Faculdade de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

GRECO, P. J. Metodologia do ensino dos esportes coletivos: iniciação esportiva universal, aprendizado incidental–ensino intencional. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 20, n. 2, p. 151, 2012.

HENKLEIN, A. P.; SILVA, M. M. A Concepção Crítico-Emancipatória: Avanços e Possibilidades para a Educação Física Escolar. **Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos** – UFRJ, v. 3, n. 2, p. 121-134, jul. /dez. 2011.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da Bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2. Ed. São Paulo: Phorte, 2005.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Unijuí, 2001.

MALDONADO, D. T.; BOCCHINI, D. Educação Física escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando os esportes na escola pública. **Conexões**, v. 12, n. 2, p. 147-165, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, R. M. P.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e iniciação esportiva tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, 2010.

SMITH, D. J. A. Framework for Understanding the Training Process Leading to Elite Performances. **Sports Med**., v. 33, n. 15, p. 1103-1126, 2003.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, v. 3, n. 5, p. 4, 1996.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9. ed. São Paulo: Editora Manole, 2001.

O sistema complexo no entorno esportivo

Convite ao estudo

Nessa última unidade, prezado aluno, tomaremos contato com questões amplas e polêmicas da prática esportiva. Será um exercício vital de aplicação de muitos conceito e abordagens que vimos anteriormente.

Na primeira seção, por exemplo, teremos que estar bem atentos às questões de treinamento esportivo a alto rendimento, já que discutiremos como a **especialização esportiva precoce** pode acarretar diversos prejuízos às crianças. Em seguida, nos debruçaremos sobre a discussão das **influências ambientais** no esporte, como as instalações esportivas disponíveis e as condições ambientais. Para finalizar, na terceira seção, teremos contato com a discussão sobre o papel da mídia na prática esportiva e o papel de políticas, como as Leis de Incentivo ao Esporte, no desenvolvimento do esporte no país.

Esses conhecimentos também servirão de sustentação para Bruno, um professor de Educação Física que coordena uma praça de esportes numa cidade de médio porte no sudeste do Brasil. Essa **praça esportiva** é utilizada para duas finalidades: (1) para realizar atividades esportivas para crianças da comunidade e (2) para a realização das aulas de Educação Física (EF) (do Ensino Fundamental) de uma escola que fica bem ao lado. Os moradores do bairro usufruem gratuitamente de toda a estrutura, montada para receber cerca de 160 crianças e adolescentes, de 6 a 17 anos. Em geral, são oferecidas atividades com bola, dança de rua e ginástica geral.

No entanto, há relatos de violência no bairro que prejudica as atividades para a comunidade e atingem também as aulas

de EF da escola, mas com menor impacto. Além disso, há uma carência de materiais, algo que escancara a necessidade de investimento no projeto, que atualmente é mantido com recursos da prefeitura. Por fim, observa-se uma baixa quantidade de profissionais de EF: o corpo técnico conta com apenas dois professores e um estagiário. Esse cenário especificamente é uma das causas do alto índice de rotatividade (*turnover*) desses recursos humanos.

Visualizando essa situação, o coordenador Bruno, recém-contratado, tem como missão principal revitalizar esse projeto e resolver os problemas em questão, inclusive de ampliação de financiamento da proposta.

Seção 4.1

Especialização precoce

Diálogo aberto

Bruno enfrenta o desafio de direcionar os objetivos e toda a organização do projeto. A primeira demanda refere-se ao direcionamento das crianças entre atividades da escola e da comunidade.

Uma diretriz, anteriormente instalada, defende que os alunos, que utilizam a praça para as aulas regulares de EF escolar, não podem participar das atividades oferecidas para outras crianças do bairro. Isso foi justificado pela ideia de que não há diferença entre as aulas de EF escolar e as atividades da praça, já que, para a antiga gestão, as duas visam a formação de atletas para participarem dos jogos municipais.

No entanto, Bruno percebe que as atividades de EF e as atividades esportivas do clube podem ter conotações diferentes, portanto, precisa mapear esses processos. Assim, como Bruno poderia identificar as abordagens da escola e da praça para redirecionar as atividades?

Não pode faltar

Percebemos que muitas pessoas não respeitam nem os princípios básicos do treinamento esportivo, submetendo crianças a altos níveis de volume de treinamento, muitas vezes com uma frequência semanal e duração da sessão acima de suas capacidades biológicas e psicológicas. É muito comum que muitas crianças sejam submetidas a cargas de treinamento similares àquelas que podemos visualizar em adultos. Esse desrespeito a maturação, ao crescimento e à carga de trabalho adequada para criança, muitas vezes, é justificado pela ideia de que o estímulo precoce do treinamento revelaria talentos com maior rapidez.

Sobre esse contexto, podemos destacar o conceito de **especialização esportiva precoce**, que se refere ao processo de especialização ou aprofundamento em conhecimento e aspectos técnicos, táticos e físicos, em uma modalidade esportiva, numa

idade cronológica anterior àquela considerada adequada. Em termos aplicados, a especialização precoce pode ser caracterizada se as sessões de treinamento excederem três dias semanais, além da constante participações em competições, antes da fase pubertária, e a exposição um processo de treinamento programado e organizado a longo prazo.

A questão da especialização esportiva precoce é muito complexa, pois pode acarretar prejuízos de ordem física, social e emocional às crianças. Assim, pode-se verificar vários aspectos negativos da especialização precoce. Isso não quer dizer que atletas adultos não sofram desses tipos de problemas, mas as crianças tendem a estar menos preparadas para lidar com a prática sistemática de rendimento e tornam-se mais suscetíveis a vários fatores prejudiciais ao seu desenvolvimento.

O primeiro deles é o que pode ser chamado de **estresse do esporte**. Nesse caso, o atleta percebe-se com sentimento constante de medo e insegurança, provenientes em geral de uma pressão constante do processo de treinamento e competições. Vale salientar que o estresse, em geral, se manifesta em quatro estágios:

Primeiro estágio: denominado de demanda ambiental, a partir da qual o atleta tem que lidar com situações ameaçadoras no seu ambiente esportivo. Essas situações pode ser das mais diversas, tais como conflitos e xingamentos do adversário, informações inconsistentes da impressa sobre seu desempenho, sentir-se responsável individualmente pela derrota, entre muitos outros.

Segundo estágio: conhecido como percepção da demanda ambiental. Nesse momento, o atleta faz avaliações e julgamentos do ocorrido, tentando racionalizar e trazer a demanda ambiental para o domínio da cognição. Assim, ele pode avaliar a situação de maneira negativa e julgá-la como ameaçadora. Por outo lado, se a avaliação for positiva, ele pode considerá-la como estimulante.

Exemplificando

Por exemplo, um corredor está há poucos metros de finalizar a prova e ainda está em segundo lugar. No caso de uma avaliação negativa, ele julga que está tudo perdido e já desiste da prova. Por outro lado, ele pode julgar que ainda há tempo de ganhar e tentará utilizar dos últimos recursos para vencer a prova. Assim, ele fez uma avaliação positiva.

Terceiro estágio: nesse ponto, o atleta passa a exibir as **respostas físicas e psicológicas** do estresse. Ele pode sentir aumento da frequência cardíaca acima do esperado, redução da força muscular ou mesmo episódios de insônia, além de sintomas psicológicos, como a elevação de níveis de ansiedade-estado, aquela que ocorre em decorrência de uma situação (nesse caso, a demanda do esporte) e não a um traço da personalidade do sujeito.

Quarto estágio: nesse último estágio, o atleta passa a sofrer **consequências comportamentais**. Assim, o atleta passa a exibir comportamentos de resposta às situações estressoras, que podem ser tanto positivas como negativas. Se, em resposta a uma demanda estressora, ele passar a verificar seu rendimento para achar falhas e melhorar, certamente, está exibindo uma resposta positiva, que pode ser denominado por eustresse ou estresse positivo. Por outro lado, se a situação acarreta a redução de desempenho, observa-se o distresse ou estresse negativo.

Reflita

Veja que o fenômeno do estresse pode ser deletério em muitos aspectos. No entanto, vale ressaltar que qualquer atleta pode estar suscetível aos efeitos negativos do estresse, não apenas àqueles submetidos a especialização precoce. No entanto, presume-se que a criança está menos preparada para lidar com as demandas estressoras do esporte, evidenciando mais situações de distresse ou estresse negativo.

O sobretreinamento (ou *overtraining*) é o segundo fator de importante impacto negativo da especialização precoce. Evidentemente, que esse estado é compreendido como um momento de fadiga duradoura, geralmente ocasionado pela composição de cargas de treinamento acima do suportado pelo atleta. Por exemplo, se a duração da sessão de treinamento e a frequência semanal foram muito altas, com períodos reduzidos de descanso, é muito provável que uma criança passe a apresentar estado de sobretreinamento.

Essa situação, por sua vez, acarreta problemas tanto no desempenho esportivo como na vida pessoal do atleta. Assim, não é apenas a questão fisiológica da fadiga. Muitas vezes, o excesso de

competições pode distanciar o atleta da família e compromissos rotineiros da faixa etária, levando-o a uma sobrecarga psicológica.

Diante desse cenário de alto nível de estresse, pode-se verificar o desenvolvimento da síndrome de *burnout*, **síndrome do esgotamento** ou saturação esportiva. No contexto do esporte, essa síndrome pode ser traduzida pelo total desinteresse pela prática esportiva, que anteriormente fora considerada motivadora e prazerosa pelo indivíduo. O esgotamento constitui-se em três dimensões:

a. Exaustão física e emocional: fadiga relacionada ao processo de treinamento e competições.
b. Senso de realização esportiva reduzido: diferença entre os objetivos traçados no início da carreira comparado com o que foi realmente alcançado.
c. Desvalorização esportiva: falta de interesse pela prática esportiva.

Além disso, a síndrome do esgotamento apresenta três modelos teóricos que explicam com mais detalhes as dimensões propostas. No modelo cognitivo-afetivo é realizada uma diferenciação importante do abandono do esporte por exaustão ou pelo interesse por outras atividades. Nessa concepção, quando o atleta deixa o esporte por se interessar por outras atividades sociais ou mesmo por outra modalidade esportiva, isso não quer dizer necessariamente que ele sofra de exaustão ou estresse. Vale destacar que a desistência prematura (abandono precoce) do esporte é chamada na literatura de "*dropout*".

Já no modelo teórico de Coakley (COAKLEY, 1992 apud PIRES, 2006), o *burnout* surge de uma relação da construção de identidade do atleta que fica quase que exclusivamente ligada à modalidade esportiva. Desse modo, a dimensão do "eu", da identidade do atleta, se constrói na prática esportiva. Nesse contexto, a instalação do estado de esgotamento só ocorre se não há vivências sociais fora do ambiente esportivo.

O terceiro modelo é denominado de Modelo da Resposta Negativa ao Estresse de Treinamento, obviamente ligado mais às questões físicas do processo de treinamento. Esse modelo explica o *burnout* a partir do fenômeno do *staleness*, que é a falha inicial dos mecanismos de adaptação corporal ao enfrentar o estresse psicofisiológico. Em seguida, ocorre a instalação do *overtraining* ou sobretreinamento, já conceituado neste texto.

Assimile

Vistas essas descrições e direcionamentos sobre o *burnout*, vale a pena reforçar que existe uma relação íntima entre os processos de sobretreinamento e síndrome do esgotamento, representados pelo estresse. Assim, algumas abordagens consideram que são fenômenos subsequentes, que obedeceriam, em geral, a seguinte ordem: em primeiro lugar, o estresse negativo ou **distresse**; em segundo lugar, o ***sobretreinamento (overtraining)***; e, por último, o ***esgotamento (burnout).***

Até então, já podemos observar os três aspectos muito evidentes da especialização esportiva precoce (estresse, esgotamento e sobretreinamento). No entanto, a prática esportiva de alto rendimento na infância pode acarretar ainda mais prejuízos a esse público.

Vimos anteriormente que a iniciação esportiva pode ser uma ferramenta importante na formação escolar, inclusive em conteúdos não específicos do esporte, como Matemática, História ou Ciências. Portanto, sim, podemos aprender outros conteúdos pela prática esportiva, mas isso não quer dizer que a criança não precisa mais da formação escolar.

Sobre esse ponto, uma das desvantagens importantes que pode ocorrer com a especialização precoce é a **formação escolar deficiente**. Evidentemente que a alta carga de treinamento pode impossibilitar a criança de cumprir sua rotina escolar com qualidade, além de alguns terem que cumprir rotinas de competições e eventos que concorrem com as atividades escolares regulares.

Outro ponto de atenção, refere-se ao distanciamento da criança na rotina **de participação em jogos e brincadeiras**. O treinamento esportivo de alto rendimento tem, por tradição, o foco em ações altamente especializadas, ou seja, aspectos táticos, técnicos e físicos são, muitas vezes, exercitados por exercícios repetitivos e com longas sessões diárias.

Assim, mesmo tratando-se de crianças, essas são afastadas dos momentos de jogos e brincadeiras, inclusive dentro do ambiente esportivo que frequentam, dado essa característica analítica do treinamento tradicional. Além disso, ocorre o fenômeno similar

ao problema escolar, que é a falta de tempo disponível para o desenvolvimento da ludicidade em outros âmbitos da vida cotidiana do infante.

Por fim, uma das consequências marcantes da especialização precoce é a **unilateralidade** do desenvolvimento físico e motor. Vimos anteriormente, nesta disciplina, o quão importante é o desenvolvimento plural da criança, ou seja, que se estimule a aquisição de um rico repertório motor, com estímulos variados.

É possível observar, em várias abordagens de iniciação esportiva, a aplicação de propostas de trabalho a partir das quais as crianças têm a oportunidade de vivenciar atividades com bola, atividades de lutas, dança e ritmos, atividades de lançar e rebater, atividades aquáticas, entre outras. Essa tendência, que muito tem relação com os métodos situacionais de ensino já vistos, visa ao desenvolvimento global da criança, para apenas, depois disso, ela optar, ou não, por se dedicar a uma modalidade específica.

Desse modo, feita essa revisão, na especialização precoce, como o próprio nome explica, a criança exposta prematuramente a uma única modalidade esportiva não tem a possibilidade de experimentar diferentes abordagens, fato que prejudica o desenvolvimento infantil e uma evolução na própria modalidade.

Até então, vimos que a especialização precoce pode causar vários danos a criança, em especial pela instalação de estados de estresse. Assim vale a pena revisitar alguns pontos geradores desse estresse. Um deles é a **competição**. Como vimos anteriormente, a competição faz parte do esporte e da vida, e não deve ser excluída da atividade esportiva. Recomenda-se, entretanto, que a cobrança exacerbada seja ponderada. Senão, a criança percebe muita dificuldade e medo de falhar, acarretando prejuízos ao seu desenvolvimento físico e emocional.

Esse quadro pode ser explicado pela complexidade da competição de alto rendimento, que são evidenciados por pelo menos quatro elementos:

1. Confronto: relação de oposição entre dois ou mais indivíduos, entendendo que na competição essa é uma situação característica e geradora de estresse.
2. Demonstração: os participantes são compelidos a

demonstrar constantemente seu potencial em termos de capacidades e habilidades.

3. Comparação: os participantes buscam ou são comparados a padrões preestabelecidos como ideais.
4. Avaliação: os participantes são submetidos a avaliações que muitas vezes são informais e realizadas por pessoas não preparadas para tal análise.

Visualizando esses aspectos, é crucial entender que as pessoas, no caso crianças, estão submetidas a uma grande quantidade de situações e informações e muitas vezes ainda não estão preparadas para lidar com esse tipo de exigência. Portanto, a consequência principal pode ser a instalação de estados de estresse que levem a síndrome de esgotamento. Nesse contexto, a pressão pelo desempenho pode levar a criança a apresentar vários sintomas, como fadiga, ansiedade, irritabilidade, insônia, agressividade ou apatia.

Outro ponto de atenção é a **influência dos pais no trajeto competitivo** da criança. Esse é um assunto extremamente vivenciado pelos professores de Educação Física, em especial, no meio esportivo. Sim, os pais têm profunda influência no desempenho esportivo da criança.

A família pode ser considerada como um dos principais influentes ou disparadores da iniciação esportiva da criança. Não raro, as crianças são formalizadas no âmbito esportivo pela iniciativa da família. Esse ponto é relevante, já que o apoio **apropriado** dos pais pode levar a criança a melhores resultados no esporte e a permanência nele ao longo da vida.

Nesse contexto, propõem-se três tipos de envolvimento dos pais na prática esportiva da criança, que evidentemente terão influências diferentes no desempenho esportivo, são eles:

1. Sub-envolvimento: caracteriza-se por pais desinteressados, que transferem a reponsabilidade de cuidar dos filhos para o professor, posicionando o profissional na função de babá (é comum vermos pais que simplesmente largam os filhos nas aulas e nem mesmo assistem o desenvolvimento deles). Esse distanciamento pode ocasionar desinteresse e estresse na criança.
2. Envolvimento moderado: caracteriza-se por pais que exibem um comportamento considerado adequado,

incentivando-os à prática, participante das atividades e despertando entusiasmo, além de compartilhar do processo de aprendizagem e da orientação sobre êxitos e fracassos.

3. Superenvolvimento: são pais que exibem um certo fanatismo pelo desempenho do filho, que pode ter sido motivado por uma própria frustação no esporte. Criam um ambiente hostil, com frequentes conflitos com professores, árbitros e outros pais, além de parecerem nunca satisfeitos com o desempenho dos filhos.

Por fim, podemos entender que a especialização esportiva precoce é um tema complexo que envolve vários fatores. Em suma, o excesso de treinamento, a falta de tempo em atividades sociais, a pressão dos pais e o estresse da competição podem levar a situações de alto estresse e, por conseguinte, à saturação esportiva ou síndrome de esgotamento. Assim, cabe ao professor e demais envolvidos fazerem avaliações e planejamentos de programas de iniciação esportiva que levem em consideração sistematicamente todo esse contexto.

Pesquise mais

Veja neste texto, prezado aluno, como as discussões sobre especialização precoce podem ser realizadas num contexto específico da ginástica geral.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. Cruz. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/ydkrs5>. Acesso em: 27 mar. 2018.

Sem medo de errar

Bruno, nosso coordenador da praça de esportes, enfrenta o desafio de alinhar os objetivos da iniciação esportiva no seu projeto. Ele terá que delimitar e orientar quais as abordagens do esporte, em especial, com a visão de que a participação de crianças em atividades esportivas, visa a formação de atletas para os jogos municipais. Assim,

Bruno precisa analisar as abordagens e redirecionar as atividades. Para tanto, ele pode seguir o seguinte roteiro:

- Fazer uma observação sistemática das aulas, com relação à frequência, duração, intensidade e progressão de treinamento. Como ele está sempre lá, uma análise de 4 a 6 semanas seria de grande valia.

- Em seguida, ele precisaria confrontar o que ele observou na aplicação, com os objetivos dos planos de aulas e planejamento geral do programa.

- Paralelamente, ele precisa identificar qual o perfil sociodemográfico, físico e motor dos participantes, para cruzar dados com o planejamento de aulas e/ou treinamento.

- Na sequência, ele precisaria juntar todas essas informações e verificar se o planejamento está adequado ao perfil dos alunos, com foco importante na sobrecarga de treinamento e construção do repertório motor, buscando identificar indícios de especialização precoce.

- Feito isso, ele deve preparar uma reunião com o corpo técnico e diferenciar as abordagens do esporte na escola e da escola, e justificar que nem sempre a escola forma atletas.

- Além disso, mesmo com intuito de formação de rendimento, é preciso pautar os prejuízos da especialização precoce e sensibilizar as pessoas com relação ao desempenho das crianças em campeonatos.

- Como um adendo, caso exista recursos (ou ele pode buscar, já que é o coordenador), ele poderia organizar *workshops* e palestras para a comunidade a fim de sensibilizar e orientar sobre as práticas de especialização precoce que são muito comuns no esporte.

Avançando na prática

A adesão a prática esportiva

Descrição da situação-problema

Muitas vezes, a falta de adesão a prática esportiva é relacionada à deficiência de espaço, equipamento e a falta de tempo do

participante. No entanto, num projeto de futebol que não sofre desses problemas, já que apresenta abundância de equipamento e as crianças (9 a 12 anos) participam do projeto no contra turno escolar (ou seja, tem pelo menos um período de 4 horas por dia para a prática esportiva), está ocorrendo uma evasão importante de seus alunos. Assim, do ponto de vista técnico, quais seriam os motivos da evasão? Como resolver?

Resolução da situação-problema

- Nessa situação, pode-se aventar a possibilidade de um contexto de sobrecarga de treinamento e estresse. Assim, seria importante verificar se os pais ou outras pessoas têm observados sintomas de sobretreinamento ou esgotamento.

- Além disso, rever a organização do programa e observar se a possível fadiga é a responsável pela evasão ou baixa frequência nas atividades e como isso tem impactado na rotina escolar. Será que o esgotamento tem prejudicado o rendimento escolar e eles estão faltando para lidar com os problemas da escola?

- Ademais, seria crucial periodizar o treinamento, impondo períodos claros de recuperação e adequação de sobrecarga a faixa etária.

- Além disso, como trata-se de um projeto de grande porte e com recursos, verificar a possibilidade de uma abordagem multidisciplinar, com a presença de um psicólogo do esporte para fazer avaliação formal de *burnout*.

- Vale apena também protocolar uma avaliação rotineira de sintomas e sinais de esgotamento e correlacionar dados com evasão e não adesão.

Faça valer a pena

1. A especialização esportiva precoce é um tópico de extrema importância, já que é comum e muito prejudicial às crianças. Um dos resultados pode ser a síndrome do esgotamento, que apresenta uma dimensão caracterizada pela diferença entre os objetivos no início da prática comparado com o estado atual do atleta.

Tendo esse contexto em vista, sobre qual dimensão o texto acima se refere?

a) Exaustão física e emocional.
b) Pressão por resultados.
c) Senso de realização esportiva reduzido.
d) Sobretreinamento.
e) Desvalorização esportiva

2. Estresse, *overtraining* e esgotamento são conceitos intimamente relacionados. Assim, propõe-se uma sequência lógica de eventos que ocorrem entre esses, tendo com o resultado o afastamento do atleta da prática esportiva.

Assim, qual a sequência de eventos a seguir é correta para representar a síndrome do esgotamento?

a) Estresse negativo ou distresse, sobretreinamento e, por último, o esgotamento (*burnout*).
b) Estresse positivo ou eustresse, sobretreinamento e, por último, o esgotamento (*burnout*).
c) Esgotamento (*burnout*), o estresse negativo ou distresse e, por último, o sobretreinamento
d) Sobretreinamento, o estresse positivo ou eustresse e, por último, o esgotamento (*burnout*).
e) Esgotamento (*burnout*), o estresse positivo ou eustresse e, por último, sobretreinamento.

3. A competição é um fenômeno que ocorre no esporte e na vida em geral e defende-se que ela deve ser mantida na prática esportiva. No entanto, é um processo complexo, com vários elementos e que, se não conduzido de forma adequada, pode levar a criança à síndrome do esgotamento entre outros problemas.

Qual elemento da competição geralmente é deturpado por pessoas que não são especialistas no esporte, gerando, assim, grande estresse aos atletas?

a) Confronto.
b) Demonstração.
c) Comparação.
d) Avaliação.
e) Situação.

Seção 4.2

Influências ambientais

Diálogo aberto

Bruno tem ajustado os aspectos metodológicos e objetivos das atividades esportivas na praça, muitos avanços em termos da prestação dos serviços em EF foram realizados e as demandas metodológicas estão ficando cada vez mais alinhadas.

No entanto, o projeto não avança por uma carência de recursos materiais e outros serviços, devido obviamente a uma deficiência de investimento.

Assim, ainda sem um parceiro formal que possa aportar uma quantidade de dinheiro significativa no projeto, Bruno precisa de uma solução mais rápida para todo esse contexto. Ele sabe que não se aprende esporte só com materiais esportivos e professores. Há necessidade de ampliar a segurança, a limpeza e a aquisição de mais materiais esportivos.

Nesse contexto, com ainda poucos recursos, quais seriam as soluções que poderiam ajudar Bruno nesse momento? Como a comunidade poderia ser acionada? Bruno precisaria montar um plano de ação emergencial para suprir essas demandas básicas do projeto. Esse planejamento precisa de mais mãos, podemos nos juntar a Bruno nessa demanda?

Não pode faltar

Vimos, no decorrer da disciplina, a amplitude que a prática esportiva e a atividade física podem ter nas vidas das pessoas. Portanto, já é bem estabelecido mundialmente o papel das atividades físicas e esportivas com a promoção da saúde, a sociabilidade, a cognição e a qualidade de vida em geral.

Por muito tempo, a prática de exercícios foi vista como uma maneira de prevenção de doenças e, em parte por essa razão, era estabelecida como um dever do cidadão. No entanto, advoga-se

atualmente que as atividades físicas e esportivas devem ser práticas pelo exercício da autonomia individual e coletiva, se caracterizando não como um dever, mas um direito.

Para exercer esse direito, por sua vez, as pessoas precisam de condições que viabilizassem suas oportunidades de escolha. Sim, caro aluno, a prática de exercício deve ser uma escolha consciente, e ser sedentário pode sim ser uma das opções a ser considerada nesse processo.

Portanto, em face da conscientização da prática de atividades físicas e esportivas estarem num contexto que demanda que a pessoa tenha condições para realizá-la, um recente relatório publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento PNUD (2017) aponta três pontos de atenção que podem favorecer a adoção de comportamentos positivos em relação à prática.

O primeiro deles é o **tempo**. Assim, entende-se que o tempo que a pessoa tem disponível para ingressar num programa de exercícios ou atividade esportiva é um dos fatores de fundamental importância nesse caso.

Exemplificando

Veja, caro aluno, que muitas pessoas dizem que não praticam atividade física ou esporte porque não tem tempo. Às vezes, isso pode ser desorganização pessoal, falta de prioridade, mas nem sempre. No caso fictício do Paulo, que trabalha a 160 km de sua casa, leva 1h30 para ir ao trabalho e o mesmo tempo de volta, talvez ele não tenha escolha para melhorar essa situação. No exemplo do Paulo, ele e muitos outros precisam de uma mudança ambiental no transporte público, que permita levar menos tempo de descolamento ao trabalho, para que ele possa, se quiser, praticar exercícios ou esporte no seu tempo livre.

O segundo ponto de atenção refere-se às **condições materiais e financeiras** para poder ingressar numa prática de exercícios. Assim, é crucial a disponibilidade de locais para a prática de exercícios que sejam estruturados para uma atividade eficaz e segura, incluindo desde aspectos estruturais, como iluminação, pavimentação ou segurança pública, às condições técnicas, como orientação à prática, acesso a exames médicos, entre muitas outras.

Assim, fica muito claro que o entorno para a prática de exercícios depende de um ambiente que a possibilite, portanto, não depende exclusivamente da vontade da pessoa praticar. Dito de outro modo, muitas pessoas têm o conhecimento da importância da prática esportiva, escolhem por iniciar uma atividade, mas o contexto ambiental não lhes oferece condições para agir em direção dessa mudança de atitude.

Fica claro, portanto, porque diversos estudos demonstraram que em locais onde existam calçadas bem conservadas, beleza arquitetônica ou disponibilidade de equipamentos de exercício há uma população com alto nível de atividade física. Além dessas características observáveis, a percepção positiva de segurança pública pode levar o cidadão a ter maior nível de exercício no espaço público, demonstrando a forte relação entre o ambiente e a escolha, ou não, pela prática de atividade física e esporte.

Nesse sentido, vale a pena, caro aluno, revisitar um conceito muito importante sobre adoção de comportamentos saudáveis, chamado de **culpabilização da vítima**. Esse termo, que vem dos referenciais da Promoção da Saúde, é a atribuição ao próprio indivíduo da responsabilidade da adoção, ou não, de um certo comportamento. Ou seja, nem sempre o indivíduo dispõe de recursos para adotar certo comportamento, sendo necessária a atenção às condições e modos de vida da comunidade a qual o indivíduo pertence.

Reflita

Vemos muitas pessoas, em especial, entusiastas da atividade física e esporte, bem como professores de Educação Física, advogando por um estilo de vida ativo. No entanto, é observável uma grande parte da população ainda sedentária. Desse modo, será que só saber que o exercício é bom, é suficiente para as pessoas serem ativas? A culpa está no indivíduo que apenas não quer praticar um esporte? Ou faltam condições para efetivar a prática?

Nessa discussão sobre as condições de espaços para a prática de esporte e atividade física, também conhecidos como equipamentos esportivos, é importante analisarmos alguns dados factuais coletados. Num relatório do Ministério do Esporte, pode-se constatar que

61,6% dos brasileiros praticam esportes em instalações esportivas. Dentro desse universo, 32% praticam em instalações com acesso pago e 19% em instalações gratuitas.

Analisando sobre espaços públicos ou privados, 33,3% praticam atividade física nesses locais, sendo que 19% em espaços com estrutura e 14,5% em espaços sem estrutura. A minoria (5,1%) utilizam estruturas em condomínio ou na própria casa. A tabela a seguir faz o detalhamento desses dados e compara entre as regiões do país.

Tabela 4.1 | Local de prática esportiva por tipo de instalação esportiva e região do país (valores percentuais).

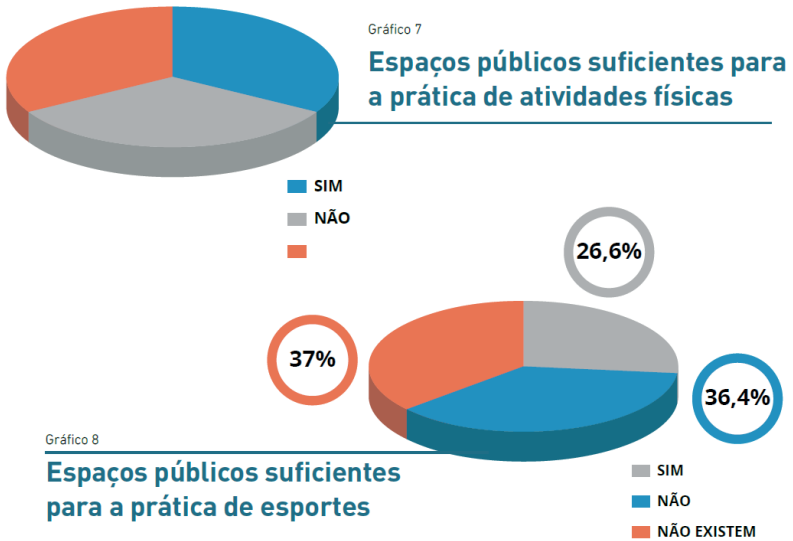
LOCAL DA PRÁTICA	REGIÕES				
	Norte	Sul	Sudeste	Nordeste	Centro-Oeste
Instalações esportivas pagando	35,7	42,8	23,8	33,7	29,6
Instalações esportivas grátis	34,7	39,2	27,8	23,6	34,0
Espaços abertos com estrutura	13,5	9,1	31,0	15,9	14,1
Espaços abertos sem estrutura	11,5	7,6	16,5	15,6	17,9
Casa ou condomínio	4,6	1,3	0,8	11,2	4,4
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Adaptada de Brasil, 2016.

A partir desses dados, podemos reforçar a necessidade de se observar o impacto das instalações esportivas de acordo com o território analisado, que sofre influências dos aspectos econômicos, políticos e sociais. O relatório aponta que, embora a região sudeste seja considerada mais rica, dados demonstram que a região norte a supera na proporção de pessoas que se dispõe a pagar por uma estrutura esportiva. A dificuldade de mobilidade observada na região sudeste pode ser um dos fatores que explica essa diferença. Isso reforça que o entorno esportivo, em relação ao ambiente físico, é apenas uma parcela que pode explicar a adoção da prática esportiva.

Além disso, vale pontuar sobre a percepção das pessoas em relação aos espaços públicos para a prática de atividades físicas esporte. A Figura 4.1 representa esses dados.

Figura 4.1 | Percepção se os espaços públicos no Brasil são suficientes para prática esportiva



Fonte: Adaptada de Brasil, 2016.

Na Figura 4.1, percebe-se que 37% das pessoas relatam não existir espaços públicos suficientes para a prática de exercícios, além de 36,4% das pessoas não consideram os espaços que existem suficientes para prática de esportes. Restam, por conseguinte, apenas 26,6% das pessoas que aprovam os espaços públicos para a prática de esportes.

Consideram-se que esse relatório do Ministério do Esporte apontou que apenas 25,6% dos brasileiros praticam esporte (considerando apenas o esporte), portanto, pode-se presumir que a percepção de que os espaços públicos não são suficientes explicaria, em parte, a baixa adesão à prática esportiva no Brasil. Isso se reforça na medida em que estudos internacionais têm demonstrado que a estrutura física, em especial, perto da moradia do sujeito, é um potencial influente na prática de esporte, mas nem sempre é o bastante para que sejam atingidos níveis mínimos de participação.

Pesquise mais

Vale a pena analisar dados do *Atlas do Esporte no Brasil* que traz uma visão abrangente das estruturas físicas por cada estado da federação. Assim, a partir da página 172 do Atlas, você pode verificar dados sobre os estados da federação.

Da Costa, L. *Atlas do esporte no Brasil*: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em <https://goo.gl/KpvwwN>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Feitas essas considerações sobre as questões estruturais que podem impactar na participação no esporte, é importante ressaltar que o relatório do PNUD (2017) também enfatiza a importância da influência da cultura e não apenas da estrutura física.

Assim, o **caráter simbólico e cultural** é o terceiro ponto que é necessário nos atentarmos, se quisermos entender a complexidade da prática de exercícios e esporte. Sobre isso, pode-se colocar que se refere diretamente sobre a estrutura de valores da pessoa, que influencia na adoção da prática de exercício ou esportiva. Isso significa que valores sociais, no grupo na qual ela está inserida, pode influenciar positivamente, ou não, a sua atitude referente à prática de exercícios. Além disso, é crucial colocar que essa atitude deva ser tomada com base na escolha consciente, pelo exercício da autonomia, livre das pressões externas, como alguma imposição, por exemplo, da mídia.

Por fim, podemos sintetizar que o entorno social e cultural do esporte tem grande impacto na participação esportiva. Se o tempo disponível é uma das barreiras, este pode ser bem diferente de acordo com as estruturas físicas de transporte, acesso à renda e nível educacional. Ademais, os espaços físicos são parte fundamental da prática esportivas, mas não são os únicos determinantes, já que fatores culturais são potenciais influenciadores da adesão à prática, mesmo na presença ou não de equipamentos públicos ou privados para as atividades de esporte e/ou atividade física.

Assim, resta-nos saber, o que fazer, então, para conectar todos esses fatores em prol de garantir maior participação das pessoas na prática esportiva, que passa a ser um direito do cidadão. Para tanto,

faz-se necessário conhecer quais são e qual o papel das políticas públicas em esporte e atividade física. Esse assunto, por sua vez, será discutido na próxima e última seção da disciplina. Até lá!

Sem medo de errar

Bruno tem ajustado com afinco as questões metodológicas no projeto na praça de esportes. No entanto, ele tem avaliado que há uma carência grande de estrutura física e material para o desenvolvimento das atividades. Assim, quais seriam as soluções que poderiam ajudar Bruno nesse momento? Como a comunidade poderia ser acionada? Bruno precisa montar um plano de ação emergencial para suprir essas demandas básicas do projeto. Para tanto, sugere-se que Bruno tome as seguintes ações:

- Faça um levantamento minucioso daquilo que precisa, com um relatório que aponte necessidades imediatas, a curto prazo (3 meses), médio prazo (3 a 6 meses) e a longo prazo (mais de 6 meses). Considerando que ele administra um espaço público, ele precisa se atentar aos procedimentos de licitações e outras questões da gestão pública para colocar no seu relatório.

- Feito esse levantamento, ele precisa mapear os fornecedores locais, para organizar pelo menos três orçamentos e definir o montante necessário para cada fase de ação.

- Além disso, ele pode verificar, com a comunidade local, quais seriam as possibilidades de conseguir parceiros da iniciativa privada para custear algumas ações.

- Ademais, ele precisa demonstrar com estudos e levantamentos, como a falta de espaço pode ser um dos fatores de não adesão aos projetos da prefeitura, fato que é crucial para as ações da atual gestão pública.

- Por fim, ele deve apresentar um relatório completo e outro executivo, para enfatizar as necessidades e os retornos para a população e como isso será avaliado (indicadores)

Avançando na prática

O contexto ambiental da prática esportiva

Descrição da situação-problema

Num programa esportivo financiado por uma empresa de grande porte, o recém- contratado coordenador de esporte avalia uma quantidade excessiva de materiais. Além disso, observa que a estrutura, composta de quadras, campo, piscina e duas salas de ginástica, permanece ociosa em muitos momentos. Curiosamente ele é acionado pela empresa para avaliar a estrutura do local, na busca de deficiências, pois a alta gestão atribui a ociosidade como o núcleo da pouca participação da comunidade. Certa vez, um gestor disse: "Com uma estrutura de ponta, como não conseguimos "encher" esses espaços?". Assim, como esse coordenador poderia proceder para resolver esse problema?

Resolução da situação-problema

- O coordenador, nesse caso, precisa se munir de dados da literatura nacional e internacional e demonstrar as correlações entre estrutura física e participação em projetos esportivos.

- Após isso, ele precisará compor uma apresentação e provar para a alta gestão que a participação em projetos de esporte não depende apenas de estrutura física.

- Em seguida, ele precisará demonstrar os modelos que explicam a participação nesses programas e buscar adequar alguns deles com o contexto vivido no projeto.

- Além disso, ele deve buscar como medir os aspectos da participação em projetos esportivos. Talvez dividir por pilares e instrumentos para cada setor (Ex.: pilar social, cultural, econômico etc.) pode ajudar a organizar e entender os resultados.

- Por fim, ele deve propor um plano de ação, que deixe bem claro como a participação aumentará, de acordo com as propostas e reflexões expostas anteriormente.

Faça valer a pena

1. O esporte e a atividade física há muito têm sido considerados como aspectos cruciais para o desenvolvimento humano. Essa é a razão que órgãos internacionais têm publicado dados referentes aos processos que são responsáveis pela prática de exercício. Recentemente (2017), o PNUD publicou um documento que ressaltou três pontos que podem favorecer a prática de atividade física.

De acordo com o PNUD, quais são esses três pontos?

a) Nível de habilidade; vontade própria; aspectos culturais.
b) Tempo; vontade própria; aspectos culturais.
c) Tempo; condições materiais e financeiras; aspectos culturais.
d) Tempo; condições materiais e financeiras; aptidão física.
e) Tempo; vontade própria; aptidão física.

2. Por muito tempo, acreditou-se que o indivíduo era o responsável por não adotar uma vida ativa. Ou seja, não se considerava as condições ambientais que podem impedir que o sujeito faça exercícios. Atualmente, é crucial considerar as barreiras externas ao indivíduo que o impedem de adotar certo comportamento saudável, e não atribuir a responsabilidade da mudança apenas ao indivíduo.

Qual o conceito de responsabilizar exclusivamente o indivíduo por adotar um comportamento sedentário?

a) Culpabilização do Ambiente.
b) Teoria Cognitiva-comportamental.
c) Culpabilização da Vítima.
d) Culpabilização da Cultura.
e) Teoria sociocomportamental.

3. Um palestrante relata que em um relatório do Ministério do Esporte foi demonstrado que as pessoas não percebem que existem espaços públicos suficientes para a prática de atividade esportiva e esporte. Assim, ele conclui que o aumento dos espaços públicos aumentará diretamente o nível de atividade física da população.

Baseado nas discussões sobre ambiente e esporte, é correto afirmar sobre a conclusão do palestrante:

a) A estrutura física do local é suficiente, e condições sociais e culturais são pouco importantes no processo de participação da população na prática de atividade física e esporte.
b) A estrutura física do local é importante, mas nem sempre é suficiente, e condições sociais e culturais devem ser consideradas.
c) A estrutura física do local não é importante, e somente as condições sociais e culturais devem ser consideradas.
d) A estrutura física do local é importante, mas nem sempre é suficiente, e condições de nível de aptidão física e habilidade técnica devem ser avaliadas em conjunto.
e) A estrutura física do local é suficiente para a adesão à prática, e condições de nível de aptidão física e habilidade técnica não precisam ser avaliadas.

Seção 4.3

Influências socioculturais

Diálogo aberto

Mesmo com poucos recursos, o projeto tem dados alguns resultados. O senso de participação da comunidade tem sido vital para a manutenção da proposta.

As ações de Bruno, até então, após um semestre de trabalho, precisam de mais apoio, senão o projeto não conseguirá atingir mais pessoas, como a comunidade tem requisitado.

Desse modo, Bruno sai a busca de angariar mais recursos financeiros para o projeto, que, agora sob sua intervenção, pode se formalizar como uma entidade, podendo realizar captação de recursos. Assim, como uma entidade sem fins lucrativos, a praça pode captar recursos de benefício fiscal. Fato que seria um avanço considerável nas ações do projeto.

No entanto, Bruno precisa convencer os gestores do poder público a assumir uma parceria de captação de recursos. Nessa investida de persuasão, quais informações ele precisa preparar? Como estruturar esse projeto? A quem ele deve recorrer? Essas são as questões que Bruno precisa solucionar para continuar seu projeto. Aproveitando a inspiração do Bruno, agora é hora de colocar em prática o desenvolvimento de um projeto para iniciar um grupo específico no esporte, apresentando suas especificidades, com detalhamento de contexto social e político, indicando impacto nesses âmbitos.

Não pode faltar

Caro aluno, nesta última seção da disciplina, chegamos ao ponto de contextualizar o cenário do esporte e da atividade física no âmbito das políticas públicas. Ou seja, que programas e iniciativas as instituições governamentais estão propondo para atender o direito do cidadão de acesso ao esporte?

As políticas públicas não são apenas relacionadas ao esporte, mas sim a todo tipo de atendimento que o cidadão tem direito. Dessa forma, é importante entender primeiro qual o conceito de políticas públicas.

Assim como tivemos que nos debruçar, mesmo que rapidamente, em questões da filosofia e psicologia para entender melhor aspectos do tecnicismo ou da síndrome do esgotamento, por exemplo, teremos que recorrer aos **conhecimentos da sociologia** para compreender com mais precisão o que são as políticas públicas. Tenha certeza que trazer esses conhecimentos para nossa área será de grande valia, tanto para a Educação Física como para a qualificação do profissional!

Como todo o conceito, não existe uma definição única para o termo políticas públicas. Numa ampla revisão de literatura (SOUZA, 2006), várias definições são desenhadas:

> Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas, e Lynn (1980) como um **conjunto de ações** do governo que irão **produzir efeitos específicos**. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a **soma das atividades dos governos**, que agem diretamente ou através de delegação, e que **influenciam a vida dos cidadãos**. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como "**o que o governo escolhe fazer ou não fazer**". A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz (SOUZA, 2006, p. 5, grifo nosso).

Preste atenção nos grifos realizados na citação anterior. Uma política pública, portanto, demanda de ações do governo para garantir efeitos específicos na vida dos cidadãos. No caso do esporte, até o fim do século XIX, as práticas esportivas eram entendidas como uma atividade informal e decentralizada, muitas vezes ligadas a tradições regionais ou religiosas, com papel do estado apenas naquelas que respondessem a algum interesse militar ou da elite.

No entanto, dado o crescimento e popularização do esporte, o surgimento de organizações foi necessário para organizar

e estabelecer condutas adequadas da prática esportiva. Mas apenas nos últimos 50 anos, o esporte passou a ser organizado e centralizado de forma sistemática pelos governos, colocando-o como objeto de política pública. Isso passa a ser considerado como uma necessidade, já que deve atender a uma demanda da população. Nesse contexto, destacam-se pelo menos quatro razões atuais para que os governos devam desenvolver políticas públicas em esporte:

- **Saúde pública**: o esporte pode ser um agente de prevenção de doenças, ou como recurso terapêutico, já que são vastas as evidências do papel terapêutico do exercício físico em doenças relacionadas ao comportamento sedentário.
- **Lazer e entretenimento**: a atividade esportiva deve ser levada ao grande espectro populacional, já que todos devem ter o direito de lazer e entretenimento através do esporte.
- **Estruturação do esporte profissional**: já que as competições internacionais e nacionais são parte da cultura, e precisam estar em conformidade com vários aspectos legais.
- **Desenvolvimento econômico**: o esporte pode ser um canal de desenvolvimento de novos mercados para produtos e serviços, e como um agente de combate às crises econômicas e o desemprego associado.

Reflita

A criação de políticas públicas pode atender a várias demandas. Dentre essas, a questões de ordem de saúde e lazer. Assim, quais outros interesses um governo que implanta uma política de esporte pode ter? Antes de seguir neste livro, a partir da sua experiência como cidadão, pense por cinco minutos: que outros benefícios e interesses estão sendo buscados com as políticas públicas em esporte? Olhe ao seu redor nas praças, nos espaços públicos, nas escolas municipais e estaduais.

Além disso, vale destacar que o incentivo do esporte já teve muito foco na **preparação para o serviço militar**. No início do século XIX, muitos países incentivaram a prática esportiva para preparar melhor os recursos militares em caso de guerras.

Numa visão mais restrita aos interesses políticos das políticas públicas, podemos entender que o esporte pode ser muito atrativo aos governantes, pelo menos por quatro motivos:

- **Comunicação com a população**: o esporte pode ser um veículo de grande efeito para a realização de comunicação em massa.
- **Identidade da nação**: a prática esportiva pode ampliar o conceito de nação.
- **Criação de realidade**: o esporte pode ajudar a criar uma realidade fictícia a favor de um interesse político, como a imagem de uma "nação fantástica".
- **Prestígio internacional**: incentivo ao esporte de rendimento e o resultado que este pode trazer em termos de representação nacional em eventos internacionais.

Assimile

Veja que as razões de se criar e executar políticas públicas podem atender a vários interesses. De um lado, pode beneficiar diretamente a população, como na melhoria da relação saúde-doença, aumento das oportunidades de lazer, bem como na geração de renda e emprego. Pelo lado dos governos, pode atender demandas internacionais, ou até mesmo para promulgação de ideologias e intenções políticas. Assim, todos esses interesses e razões das políticas públicas estão interligados, assim, o conhecimento de aspectos históricos, políticos e econômicos é fundamental para entender o real objetivo de um programa de esporte tido como política pública.

Feito o entendimento do que são as políticas públicas e como elas podem estar a serviço do fenômeno esporte, podemos nos ater a entender como funcionam algumas dessas iniciativas que compõem a atual política pública federal de esporte.

Não cabe aqui, nem é objetivo desse texto, detalhar todos os programas (o trabalho de Bueno (2008) traz uma grande revisão sobre o tema). Mas sim, a partir de alguns deles, analisar como funciona um programa inserido num contexto de política pública. Para tanto, podemos detalhar a Lei nº 11.438 de 29 de dezembro de 2006 (BRASIL, 2006), ou **Lei de Incentivo ao Esporte (LIE)**, que

trata dos incentivos fiscais para patrocinar projetos esportivos e foi regulamentado pelo decreto número 6.180, de 3 de agosto de 2007 (BRASIL, 2007).

Mas como assim, "incentivos fiscais"? Vamos lá, caro aluno, é preciso entender bem como isso funciona, mas é simples. As empresas (pessoas jurídicas) e pessoas físicas tem que declarar o imposto de renda. Muitas vezes, em especial nas empresas, parte desse rendimento ganho tem que ser pago em forma de imposto ao governo. A lei determina que uma parte desse imposto devido pode ser destinado a um projeto esportivo pelas determinações da LIE.

Em linhas gerais, segundo o manual da LIE (BRASIL, s.d.), é determinado que essa parcela do imposto deve obedecer aos seguintes valores:

- Pessoa física – pode deduzir até **6% do imposto** de renda devido.
- Pessoa jurídica tributada com base no lucro real – pode deduzir até 1% do imposto de renda devido. (Veja, nesse caso, que a empresa deve obedecer uma modalidade de declaração do imposto de renda denominada de "tributada com base no lucro real", que são empresas enquadradas no artigo 14 da Lei n. 9.718/98.)

Então, mas um projeto esportivo precisa de materiais, recursos humanos, *marketing*, administração, será mesmo que 1% do imposto dá conta de tudo isso? É muito possível que sim. Grandes empresas têm valores de imposto de renda muito elevados, e às vezes 1% pode representar vários milhares de reais, uma quantia que pode patrocinar um projeto de LIE.

Agora está tudo resolvido, é só pegar um projeto e pedir para a empresa patrocinar, certo? Não é bem assim. Para ser beneficiado pela LIE, o projeto tem que ser construído segundo normas da Lei e aprovado pela equipe técnica da LIE. Para ser proponente de um projeto de lei de incentivo ao esporte, esse deve ser pessoa jurídica que deve atender aos seguintes requisitos:

1. Não ter fins econômicos, ou seja, uma entidade que não tem objetivos de gerar lucros ou fins lucrativos.
2. Ser de natureza desportiva. No estatuto da entidade deve ficar claro que o objetivo da entidade é a promoção do esporte.
3. A entidade deve ter pelo menos um ano de funcionamento.

Nos termos da lei, podemos sintetizar:

> **Art. 3º: Para efeitos deste Decreto, considera-se: VIII – proponen-te: pessoa jurídica, de direito público, ou de direito privado com fins não econômicos, de natureza esportiva, que tenha projetos aprovados nos termos deste Decreto. (BRASIL, 2007)**

Reflita

Sabemos que existem muitas Organizações Não Governamentais (ONG), como associações esportivas, entidades, fundações, entre outras que têm projetos esportivos. No entanto, muitas ainda não conhecem a Lei de Incentivo ao Esporte. Assim, será que não cabe ao professor de Educação Física esclarecer e prestar orientação a essas entidades? Pense nisso!

Tudo bem, já sabemos quem pode ser o proponente do projeto, mas do que consta esse projeto? Qual é o modelo desse projeto? O Ministério do Esporte padronizou essa formatação e tudo é inserido num sistema denominado de SLIE (Sistema da Lei de Incentivo ao Esporte).

Podemos considerar que na primeira parte do projeto são detalhadas as características gerais, tais como:

I. Número de cadastro do proponente (todos os dados do proponente endereço, CNPJ etc.).
II. Identificação do projeto (título; manifestação desportiva e modalidades; localização).
III. Período de execução previsto.
IV. Breve descrição do público beneficiário (quantidade de pessoas e faixa etária).

Veja, a partir desse primeiro contato, podemos perceber como o projeto pode se caracterizar como uma ação dentro de uma política pública de esporte: apresenta um objetivo específico (desenvolvimento do esporte) para um público determinado.

Em seguida, podemos verificar que o projeto pede o detalhamento técnico. Essa seção é composta dos itens a seguir (MACKENZIE ESPORTE CLUBE, 2018).

V. Objetivos: deve citar o objeto do projeto e apresentar de forma clara e objetiva o que se pretende alcançar com o seu desenvolvimento.

VI. Metodologia: Descrever e detalhar o desenvolvimento, execução e a metodologia aplicada em todas as atividades do projeto. Apresentar as fases de execução do projeto, constando cronograma de atividades com períodos de cada ação. Grade horária, constando modalidades, número de turmas, quantitativo de beneficiários por turma, frequência semanal, de acordo com turnos e faixas etárias. Quadro de horário dos profissionais com frequência semanal, detalhando as atribuições de cada um. Apresentar os respectivos calendários dos eventos a participar ou a executar, especificando datas e duração. Apresentar o critério de seleção dos participantes e dos profissionais envolvidos.

VII. Justificativa: O motivo da proposta do projeto, sua importância para o desenvolvimento do esporte no país e/ou região geográfica de execução e justificativa da conveniência de utilização do apoio financeiro com recursos incentivados de que trata a Lei nº 11.438/06.

VIII. Metas qualitativas e quantitativas: Apresentar as metas de qualidade (quais os resultados e benefícios a serem alcançados, mensuráveis não numericamente) e as metas de quantidade (mensuráveis numericamente), ambas com respectivos indicadores (de que forma as metas serão aferidas) de acordo com os objetivos propostos.

Veja, estimado aluno, que nesse ponto é fundamental que o projeto tenha objetivos, método de execução, justificativas e indicadores muito bem alinhados, para que esse seja aprovado pela equipe técnica da LIE.

Assim, para que o projeto tenha essa coerência, o papel do professor de Educação Física é primordial e indispensável. Isso significa que todas as discussões que fizemos anteriormente sobre iniciação esportiva cabem muito bem nessa parte do projeto. Assim, não há outro profissional que deva ser consultado para elaborar um projeto de LIE, senão o professor de Educação Física. Esse, por sua vez, deve estar atento para realizar esse tipo de trabalho, como uma oportunidade de atuação profissional.

Evidentemente que a composição do projeto de LIE tem outros itens, como os orçamentos, que incluem gastos com recursos humanos, material de consumo/esportivo, encargos trabalhistas, serviços operacionais, divulgação/promoção, entre outros. Mas, evidentemente, a construção desses itens deve ser gerenciada por um profissional de Educação Física, devidamente capacitado em LIE.

Exemplificando

Um projeto para atendimento de várias modalidades esportivas, para atendimento de 300 crianças, com 2 profissionais de Educação Física e 2 estagiários, com a aquisição de todo o material esportivo, além da presença de um auxiliar administrativo e assessoria para prestação de contas, foi orçado em R$ 476.997,38 (contando que o projeto já tinha espaço físico da proponente). Assim, pela LIE, uma empresa com imposto de pelo menos R$ 4.769.973,80 poderia custear todo esse projeto, já que 1% desse valor, pela LIE, pode ser destinado a projetos aprovados pela LIE.

Podemos também destacar outro programa que está bastante presente no cenário nacional: o **Programa Segundo Tempo (PST)**. O nome é sugestivo, pois é caracterizado por atividades esportivas preparadas para serem aplicadas no contra turno escolar. Assim, para verificar sua característica de política pública, devemos analisar os objetivos e o público-alvo do programa.

O PST é um programa do Ministério do Esporte para aumentar e democratizar a prática esportiva sob o foco do esporte educacional. Ele é destinado à crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, com prioridade para aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade social e que estejam matriculados na rede pública de ensino.

O PST ocorre via implantação de núcleos esportivos, em parceria com entidades públicas e instituições federais de ensino. O custo do programa é feito diretamente pelo Ministério do Esporte, que tem orçamento específico para o PST, que custeia a aquisição de materiais e pagamento de recursos humanos.

Pesquise mais

O PST também incentivou a produção de material didático para a equipe técnica. São diversos materiais disponíveis nas temáticas de esporte e relatos da própria experiência do programa. Para ter acesso a esse acervo acesse o Ceme (Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)), no endereço <https://goo.gl/SXhEQW>. Disponível em: 28 mar. 2018.

A estrutura do PST é baseada na proposta do esporte educacional, como vimos anteriormente, pautadas nas dimensões do conteúdo de ordem conceitual, procedimental e atitudinal. Portanto, todas as discussões que tivemos sobre os procedimentos metodológicos da manifestação esportiva educacional são a base para entender a fundamentação pedagógica do PST.

Para estruturar o PST, a proponente deve enviar um projeto ao Ministério do Esporte, para viabilizar a parceria e desenvolver o programa.

Diferentemente de um projeto de LIE, que tem mais possibilidades de abordagens, o PST apresenta uma estrutura de esporte educacional, denominada núcleo, com atividades determinadas por faixa etária, como podemos observar a seguir:

- Faixa etária de 6 a 11 anos: são aplicadas práticas corporais de esportes, ginásticas, danças, lutas, capoeira, práticas corporais de aventura e atividades circenses.
- Faixa etária de 12 a 14 anos: são desenvolvidas duas práticas corporais, de modo a considerar aquelas que os beneficiados indicarem maior interesse e o fato de que devem ser pautadas nos princípios do esporte educacional.
- Faixa etária de 15 anos ou mais: o beneficiado poderá optar por apenas uma prática corporal educacional de acordo com o seu interesse pessoal, haja vista o intuito de lhe conferir liberdade de escolha.

Podemos verificar, até então, que os projetos de LIE e PST podem ser considerados ações no contexto de políticas públicas relacionadas ao esporte no Brasil. Eles são estruturados com base em projetos que apresentam diretrizes próprias, desde a composição conceitual, metodológica e administrativa.

Dito de outro modo, a construção de projetos de iniciação esportiva deve estar no foco de atenção de qualquer profissional de Educação Física, já que se torna uma ferramenta fundamental de atuação profissional e de democratização do esporte no país.

Evidentemente que existem muitas outras iniciativas federais de apoio ao esporte, tais como os programas: Luta Pela Cidadania (LPC), Programa de Esporte e Lazer da Cidade (PELC), Vida Saudável (VS), Canoagem Brasil, da Rede Cedes, Eventos Esportivos e de Lazer e Eventos Científicos do Esporte e Lazer da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte (SNELIS/ME), que buscam atender as demandas de ampliação e garantia do direito ao esporte da população brasileira. Além disso, é importante para o profissional de Educação Física verificar quais iniciativas estaduais e municipais estão sendo desenvolvidas para a criação de políticas públicas em esporte na sua região.

Sem medo de errar

Bruno precisa entender a demanda social para atender mais pessoas no projeto da praça de esportes. Visto que ele já havia conseguido formalizar a praça como entidade sem fins lucrativos, já é possível pensar em buscar recursos privados via Leis de Incentivo ao Esporte. No entanto, ele sabe que o canal de acesso às empresas da região é muito efetivo se for através de agentes do poder público. Assim, ele precisa organizar essa questão para angariar recursos para o projeto. Para tanto, ele pode lançar mão das seguintes ações:

- Clarificar o que é a LIE, em especial que não é um patrocínio direto, mas sim uma dedução do imposto de renda devido.

- Mapear as empresas da região que poderiam ser patrocinadoras, já buscando filtrar quais já têm alguma ação em esporte (porque pode fazer mais significado para essas empresas). Lembrando que essas empresas precisam declarar imposto de renda com base no lucro real (um contato com alguém da contabilidade da empresa pode esclarecer).

- Feito o mapeamento, delinear um pré-projeto com estimativas de custos, para determinar a ordem de grandeza do orçamento necessário, lembrando que mais de uma empresa pode fazer o patrocínio.

- Levar essas informações ao poder público (que pode ter muito relacionamento com as empresas), para construir uma agenda de captação e contatos para iniciar a captação de recursos.

- Juntar todos os dados e personalizar as apresentações para cada empresa, com destaque para as vantagens que a empresa pode ter em patrocinar um projeto esportivo (imagem perante a comunidade, ações de responsabilidade social, entre outras).

- Identificar a empresa proponente e estabelecer uma agenda de captação, incluindo a elaboração de uma carta de intenção de patrocínio, que pode acelerar a aprovação do projeto no Ministério do Esporte.

- Feito o acordo de captação com a empresa, ajustar o projeto segundo alguma demanda do patrocinador e programar a finalização do projeto dentro dos prazos do Ministério do Esporte.

- Assim que o projeto for aprovado e divulgado em diário oficial, acionar a empresa e orientá-la como fazer o depósito do patrocínio na conta bloqueada da entidade e emitir o recibo de captação para entregar a empresa, a fim de que ela inclua na sua declaração de imposto de renda.

Avançando na prática

Projeto de Lei de Incentivo ao Esporte Ajustado

Descrição da situação-problema

Elaborar um projeto de LIE e conseguir aprová-lo é um tremendo desafio. Além disso, após a aprovação, conseguir e viabilizar um patrocínio torna-se uma das tarefas mais difíceis e cruciais para o projeto. Nesse contexto, Milton, que coordena um projeto esportivo, ficou responsável pela captação de recursos de um projeto aprovado pela LIE. No entanto, ele não conseguiu todos os recursos necessários, para o projeto que estava com orçamento considerado baixo (R$ 256.650,00). O que ocorreu é que uma das empresas que havia prometido o recurso declinou na última hora e só foi realizado um depósito de R$125.000,00, por outro patrocinador. Assim, o que fazer para esse caso? Devolver o dinheiro para o único patrocinador e não executar o projeto? Ou manter o dinheiro e buscar mais captação? Nesse caso, o projeto ficaria parado?

Resolução da situação-problema

- O primeiro ponto é verificar se é possível conseguir rapidamente um outro patrocinador ou se a mesma empresa possa aportar o que havia prometido (muitas vezes, não fazem o depósito por não saberem como realizá-lo corretamente e ficam com medo de cair na malha fina da receita federal).

- Fazer contato no Ministério do Esporte (ME) e solicitar atualização e orientação sobre como executar o projeto com orçamento menor que o previsto.

- Nesse caso, o ME deve pedir um plano de trabalho ajustado. Isso significa que Milton deve apresentar um segundo projeto, que seja possível realizar com os recursos captados.

- Para tanto, ele deve ajustar desde as justificativas e métodos de trabalho ao orçamento do projeto.

- Deve ficar claro para o ME que, mesmo com redução, os beneficiários serão bem atendidos e toda a rotina dos projetos de LIE vai ser cumprida.

- Ademais, não se deve esquecer que a prestação de contas será realizada sob o novo orçamento, com tudo justificado em termos de adequação orçamentária.

- Para os interessados, deve ser esclarecido a possível diminuição de atendimento e ajustes no projeto.

- Por fim, Milton deve preparar, desde então, uma nova agenda de captação, para que ocorra a renovação do projeto em captação integral. Importante considerar que em projetos de renovação, o ME dá prioridade de aprovação.

Faça valer a pena

1. As políticas públicas de esporte podem ser compostas para atingir vários objetivos. Pode-se visualizar que programas de esporte podem desempenhar um papel importante na atividade do tempo livre, bem como na prevenção de enfermidades da população.

Dado esse contexto, sobre quais objetivos das políticas públicas o texto afirma, respectivamente?

a) Desenvolvimento Econômico; Estruturação do Esporte Profissional.
b) Saúde Pública; Desenvolvimento Econômico.
c) Estruturação do esporte profissional; Saúde Pública.
d) Lazer e entretenimento; Saúde Pública.
e) Lazer e entretenimento; Estruturação do esporte profissional.

2. A Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) possibilita que pessoas físicas ou jurídicas possam destinar parte do imposto de renda para projetos esportivos. Assim, proponentes devem construir projetos que estejam aptos para a captação de recursos.

Sobre as proponentes que podem captar recursos via LIE, é correto afirmar?

a) Devem ser propostos por entidades públicas estaduais.
b) Empresas com base no lucro real podem propor projetos apenas para esporte de rendimento.
c) Instituições sem fins lucrativos podem ser proponentes dos projetos de LIE.
d) Instituições de ensino superior com fins lucrativos devem ser proponentes.
e) Instituições com até um ano de funcionamento podem propor projetos.

3. As manifestações esportivas foram classificadas para balizar as abordagens de projetos esportivos. Assim, verifica-se que, na proposta dos projetos de LIE, podemos escolher qual manifestação abordar, agora no PST, já é predefinido, por aceitar projetos com uma manifestação esportiva específica.

Assim, qual manifestação esportiva se fundamenta o PST?

a) Esporte Educacional.
b) Esporte de rendimento.
c) Esporte de participação.
d) Esporte na escola.
e) Esporte Militar.

Referências

ARENA, Simone Sagres; BOHME, Maria Tereza Silveira. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 14, n. 2, p. 184-195, 2017.

BARBIERI, Fabio Augusto; BENITES, Larissa Cerignoni; MACHADO, Afonso Antonio. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da Psicologia do Esporte**, p. 207-225, 2007.

BRASIL. Decreto n. 6.180, DE 03 DE AGOSTO DE 2007. **Regulamenta a Lei n. 11.438, de 29 de dezembro de 2006, que trata dos incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo**. Brasília, DF, ago. 2007.

BRASIL. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. 2016. Disponível em: <www.esporte.gov.br/diesporte>.

BRASIL. **Diretrizes do Programa Segundo Tempo**. Brasília, DF, Ministério do Esporte, 2017. Disponível em <https://goo.gl/u9fLkw>. Acessado em 24/12/2017.

BRASIL. Lei de Incentivo ao Esporte. **Manual do Proponente**. Disponível em https://goo.gl/PGfxDh. Acessado em 24/12/2017.

BRASIL. Lei nº 11.438, de 29 de dezembro de 2006. Dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo e dá outras providências. Brasília, DF, dez. 2006.

BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese (doutorado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2008.

DA COSTA, L. **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. Disponível em: <https://goo.gl/KpvwwN>. Visualizado em 18/12/2017.

GILES-CORTI, Billie; DONOVAN, Robert J. The relative influence of individual, social and physical environment determinants of physical activity. **Social Science and Medicine**, v. 54, n. 12, p. 1793-1812, 2002.

MACKENZIE ESPORTE CLUBE - **Descrição do Projeto Nadar para o Futuro**. Disponível em: <https://goo.gl/eKbZXb>. Acesso em: 2 abr. 2018.

NUNOMURA, Myrian; CARRARA, Paulo Daniel Sabino; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 3, p. 305-314, 2010.

PIRES, Daniel Alvarez; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antônio. A síndrome de *Burnout* no esporte. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, v. 11, n. 3, p. 147-153, 2006.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional 2017 - **Movimento é Vida**: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/R2mho1>. Visualizado em 18/12/2017.

SOUZA, C. **Políticas públicas**: uma revisão da literatura. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez, p. 20-45, 2006.

VELARDI, M. **Pesquisa e ação em educação física para idosos**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 2003.

ISBN 978-85-522-0551-7

9 788552 205517 >